

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A Villa no “Triângulo Dourado” Algarvio

O turismo como agente de transformação

Rui Manuel Teófilo Patrício

(Licenciado)

Projecto Final de Mestrado Integrado em Arquitectura com
especialização em Arquitectura

Orientador Científico: Doutor Pedro Miguel Gomes Januário

Juri: Doutor José Jorge Boueri Filho

Vogal: Ricardo Jorge Fernandes da Silva Pinto

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Marco, 2019

Título: A Villa no “Triângulo Dourado” Algarvio – O turismo como agente de transformação

Aluno: Rui Manuel Teófilo Patrício

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: Março de 2019

I. RESUMO

O Algarve é a região mais a sul de Portugal, um grande anfiteatro natural dividido em 3 secções altimétricas meridionais, respectivamente, A Serra, o Barrocal e a Beira-Mar.

Esta topografia virada a Sul serviu como palco para o crescimento imobiliário com um público alvo assente no turismo de golf e balnear no início do sec. XX. O aumento do nível de vida Europeu nos anos após a Segunda Guerra Mundial incrementou as viagens internacionais e potenciou o investimento estrangeiro, principalmente por parte das nações do Norte da Europa.

O desenvolvimento do turismo imobiliário surgiu no Algarve na década de 1970, altura em que surgiram os “territórios do turismo”, aldeamentos como Vilamoura, Vale do Lobo e Quinta do Lago, que em conjunto com a cidade de Loulé definem uma zona nomeada de “Triângulo Dourado” Algarvio, em que se observam *tipos* residenciais como Hotéis, Apartamentos e Aldeamentos em que a Villa se insere como elemento-chave para a organização da paisagem evocando o conceito de *Villegiatura* que é transversal ao períodos Romano Rensacentista e Modernista.

Este ensaio propõe um projecto de uma *Villa* através da análise do genótipo do tipo *Villa* nos períodos mencionados.

PALAVRAS-CHAVE

habitação, Villegiatura, “territórios do turismo”, “Triângulo Dourado”, genótipo, Villa

Title: The Villa in the Algarve "Golden Triangle" – Tourism as a transformation agent

Student: Rui Manuel Teófilo Patrício

Masters: Mestrado Integrado em Arquitectura

Date: March 2019

II. ABSTRACT

The Algarve is the southernmost region of Portugal, a vast natural amphitheater divided into three meridian height sections, respectively, the Hill, the Barrocal and the Sea shore. This South facing topography was the stage for real-estate development targeting golf and beach seeking tourists in the beginning of the c.XX. The rise of wealth in Europe during the post-war years increased international travel and gave way to foreign investment, specially from the Northern Europe travelers.

The tourism real-estate development rose in the Algarve on the 70s, at the same time as the "tourist territories", leisure villages as Vilamoura, Vale do Lobo e Quinta do Lago that along with the city of Loulé define an area known as the Algarve "Golden Triangle", in which are found residential types such as Hotels, Apartments and Leisure Villages in which the Villa is inserted as a key element to organize the landscape evoking the *Villegiatura* concept which is transversal to the Roman, Renaissance and Modernism periods.

This document proposes an architectural project of a *Villa* through the analysis of genotype of the *Villa* type in the before mentioned periods.

KEYWORDS

Housing, Villegiatura, "tourist territories", "Golden Triangle", genotype, Villa

Apesar de todo o trabalho individual desenvolvido no presente Projecto Final de Mestrado, o mesmo foi um produto resultante do envolvimento crucial de indivíduos aos quais apresento a minha gratidão;

Ao orientador científico, o Prof. Doutor Pedro Miguel Gomes Januário, agradeço a capacidade única de evocar referências, inspirações e conhecimento nos momentos-chave.

Aos Sr.(s) Marco e Hugh Romão do departamento de Urbanismo da CMF; À Ana da Associação Islâmica de Silves (CELAS) agradeço pela atenção e disponibilidade que debitarão na fase de investigação.

Aos meus pais, António e Ana; á Hortense e Albertina agradeço o amor e incentivo.

À minha companheira, Kristina e à sua fantástica família, agradeço por todo o amor, paciência e companheirismo.

Muito Obrigado a todos.

Fig. 1: Tabela de Síntese das proporções reunidas por Rui de Klerk	
Fonte: PIRES, 2016, p.238.....	7
Fig. 2: Esquema de Neufert “do compartimento único ao palácio” dividido por zonas cromáticas	
Fonte: Ilustração do autor (adaptado de NEUFERT, 2013, p.146).....	10
Fig. 3: Ilustração da organização de uma Domus	
Fonte: Students guide to italian renaissance architecture: http://www.sgira.org/hm/villas1.htm	12
Fig. 4: Localização da <i>Villa</i> Laurentina	
Fonte: Ilustração do autor (adaptado de RICOTTI,1984).....	13
Fig. 5: Perspectiva Aérea ilustrada por Louis Pierre Haudebourt. (1838)	
Fonte: Students guide to italian renaissance architecture: http://www.sgira.org/hm/villas1.htm	14
Fig. 6: Planta da <i>Villa</i> Laurentina ilustrada por Louis Pierre Haudebourt. (1838)	
Fonte: Students guide to italian renaissance architecture: http://www.sgira.org/hm/villas1.htm	14
Fig. 7: Relação em planta entre a proporção Sacred Cut e Ad Quadratum ilustrado por C.M. Watts	
Fonte: WILLIAMS; OSTWALD, 2015, p.208.....	15
Fig. 8: Proporção Sacred Cut utilizada em alçado ilustrado por C.M. Watts	
Fonte: WILLIAMS; OSTWALD, 2015, p.210.....	15
Fig. 9: Análises de proporções em planta da Casa da Coluna Toscana	
Fonte: WILLIAMS; OSTWALD, 2015, p.209.....	16
Fig. 10: Análises de proporções em alçado da Casa da Coluna Toscana	
Fonte: WILLIAMS; OSTWALD, 2015, p.211.....	16

Fig. 11: Dimensões dos espaços e eixos de simetria da Villa Laurentina	
Fonte: Ilustração do autor.....	7
Fig. 12: Villa Zeno por Andrea Palladio que ilustra as alas de serviço	
Fonte: LEONI, 1715, p.104.....	19
Fig. 13: Planta da Villa Capra por Andrea Palladio	
Fonte: LEONI, 1715, p.65.....	19
Fig. 14: Alçado da Villa Capra por Andrea Palladio	
Fonte: LEONI, 1715, p.66.....	19
Fig. 15: Localização da Villa Capra nos subúrbios de Vicenza	
Fonte: Ilustração do autor.....	20
Fig. 16: Implantação da Villa Capra (Ilustração do autor)	
Fonte : Adaptado de http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbc-drawing.cgi/Villa_Capra.html/Villa_Capra_Site_Plan.html	20
Fig. 17: Unidade de medida Romana	
Fonte: MACIEL, 2010, p.126.....	21
Fig. 18: Homo bene figuratus	
Fonte : MACIEL, 2016, p.127.....	22
Fig. 19: Classificação dos templos de acordo com os intercolúnios	
Fonte : MACIEL, 2016, p.129.....	22
Fig. 20 : Cinco ordens arquitectónicas ilustradas por Sebastiano Sériio	
Fonte : LEONI, 1715, Vol.1, Anexos, p.1	22
Fig. 21: Dimensões dos espaços e eixos de simetria da Villa Capra	
Fonte: Ilustração do autor.....	24

Fig. 22: The Parthenon, 447-434 B.C.	
Fonte: LE CORBUSIER, 1986, p.135.....	26
Fig. 23: Delage, "Grand Sport", 1921	
Fonte: LE CORBUSIER, 1986, p.135.....	26
Fig. 24 : Maison Dominó with no site by Le Corbusier	
Fonte:	
http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5972&sysLanguage=en-en&itemPos=103&itemSort=en-en_sort_string1+&itemCount=215&sysParentName=&sysParentId=65	26
Fig. 25: Localização da Villa Stein em Garches, Paris	
Fonte: Ilustração do autor.....	27
Fig. 26: Esboço de Le Corbusier para a Villa Stein	
Fonte: Ilustração do autor (Adaptado de http://cargocollective.com/josejaraiz/Villa-Stein-Investigacion).....	27
Fig. 27: Progressão de proporções e relações antropométricas por Le Corbusier	
Fonte: (Montagem do autor) LE CORBUSIER, 1954, pt. 38,39,40.....	28
Fig. 28: Dimensões dos espaços da Villa Stein	
Fonte: Ilustração do autor.....	29
Fig. 29: Análise gráfica das proporções dos pés-direitos da Villa Stein	
Fonte: Ilustração do autor.....	30
Fig. 30: Fotografia de uma turista a passear numa praia de pescadores Algarvios by Arutur Pastor	
Fonte: https://observador.pt/2015/09/27/20-fotografias-de-um-algarve-que-ja-nao-existe/	33

Fig. 31: Definição geográfica das zonas marcantes do Algarve

Fonte: CCDR-ALG

<https://web.ccdr-alg.pt/sids/indweb/indicador.asp?idl=240&idt=4>.....34

Fig. 32: Variação da população residente entre 1991 e 2001

Fonte: (adaptado de INE 2001) CCDR-ALG, 2005, p.11.....35

Fig. 33: Alojamentos construídos entre 1991 e 2001

Fonte: (adaptado de INE 2001) CCDR-ALG, 2005, p.14.....35

Fig. 34: Mapa de Portugal comparado com o mapa do Algarve

Fonte: (ilustração) FERNANDES & JANEIRO, 2006, p.8.....35

Fig. 35: Localização das zonas que formam o “Triângulo Dourado” Algarvio

Fonte: Ilustração do autor.....37

Fig. 36: Mapa de Zonamento de Vilamoura

Fonte: <http://cantino.cm-loule.pt/regulamentos/regulamentos.htm>.....39

Fig. 37: Mapa de Zonamento de Vale do Lobo, Fase 3

Fonte: <http://cantino.cm-loule.pt/regulamentos/regulamentos.htm>.....40

Fig. 38: Mapa de Zonamento de Quinta do Lago

Fonte: <http://cantino.cm-loule.pt/regulamentos/regulamentos.htm>.....41

Fig. 39: Organização de espaços da *Villa Romana de Milreu*

Fonte: Roteiro de visita guiada obtido no local da *Villa*.....45

Fig. 40: Esquema de implantação e eixos de simetria da *Villa Laurentina*

Fonte: Ilustração do autor.....46

Fig. 41: Organograma da organização interna da <i>Villa</i> Laurentina	
Fonte: Ilustração do autor.....	47
Fig. 42: Análise das proporções interiores e do traçado regulador da <i>Villa</i> Laurentina	
Fonte: Ilustração do autor.....	48
Fig. 43: Vista Frontal da <i>Villa</i> Capra	
Fonte:	
http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbi.cgi/Villa_Capra.html/cid_2462234.html	51
Fig. 44: Esquema de implantação da <i>Villa</i> Capra	
Fonte: Ilustração do autor.....	51
Fig. 45: Organograma da organização interna da <i>Villa</i> Capra	
Fonte: Ilustração do autor.....	52
Fig. 46: Análise gráfica das proporções interiores e do traçado regulador da <i>Villa</i> Capra	
Fonte: Ilustração do autor.....	53
Fig. 47: Frente de rua do Projecto "Milagre" de Faro por Manuel Gomes da Costa	
Fonte: AGAREZ, 2016, p.208.....	55
Fig. 48: Planta do 1º Piso do Projecto "Milagre" de Faro por Manuel Gomes da Costa	
Fonte: AGAREZ, 2016, p.298.....	55
Fig. 49: Vista Frontal da <i>Villa</i> Stein	
Fonte:	
http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5525&sysLanguage=en-en&itemPos=76&itemCount=78&sysParentId=64&sysParentName=home	56
Fig. 50: Esquema de implantação da <i>Villa</i> Stein	
Fonte: Ilustração do autor.....	56

Fig. 51: Organograma da organização interna da <i>Villa Stein</i>	
Fonte: Ilustração do autor.....	57
Fig. 52: Análise gráfica das proporções interiores e do traçado regulador da <i>Villa Stein</i>	
Fonte: Ilustração do autor.....	58
Fig. 53: Vista aérea da Quinta do Lago	
Fonte: https://www.quintadolago.com/pt/o-resort/a-nossa-historia/	62
Fig. 54: Grupo de imagens recolhidas do site de Ricador Bak Gordon	
Fonte: (Montagem do autor)	
http://www.bakgordon.com/200_projects/210_select_projects/210_0001_boliqueime/0001_boliqueime_01.htm	64
Fig. 55: Localização do C.E.1 no plano da Quinta do Lago	
Fonte: Ilustração do autor.....	65
Fig. 56: Vista da entrada e alçado lateral direito (O) do C.E. 1	
Fonte: http://www.cidadevirtual.pt/blau/moura/algarve/84a_b.jpg	65
Fig. 57: Vista do logradouro e alçado lateral direito (S) do C.E. 1	
Fonte: http://www.cidadevirtual.pt/blau/moura/algarve/85a_b.jpg	65
Fig. 58: Esquema de implantação do C.E.1	
Fonte: Ilustração do autor.....	66
Fig. 59: Organograma da organização interna do C.E.1	
Fonte: Ilustração do autor.....	67
Fig. 60: Dimensões dos espaços do C.E.1 – R/Chão	
Fonte: Ilustração do autor.....	68
Fig. 61: Análise gráfica das proporções do pé-direito do C.E.1	

Fonte: Ilustração do autor.....	69
Fig. 62: Análise gráfica das proporções interiores do C.E.1	
Fonte: Ilustração do autor.....	69
Fig. 63: Localização do C.E.2 no plano da Quinta do Lago	
Fonte: Ilustração do autor.....	70
Fig. 64: Vista do terraço do logradouro do C.E.2	
Fonte: https://toposatelier.com/en/portfolio/casa-quinta-do-lago/	70
Fig. 65: Vista da lagoa para o logradouro do C.E.2	
Fonte: https://toposatelier.com/en/portfolio/casa-quinta-do-lago/	70
Fig. 66: Esquema de implantação do C.E.2	
Fonte: Ilustração do autor.....	71
Fig. 67: Organograma da organização interna do C.E.2	
Fonte: Ilustração do autor.....	72
Fig. 68: Dimensões dos espaços e eixos de simetria do C.E.2 – R/Chão	
Fonte: Ilustração do autor.....	73
Fig. 69: Dimensões dos espaços e eixos de simetria do C.E.2 – 1º Andar	
Fonte: Ilustração do autor.....	73
Fig. 70: Análise gráfica das proporções dos pés-direitos do C.E.2	
Fonte: Ilustração do autor.....	74
Fig. 71: Análise gráfica das proporções interiores do C.E.2	
Fonte: Ilustração do autor.....	75

Página intencionalmente em branco

Fig. 72: Frente do Lote nº10 do plano da Quinta do Lago

Fonte: Ilustração do autor.....77

Fig. 73: Mapa geral da Quinta do Lago – Lotes e equipamentos

Fonte: <https://www.algarverestate.com/algarve-guide/algarve-maps/map-quinta-do-lago/>.....79

Fig. 74: Localização do Lote de implantação

Fonte: Ilustração do autor.....80

Fig. 75: Esquema de implantação para a Proposta

Fonte: Ilustração do autor.....81

Fig. 76: Organograma da organização interna da Proposta

Fonte: Ilustração do autor.....83

Fig. 77: Análise gráfica das proporções base para a Proposta

Fonte: Ilustração do autor.....84

Tabela 1: Proporções da altura dos espaços interiores descritos por Palladio	
Fonte: Ilustração do autor.....	23
 Tabela 2: Relações de proporções em planta da Villa nos períodos Romano, Renascimento e Modernismo	
Fonte: Ilustração do autor.....	60
 Tabela 3: Análise da altura das proporções segundo as zonas	
Fonte: Ilustração do autor.....	61

RESUMO.....	III
ABSTRACT.....	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
INDICE DE IMAGENS.....	VI - XIV
INDICE DE TABELAS.....	XV
 INTRODUÇÃO.....	 1
I. TEMÁTICA.....	1
II. ÂMBITO.....	2
III. OBJECTIVOS.....	3
IV. METODOLOGIA.....	4-5
 V. ESTADO DA ARTE - O ARQUÉTIPO DE VILLA	 6
PERIODO ROMANO.....	12
PERIODO RENASCENTISTA.....	18
PERIODO MODERNISTA.....	25
O GENÓTIPO DO TURISMO.....	31
 CAPITULO I – LEVANTAMENTO HISTORICO.....	 33
VI. O ADVENTO DO TURISMO NO ALGARVE.....	34
VII. A VILLA NO “TRIÂNGULO DOURADO” ALGARVIO - ROMANO.....	44
VIII. A VILLA NO “TRIÂNGULO DOURADO” ALGARVIO - RENASCIMENTO....	49
IX. A VILLA NO “TRIÂNGULO DOURADO” ALGARVIO - MODERNISMO.....	54
SÍNTESE.....	59
 CAPITULO II – CASOS DE ESTUDO.....	 62
X. CASO DE ESTUDO 1 – CASA NA QUINTA DO LAGO.....	65
XI. CASO DE ESTUDO 2 – CASA NO “ALGARVE”	70
SINTESE.....	76
 CAPITULO III – PROPOSTA DE UM PROJECTO DE ARQUITECTURA.....	 77
XII. PROPOSTA DE UM PROJECTO DE ARQUITECTURA.....	78
XIII. PROJECTO - VILLA PINO.....	81
 XIV. CONCLUSÕES.....	 86
BIBLIOGRAFIA.....	87
LISTA DE ANEXOS.....	91
XV. ANEXOS.....	92

I. TEMÁTICA

A VILLA NO TRIÂNGULO DOURADO ALGARVIO

O presente documento, em conjunto com o Projecto Final de Mestrado, aborda o conceito do tipo residencial *Villa*, habitação de carácter nobre em “territórios do turismo”, na região do Algarve desenvolvendo uma análise à forma de ocupar e organizar o espaço e as dinâmicas sócio-económicas que surgiram da integração do turismo na região do Algarve. O recente crescimento do investimento imobiliário na Região Algarvia que emergiu desde 2014 até à actualidade, à semelhança das décadas de 1960-80, devido à elevada procura por parte das culturas do Norte da Europa com maior poder económico que encontram no Algarve um território balnear com bom clima, elevado valor imobiliário e infra-estruturas turísticas ou “territórios do turismo”¹, que permitem a habitação de lazer permanente.

Localizado na região mais a sul de Portugal, o Algarve subdivide-se em três zonas topográficas: a Serra; o Barrocal; e o Litoral, as quais formam um anfiteatro natural orientado a Sul.

De toda a região do Algarve o concelho como mais centralização de serviços e “territórios do turismo” é o concelho de Loulé, localizado no Barrocal e no Litoral Algarvio, que contém um conjunto de aldeamentos contínuos nomeado “Triângulo Dourado” Algarvio.²

O “Triângulo Dourado” é uma confluência de “territórios do turismo” com elevados valores imobiliários entre os quais se destacam os aldeamentos contínuos de Vilamoura, Vale do Lobo e Quinta do Lago.

Nestes “territórios do turismo” existem vários tipos residenciais entre as quais se identificam dois grupos principais: os complexos hoteleiros que incluem os Hotéis e Aparthoteis; e as habitações individuais que incluem os aldeamentos contínuos e as *Villas*.

Devido ao uso, escala e dinâmica com o espaço urbano, a *Villa* é o tipo mais difundido nesta região do sul de Portugal, a sua forma e tipo têm sido moldadas ao longo da história evidenciando um elevado nível sócio-económico dos seus proprietários devido ao uso de materiais nobres e espaços generosos.

¹ FERNANDES & JANEIRO, 2006, pg.110

² HASS & JANOSCHKA, 2013, pg.81

II. ÂMBITO

O âmbito deste documento tem como ênfase a contextualização histórica e enquadramento teórico da realização de uma proposta de um projecto de Arquitectura de uma *Villa* inserida no “Triângulo Dourado” Algarvio. Actualmente esta é um tipo residencial de carácter nobre com fim recreativo que se insere em “territórios do turismo”.

Sendo o Algarve uma região de Portugal com um vasto legado histórico e cultural devido às suas pré-existências, que datam da Pré-História à Contemporaneidade, esta região sempre teve um elevado desenvolvimento económico ligado á indústria agrícola e piscatória, só a partir de 1970 se iniciou o crescimento de população, maioritariamente estrangeira, devido ao aumento da procura de atividades turísticas na região Algarvia, assim, embora seja necessário um levantamento dos tipos residenciais existentes, foge ao âmbito deste trabalho a análise sequencial da evolução da *Villa* no território Algarvio, bem como a descrição integral dos tratados Arquitectónicos que geraram o tipo da *Villa*, logo os parâmetros a analisar serão a implantação, a organização interna e as proporções.

Foram escolhidos três momentos de análise: o período Romano e a *Villae*, o do séc.XVI e a Quinta de Recreio e o Modernismo Internacional, sendo o último um momento de charneira no qual se introduz o tipo de *Villa* Modernista. Incluído nesta análise estará a descrição e escolha do local de intervenção na zona geográfica do Triângulo Dourado Algarvio, área na qual as *Villa* são abundantes, e sendo assim possível observar as variantes morfológicas de implantação, orientação e arranjos exteriores.

As razões pelas quais foram escolhidos os “territórios do turismo” que compõem o “Triângulo Dourado” algarvio têm como base a geografia destes locais cuja morfologia fica na base do vale Algarvio e integrados em planos urbanos consolidados; em termos históricos estes territórios estão estrategicamente localizados tendo acesso fácil a eixos viários e a centros urbanos, cujo local perdura desde os Romanos; em termos técnicos estes territórios reúnem as condições essenciais para usufruir da *Villa* já que a densidade populacional baixa permite desfrutar de forma despreocupada uma vivência interior e exterior óptima para o lazer.

III. OBJECTIVOS

O objetivo do presente trabalho é elaborar uma proposta de um projecto para uma *Villa* implantada nos “territórios do turismo” do “Triângulo Dourado” Algarvio.

Para isso será feito o levantamento histórico dos momentos charneiros da origem da *Villa* e da sua evolução, assim será possível identificar os elementos que a caracterizam, bem como os tipos e as suas proporções existentes em três períodos relevantes da sua evolução: o Romano, o Renascentista e o Modernista. Todos estes momentos têm dois aspectos em comum: o pináculo da cultura em que se inseriam, justificando a inserção do conceito de *Vilegiatura* na medida em que a sociedade era suficientemente rica, económica e cultural, para gerar classes sociais que pudessem gozar deste modo de vida. O segundo aspecto é que todos estes períodos geraram tratados arquitectónicos, havendo assim um conjunto de regras de justificam o traçado destas edificações.

O próximo objectivo baseia-se na identificação das Villas presentes no local de intervenção que tenham estes modelos históricos na sua génese e assim analisar os elementos morfológicos retidos em cada uma. O enquadramento sócio-económico terá grande preponderância nesta análise pois permitirá compreender as alterações sofridas aos traçados originais presentes na tratadista de cada época.

Será gerada uma síntese de elementos morfológicos e de tipo que iram justificar a metodologia de projecto das *Villas* actuais através da análise de casos de estudo presentes no “Triângulo Dourado” Algarvio.

A proposta de um Projecto de Arquitectura de uma *Villa* será baseado nestes parâmetros e também na análise da morfologia urbana e legislativa de forma a enquadrar a escala e estudo do objeto com a envolvente.

IV. METODOLOGIA

CAPÍTULO I - A origem da Villa Algarvia

Através do estudo do tipo das *Villas* que tem origens Romana, Renascentista e Modernista é possível criar uma síntese dos elementos marcantes destes edifícios a nível da implantação, organização interna e proporções nas *Villas* em análise. Cada uma destas épocas geraram tratados arquitectónicos que guiavam a forma de projectar, assim na época Romana será analisado as *Villas* de Pompeia e Herculano e também das leituras de Vitruvius; no período Renascentista será analisado as reflexões de Palladio sobre as suas *Villas* que se baseavam no tratado de Alberti e Sebastiano Serlio a nível das proporções; no movimento Moderno serão analisadas as *Villas* Modernistas que têm como base as contribuições aportadas por Le Corbusier para a formulação de uma nova linguagem estética e arquitectónica.

Com base nos elementos marcantes será gerado um genótipo para a análise dos tipos de *Villa* presentes na região Algarvia.

As épocas a analisar na região Algarvia serão o período Romano (séc. 300 A.C. a 400 D.C.), o período Renascentista (séc.XVI) e o período Modernista (séc.XX), através de do estudo dos tipos presentes no Algarve ao longo das épocas descritas será possível estabelecer parâmetros que informem a proposta do projecto de uma *Villa*.

CAPÍTULO II - Casos de Estudo

Devido a que os parâmetros legislativos da construção a nível nacional e regional são muito diferentes na actualidade do que eram nos períodos mencionados no Capítulo I, o período temporal de análise dos casos de estudo será compreendido de 1990 a 2010, assim serão analisados três casos de estudo que consideramos emblemáticos, um por cada década, em cada um das décadas será escolhida uma *Villa* em que seja identificável os parâmetros analisados no Capítulo I para assim elaborarmos um quadro síntese.

Será igualmente produzido uma matriz de todos os parâmetros examinados com uma relação temporal de forma a evidenciar as possibilidades que iram ser confrontadas com o estado da arte e com os casos de estudo.

CAPÍTULO III - Proposta de um Projecto de uma *Villa* no “Triângulo Dourado” Algarvio

O estudo elaborado no capítulo III pretende mostrar a procura actual de espaços privados de habitação permanente na zona do “Triângulo Dourado” Algarvio, no entanto será necessário analisar os locais disponíveis e passíveis de sofrerem tal intervenção a nível legislativo sendo assim contemplados o PDM e REMUE para definir os limites que cada loteamento terá no contexto suburbano.

Será através das técnicas de exploração do objecto arquitectónico (estudos de análise gráfica de: implantação, definição do objecto através da análise de massa, superfície, planos e exploração em maqueta, métodos construtivos, materiais e ilustrações) que serão desenvolvidos os parâmetros anteriormente recolhidos;

Também será feito um estudo de materialidades resultante dos parâmetros recolhidos nos casos de estudo e estarão enquadrados com os materiais naturais da região.

Com os resultados das premissas obtidas no ponto anterior e também com as sínteses do Capítulo I e II será elaborado um programa que tentará responder às necessidades locais sendo feita uma proposta de implantação no loteamento escolhido com base na análise urbana de forma a deliberar a área de intervenção, aplicar o programa base e de seguida implementar todos os elementos recolhidos até então.

Será assim elaborada uma proposta que será demonstrada através de planificações de escalas variadas, estudos gestálticos, prespectivas, estudos de volume, maquetas de estudo/finais e também várias visualizações tridimensionais esquemáticas e de montagem em elementos fotográficos.

V. O ARQUÉTIPO DE VILLA

A *Villa* é uma habitação de carácter nobre que detém um elevado grau de complexidade na distribuição interna de espaços. O seu aspecto exterior revela uma presença opulenta que pretende reflectir o poder económico e social de quem a possui. Esta está por norma inserida num local periférico, ou rural, de uma cultura próspera, que possui uma rede vasta de vias de comunicação e um centro económico que lida com vários sectores de negócios.

A *Villa* é um conceito desenvolvido na comunidade Romana que teve como génese da organização interna de espaços as Domus e Insulae Romana, os vários documentos que definem as *Villas* são as ruínas de Herculaneum e Pompeia, as cartas de Plínio-o-Jovem e alguns contributos de Vitrúvio presentes no seu tratado de Architectura redigido para o Imperador Augusto. Será importante clarificar que estes escritos só foram difundidos anos mais tarde no final da Idade Média, traduzidos por Mestres Renascentistas.

Esses tratados continham ilustrações que mostravam a harmonia e proporção da forma humana e a sua relação com a arquitectura através das ordens que definiam os estilos, tais conceitos definiram a vertente do Humanismo; o homem de Vitrúvio (Leonardo Da Vinci), as proporções AdQuadratum e SacredCut (traduzidas por Alberti), a proporção Aurea, Diagona, Raiz de Três (presentes no tratado de Serlio) e também o modulator de Corbusier. Todos estas métricas evoluíram da relação do homem com o espaço construído e formam o genótipo do espectro habitação residencial, no qual se inclui a *Villa*. As várias teorizações da arquitectura modernista, tal como todas as investigações, tiveram como base os tratados Renascentistas e estes tiveram como base os escritos da Antiguidade Clássica, conclui-se que as teorias desenvolvidas eram parte de um continuum.

Da mesma forma que os últimos, os sistemas de proporções mantiveram-se inalterados ao longo dos tempos, talvez uns fossem descartados em prol de novos que foram descobertos, mas muitos continuaram a ser utilizados, assim propõe-se a utilização da síntese levada a cabo por Rui de Klerk³ que sumariza os sistemas de proporção descritos no tratado de Sebastiano Serlio. Esta síntese irá servir de base de análise aos sistemas de proporções.

³ GIL PIRES, 2010, p.238















Proporções-Hipótese	Razão (R1)	Valor
Quadro Perfetto * 	1: 1	1,000
Dois / Raiz de três 	2: $\sqrt{3}$	~ 1,155
Raiz de três / Raiz de dois 	$\sqrt{3}$: $\sqrt{2}$	~ 1,225
Sesquiquarta * 	5: 4	1,250
Sesquitertia * 	4: 3	~ 1,33(3)
Diagonea * 	$\sqrt{2}$: 1	~ 1,414
Sesquialtera * 	3: 2	1,500
Áurea 	$(1 + \sqrt{5})$: 2	~ 1.618
Superbitartiens Tertias * 	5: 3	~ 1,66(6)
Raiz de três 	$\sqrt{3}$: 1	~ 1,732
Doppia * 	2: 1	2,000
Combinação A 	$(2 + \sqrt{3})$: $\sqrt{3}$	~ 2,155
Combinação B 	$(1 + \sqrt{2})$: 1	~ 2.414
Combinação C 	$(2 \times \sqrt{2})$: 1	~ 2,828

Figura 1 – Tabela de Síntese das proporções reunidas por Rui de Klerk

Será, no entanto, necessário distinguir a *Villa Urbana* da *Villa Suburbana*;

*A (“villa”) é uma casa em contexto rural projectada para o bem estar e recreio do seu proprietário. Podendo ser o centro de uma exploração agrícola, o factor lazer é o que distingue a (“villa”) da casa de campo e a quinta de recreio da propriedade agrícola. A casa de campo apresenta-se normalmente com um programa simples e mantém as formas tradicionais, que não exigem a intervenção de um arquitecto. A (“villa”) é por excelência, o produto da imaginação de um arquitecto e exprime a sua contemporaneidade.*⁴

*Na Roma antiga, havia dois tipos de “Villa”, a suburbana, de modesta escala e onde o seu detentor se deslocava por algumas horas para alcançar o devido repouso, e a rústica, que fazia parte de uma propriedade agrícola e acomodava a família e o pessoal doméstico durante largos períodos. Esta distinção, referida por Alberti, subsiste nas “ville” do Renascimento e posteriores, que podem ser de dois tipos: as que constituem como centro de uma actividade agrícola e as que se reduzem essencialmente a espaços lúdicos, “per simplice diletto”, ainda que o “diletto” possa incluir a prática de alguma arquitectura. Neste caso, a “villa” está directamente dependente, na sua construção e manutenção, de rendimentos, auferidos por outras actividades, necessariamente ligadas á cidade”*⁵

Gil Pires conclui que o programa arquitetónico da *Villa* suburbana se manteve inalterado desde o Renascimento tornando esta única em relação a outros tipos arquitetónicos, este facto prende-se ao ideal inalterado de *Villegiatura* que identifica a relação espacial entre a *Arquitectura* e a envolvente, resultando na fruição de espaços exteriores e vistas desafogadas próprios para actividades de repouso, reflexão e lazer, únicos na sua lógica urbana mas implantados em contexto suburbano ou rural.

⁴ Cit. GIL PIRES, 2010, pg.29

⁵ Cit. GIL PIRES, 2010, pg.30

«O Genótipo corresponde à colecção de genes que o indivíduo é dotado aquando a sua concepção e que resultam de um conjunto de genes provenientes do pai e da mãe, ou seja, é a constituição genética de um indivíduo/conjunto das determinações herdadas que podem, ou não, exprimir-se conforme as características do meio onde ocorre o desenvolvimento.»

«O Fenótipo corresponde à aparência do indivíduo, isto é, ao conjunto de caracteres observáveis nele - caracteres anatómicos, fisiológicos e morfológicos - que resultam da interacção do genótipo com o meio onde o indivíduo se desenvolve. É portanto, o conjunto de caracteres individuais de origem genética que recebam modificações decorrentes da relação com o meio.»⁶

Ao longo dos tempos o tipo da Villa tem mantido uma estrutura interna constante sendo assim considerado um genótipo deste tipo arquitectónico, já a sua morfologia tem sofrido alterações que são um reflexo da época em que se insere sendo assim considerado um fenótipo.

«Quartrémère de Quincy dice que no se debe confundir el tipo con el modelo. Un modelo se copia, se imita exatamente; um tipo es uma idea general de la forma del edificio, y permite cualquier posibilidad de variación, naturalmente dentro del ámbito del esquema general del tipo.. »

«Ahora bien, si tratamos de analizar qué es el tipo, debemos ante todo establecer niveles. La tipología arquitectónica tiene niveles distintos. Por ejemplo, podemos concebir un tipo de planta, una planta longitudinal que posea una simetria bilateral, o una planta central que posea una simetria radial, no es indispensable que a estos dos tipos de planta corresponda necesariamente una función particular del edificio.»⁷

Argan clarifica o uso de um módulo como uma forma desinformada e mímica de conceber um projecto de arquitectura, incentivando a flexibilidade na definição de espaços que serão definidos conforme a função e consequência do programa.

⁶ HORTA, 2012

⁷ ARGAN, 1973, pt.29,30

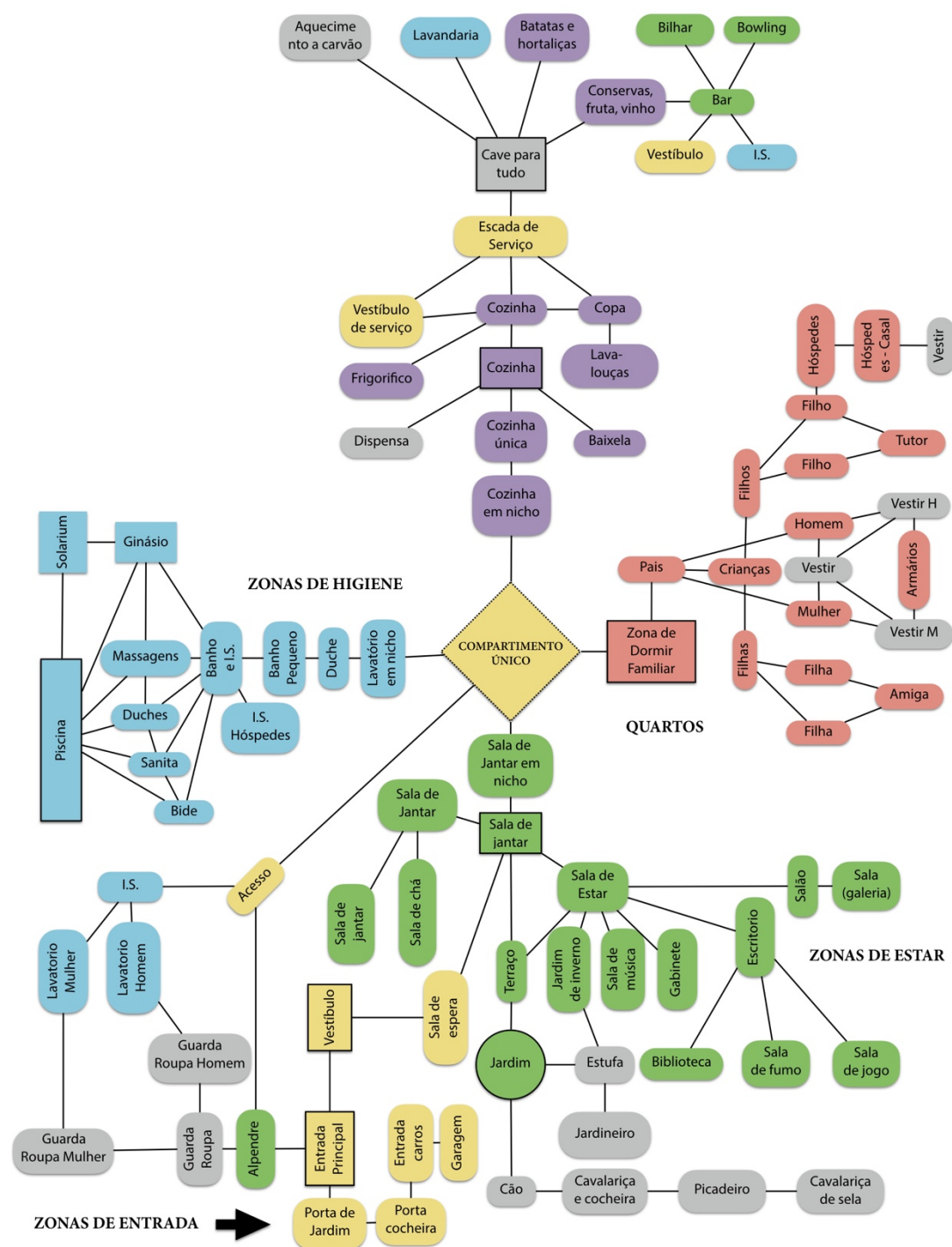


Figura 2 – Esquema de Neufert “do compartimento único ao palácio” dividido por zonas cromáticas

(Ilustração do autor adaptado de NEUFERT, 2013, p.146)

Tomando como base de análise o organograma desenvolvido por Neufert, que mostra a complexidade máxima de uma habitação partindo de um compartimento único até ao palácio, contrapondo com os arquétipos em análise, será possível concluir qual a organização que mais se assemelha ao tipo de *Villa* e quais os espaços que persistiram e os que foram substituídos por outros, devido à evolução das épocas e culturas, pelo que é possível remover certos espaços que são intrínsecos a certas épocas. Sugere-se a divisão de espaços por grupos cromáticos, assim é observável 4 nichos:



Observa-se que esquema de Neufert não contempla as Instalações Sanitárias(I.S.) ligadas a uma ou várias Zona de Repouso, pensamos que a intenção deste esquema não pretende definir um modelo mas um tipo e assim não condicionar as possibilidades do programa, no entanto, decidimos que de forma a existir uma coerência visual entre as planimetrias, organogramas e esquema de proporções, iremos seguir a organização das ligações reais das planimetrias ao invés de criar nichos de zonas. Não iremos analisar as áreas exteriores identificadas nas zonas de estar e zonas de serviço e acessos devido a que estas são uma consequência do lote e nunca terão um valor quantificável.

Existem no entanto outras zonas que estão marcadas a amarelo que representam os acessos e outras que estão marcadas a cinza que representam os serviços, como se pode observar no organograma de Neufert a forma de chegar aos nichos é feita através de um acesso principal para uma zona de distribuição e o acesso aos serviços é sempre feito através dos nichos, esta estratégia promove a criação de uma hierarquia de espaços progressiva partindo do espaço mais público para o mais privado.

Para simplificar o processo de análise gráfica das proporções da *Villa* a correspondência cromática a cada nicho irá agrupar os corpos a analisar em cada planimetria, unificando assim a linguagem para o quadro síntese.

Para distinguir os parâmetros constantes dos mutáveis presentes no Arquétipo de *Villa* as próximas considerações visitam essas características que definem o genótipo da *Villa* através da análise de três momentos históricos que coincidem com os apogeus da civilização ocidental: O Período Romano, o Período do Renascimento e o Período Modernista.

V. PERIODO ROMANO

A *Villa* Romana teve como génese as habitações da Grécia Antiga no período em que começa a surgir a necessidade da casa privada em ambiente urbano, as casas eram vivenciadas no interior através de um pátio. As primeiras habitações (Romanas) urbanas tinham dois tipos base, a *Insulae* que era uma habitação simples com separação de estar, preparação e repouso; e a *Domus* que era uma habitação de aristocratas, designados por Patrícios, que era dividida em dois espaços principais que continham dois pátios, o impluvium e o peristilum em torno dos quais se organizava a casa, sendo o impluvium a zona de produção comercial no qual estavam localizados espaços “húmidos” devido à gestão otimizada da água.

Após a nossa análise aos documentos de Vitruvius (descreveu os tipos residenciais em contexto urbano), as cartas de Plínio-o-Jovem e os estudos recolhidos das escavações de Herculano e Pompeia, conclui-se que a estrutura da *Domus* tem algumas semelhanças com a *Villa* como o atrium e o peristilo e os espaços adjacentes aos mesmos.

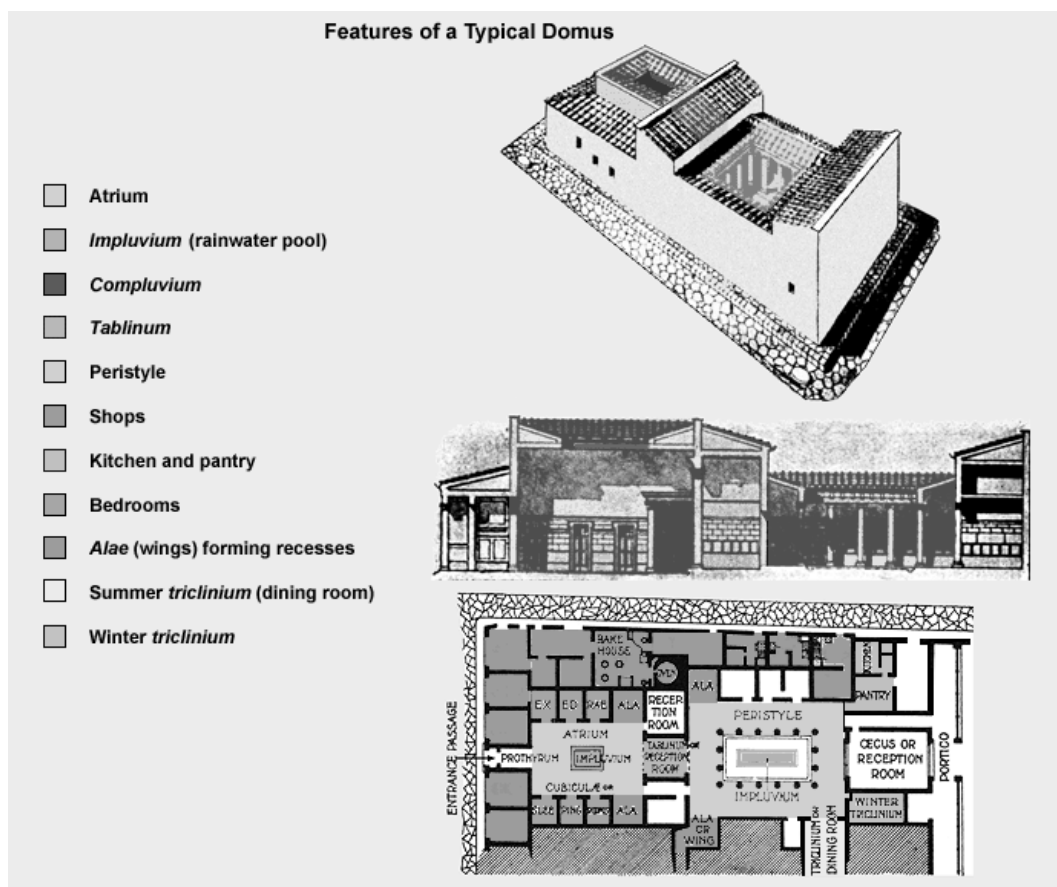


Figura 3 – Ilustração da organização de uma Domus

V. PERIODO ROMANO – LOCAL E IMPLANTAÇÃO

A *Villa* provém do conceito de *Vilegiatura* que se traduz numa forma de habitar lúdica em espaço desafogado ou rural, aliando este conceito à *Domus* surgiram as *Villas Rurais* que continha espaços para produção agrícola e as *Villas Suburbanas* cujos espaços eram unicamente para actividades de lazer. A *Villa Suburbana* seria nomeada desta forma devido a que só poderá existir perto de um centro urbano rico e dinâmico, sendo esta a única forma de subsistência para a sua manutenção, ao invés, da *Vila Rural* que existe em espaço rural e subsiste através das actividades agrícolas ou comerciais que são levadas a cabo dentro da sua estrutura habitacional. Para definir o tipo de *Villa Romana* propomos como exemplo a *Villa Laurentina* analisando a sua implantação e proporção;

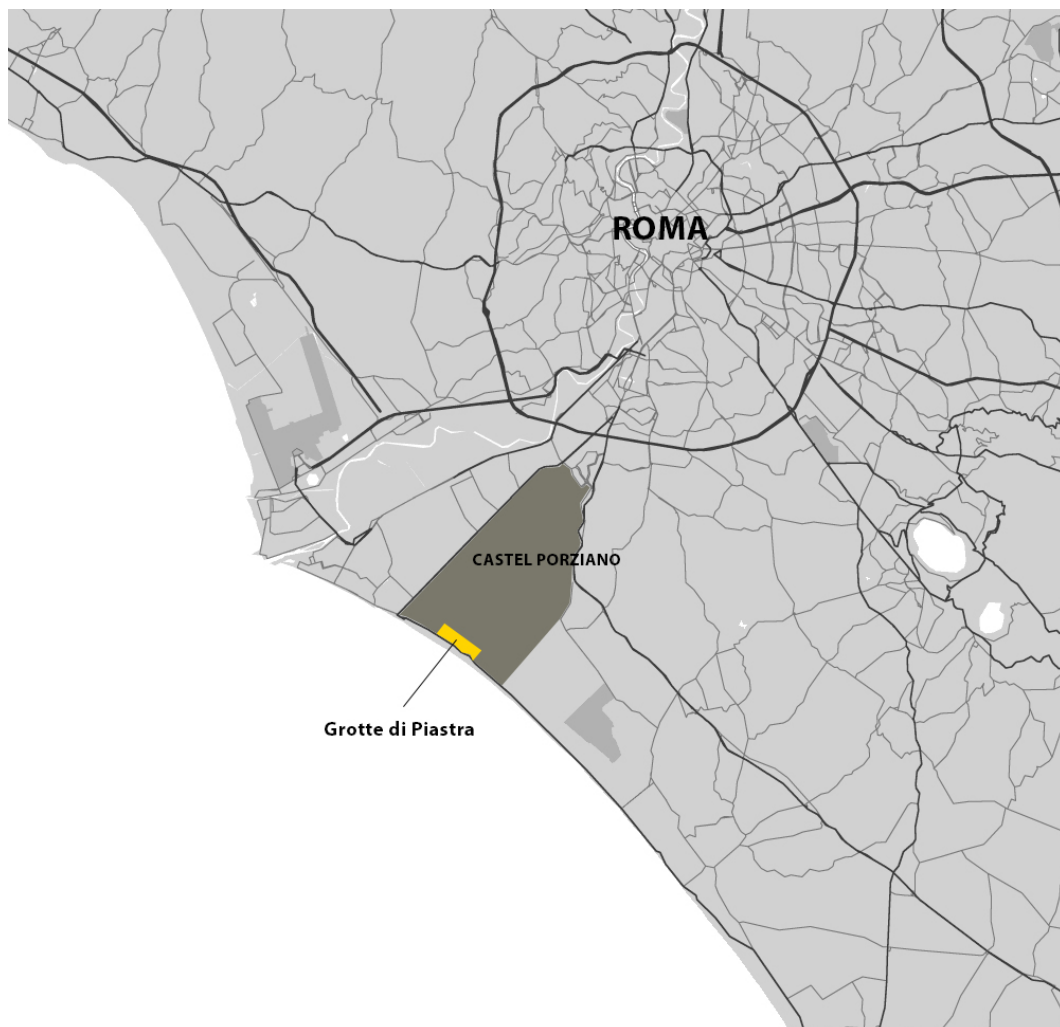


Figura 4 – Localização da Villa Laurentina (Ilustração do autor adaptado de RICOTTI, 1984)

Somente através das descrições presentes nas cartas de Plínio-o-Jovem, ilustrações de Schinkel(1835), Haudebourt(1838) e Bouchet(1852) e escavações arqueológicas como as explorações de Eugénia Ricotti(1984) em Castel Porziano nos subúrbios de Roma, foi possível obter dados para a análise de implantação e da planta da *Villa Laurentina*, aqui optamos pela planta ilustrada por Pierre Haudebourt para análise.

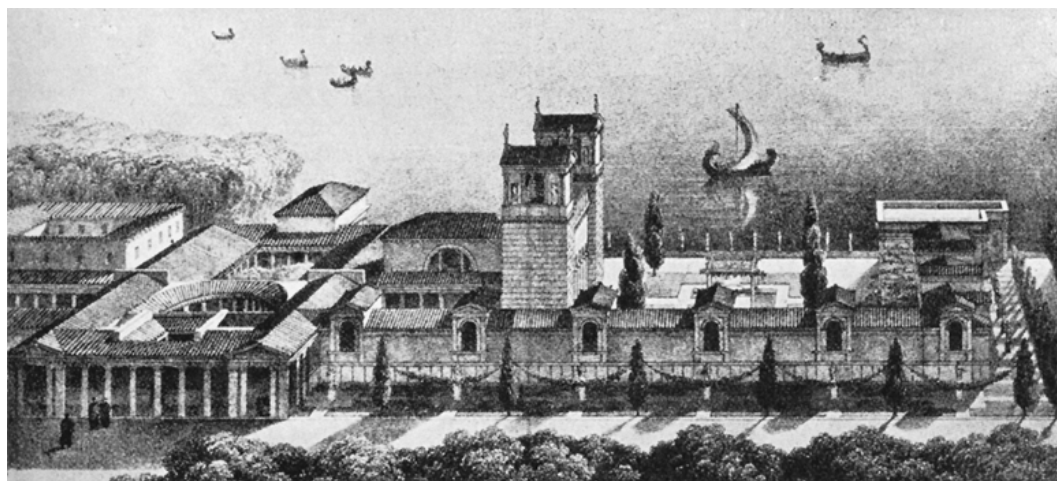


Figura 5 – Perspectiva aérea da Villa Laurentina ilustrada por Louis Pierre Haudebourt

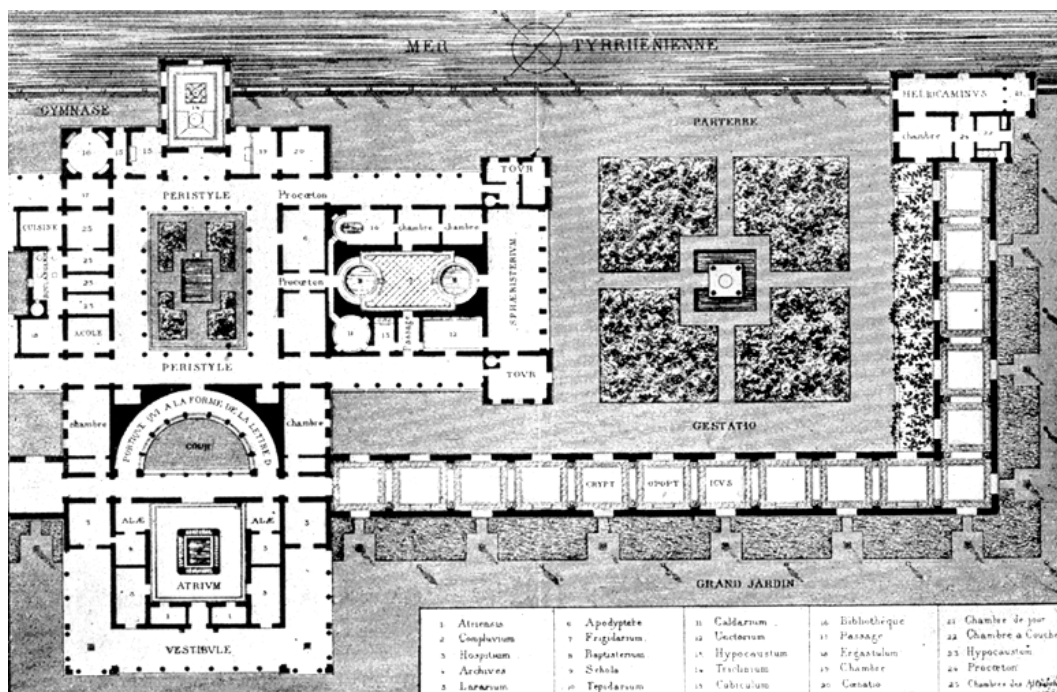


Figura 6 – Planta da Villa Laurentina ilustrada por Louis Pierre Haudebourt

V. PERÍODO ROMANO – TRACADO REGULADOR

Desde que há registo a anatomia do homem tem sido usada como referencial para a criação de sistemas de proporção harmónicos, durante o período Romano Vitruvius definiu essas métricas através das considerações no seu tratado *de Architectura* que foram ilustradas por mestres renascentistas e deram origem ao esquema do homem Vitruviano.

Vitruvius descreve as proporções das Domus, em que refere que existe um sistema de proporção humanista do qual advêm métricas como o *ad quadratum*, que é uma progressão matemática e geométrica do quadrado em que a sua diagonal é igual ao lado do quadrado maior que o inscreve. Na investigação de C.M. Watts⁸ acerca das Domus de Herculano e Pompeia (fig. 9 e 10), Watts relaciona a proporção "SacredCut" com a "Ad Quadratum" e conclui que existem medidas semelhantes em ambas como o 29 e o 41. Ambos estes sistemas usavam o pé Oscano(0,295m), embora o pé Romano (0,297m) fosse o mais usado. Ambas estas proporções são usadas pelos Romanos para definir os espaços interiores bem como a sua volumetria utilizando o sistema "SacredCut".

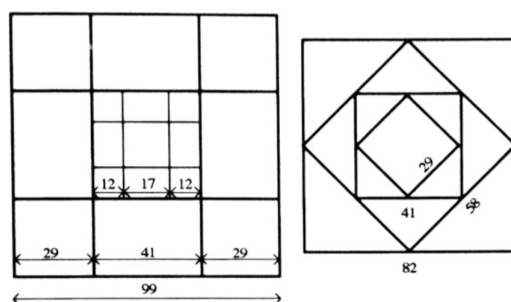


Figura 7 – relação em planta entre a proporção Sacred Cut e Ad Quadratum

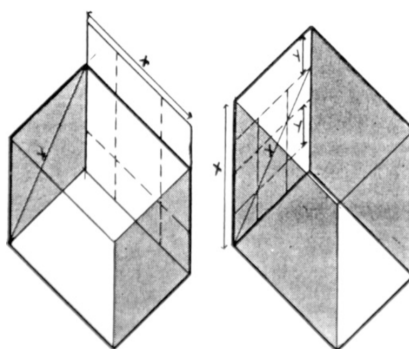


Figura 8 – proporção Sacred Cut utilizada em alçado

⁸ WILLIAMS, OSTWALD, 2015, p.201-213

C.M.Watts exemplifica o estudo de proporções com a análise da Casa da Coluna Toscana.

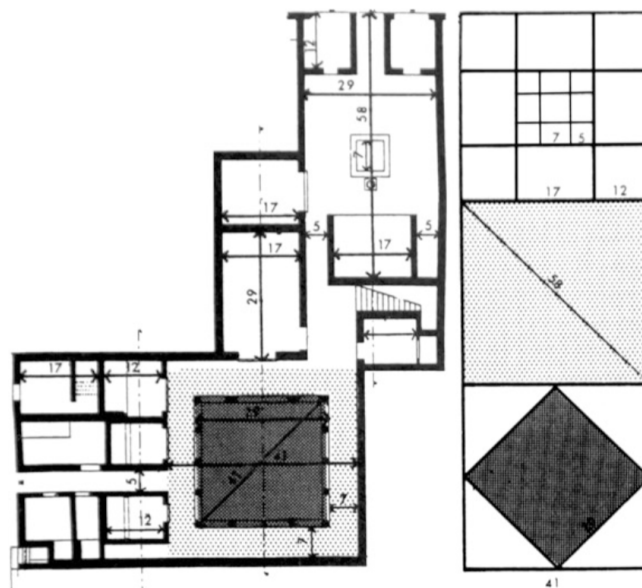


Figura 9 – análises de proporções em planta da Casa da Coluna Toscana

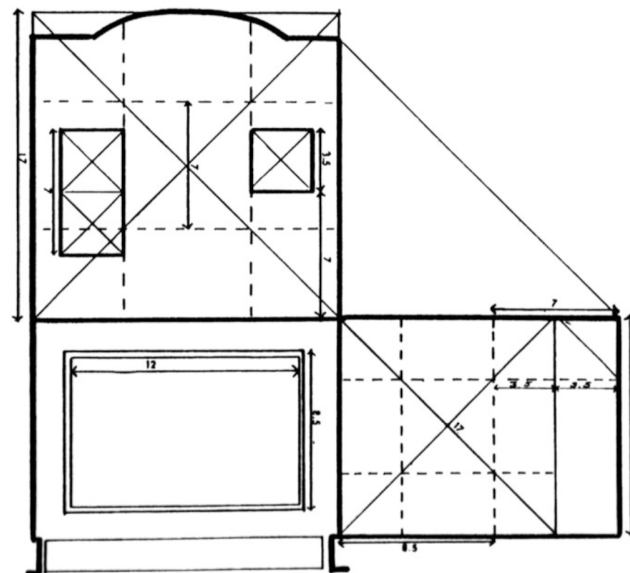


Figura 10 - análises de proporções em alçado da Casa da coluna toscana.

A partir da pesquisa de C.M.Watts podemos propôr uma formula que relaciona as alturas dos espaços interiores representando a variável da altura como o H , a largura com o L e o comprimento com o c ; logo $H=L$

A análise gráfica que se segue irá utilizar o sistema métrico do Pé Romano devido á origem Romana da *Villa* Laurentina e irá ser comparada ao quadro de proporções base.

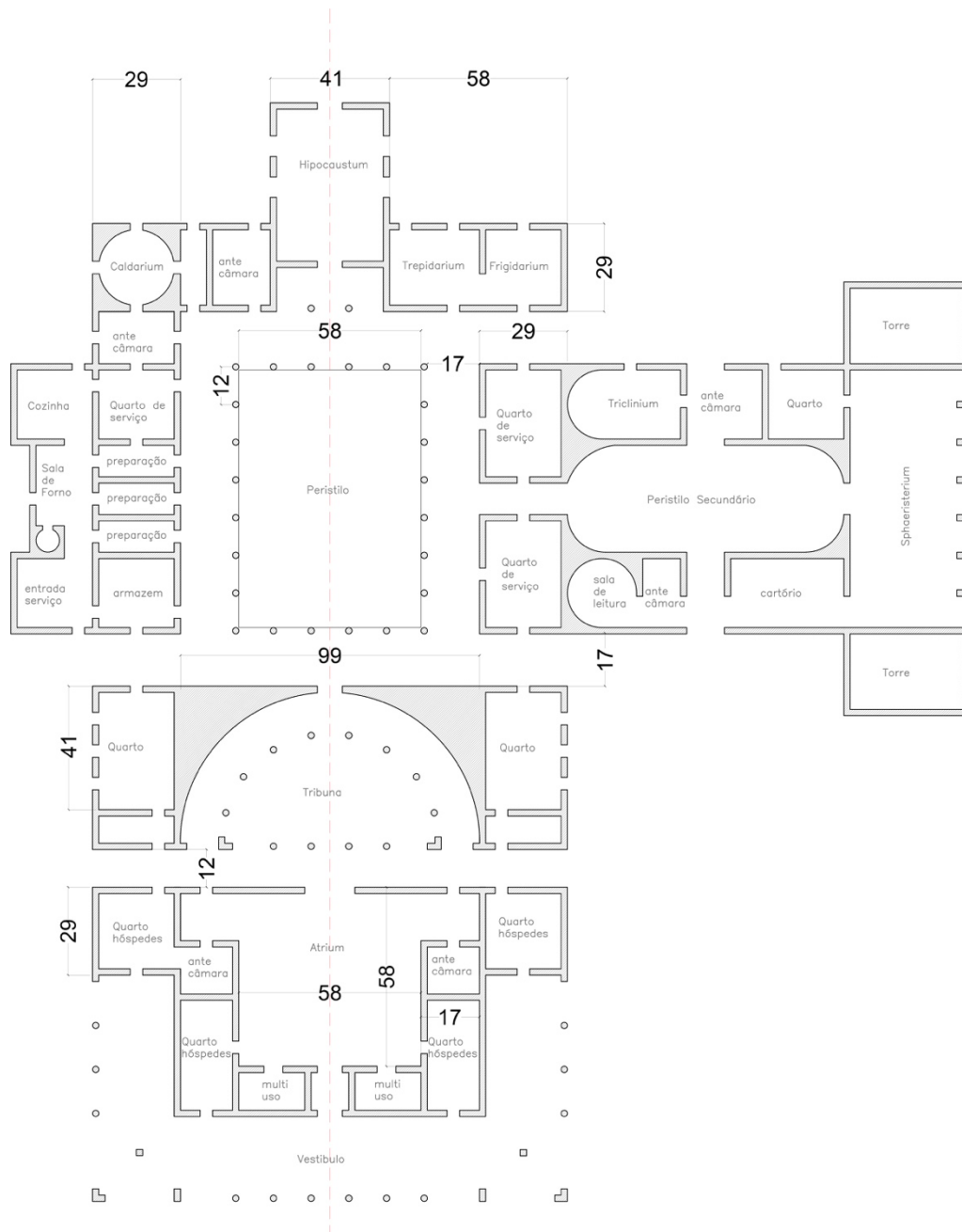


Figura 11 – Dimensões dos espaços e eixos de simetria da Villa Laurentina (Ilustração do autor)

Esta análise das proporções Sacred Cut e Ad Quadratum presentes na *Villa Laurentina* foi baseada no sistema de medida Romano (pé=0,297m) verificando-se assim o uso sistemático das medidas 58 pés para os pátios e 29 pés para os espaços que delimitam a habitação ou dividem espaços de estar.

V. PERIODO RENASCENTISTA

«Villa Renascentista, Quinta de Recreio, são interpretações contextualizadas de formas de uso e ocupação da paisagem em territórios que se situam na esfera de influência de culturas mediterrâneas e clássicas. Ligas a formas de fruição de espaços, geralmente periurbanos, com uma matriz agro-ecológica determinante, a que se associam cânones estilísticos e estéticos dominantes nas concepções renascentistas, foram ordenadas por elites culturais e económicas, criando locais onde paisagem e arquitectura se complementam de modo harmonioso.»⁹

Nesta passagem Gil e Pires identifica a *Villa* como sendo um elemento periurbano, de lazer, com ligações à agricultura, encomendadas por clientes abastados e que se assimila com a paisagem de forma harmoniosa, paisagem essa que se pensa transversal às varias épocas tendo vales férteis com abundante vegetação, com clima Mediterrâneo e com proximidade de corpos de água ou do Litoral.

Palladio refere-se à *Casa di Villa* como sendo o corpo central de onde nascem as alas de serviço, alas estas que servem as funções de cavalaria, arrumos, serviços e quartos de serventia. Estas alas de serviço são separadas parcial ou integralmente da Casa de *Villa*, diferenciando as classes sociais, outra das funções das alas de serviço será a de delimitar o espaço exterior agora transformado num jardim privado que anteriormente, na Domus Romana, era o peristilo.

Esta dicotomia entre a *Casa di Villa* e as alas de serviço são um exemplo para a distinção entre *Villa Urbana* e *Suburbana*, a *Villa Zeno*(fig.12) e a *Villa Capra*(fig.13) mostram esta distinção, em que a *Villa Zeno* contém as alas de serviço agregadas á casa senhorial ou patronal e a *Villa Capra* está isolada na implantação devido ao programa: o cliente, um antigo monsenhor que pretendia um espaço digno para orações e estadia confortável dos seus convidados, sendo a intenção um conjunto de espaços lúdicos e serenos.

Mais tarde a necessidade de ter um edifício de apoio para produção agrícola criou um armazém junto ao caminho de entrada que formaliza um dos eixos de simetria da *Villa*.

⁹ PIRES, 2016, p.7

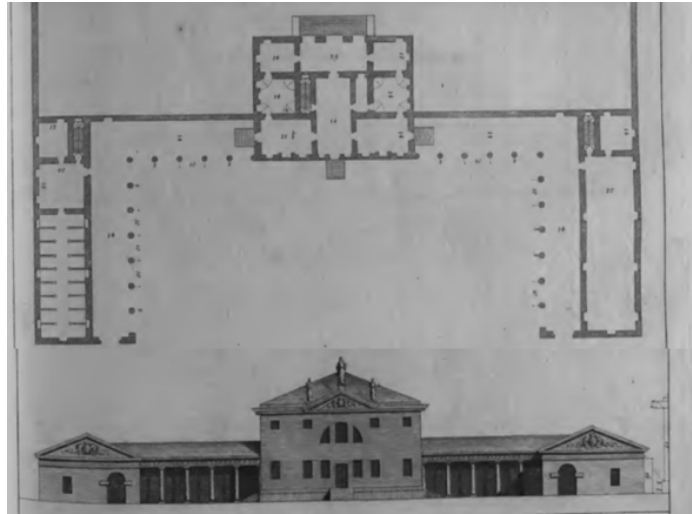


Figura 12 – Villa Zeno por Andrea Palladio que ilustra as alas de serviço

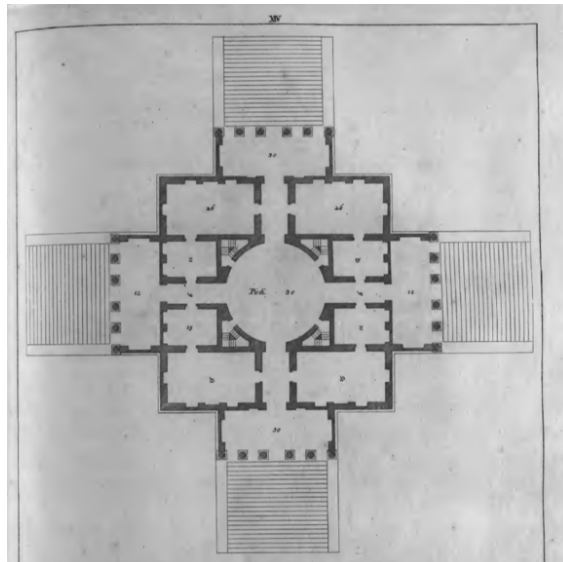


Figura 13 – Planta da Villa Capra por Andrea Palladio



Figura 14 – Alçado da Villa Capra por Andrea Palladio

V. PERIODO RENASCENTISTA – LOCAL E IMPLANTAÇÃO



Figura 15 – Localização da Villa Capra nos subúrbios de Vicenza (Ilustração do autor)



Figura 16 – Implantação da Villa Capra (Ilustração do autor)

V. PERIODO RENASCENTISTA - TRACADO REGULADOR

De acordo com o âmbito definido nas secções iniciais deste documento, não se pretende uma descrição integral dos tratados arquitetónicos mas sim um levantamento dos aspectos que interessam á síntese final, neste caso serão as proporções utilizadas nas *Villas* em análise e as formulas para determinar as volumetrias, no entanto, sem querer deixar de enquadrar os aspectos mais importantes dos sistemas de proporções humanistas façamos uma breve síntese de como estes sistemas foram concebidos:

Grande parte da base teórica da Architectura Renascentista foi influenciada pela Antiguidade Clássica, daí o nome *Renascimento* ou um renovar de ideais e técnicas do mundo antigo. Desta forma o tratado de Vitruvio foi uma fonte de inspiração para os mestres arquitectos renascentistas, *De Architectura* é encontrado em 1414 num mosteiro Suíço e publicado em 1486 por J. Sulpicius. Embora a principal função de Vitruvio era a de engenheiro militar, este oferece ao Imperador Augusto um manuscrito que descreve em detalhe todos os aspectos da architectura e de construção civil.

Relativamente ao tema que aqui desenvolvemos, o tratado de Vitruvius não aborda o tipo *Villa Suburbana* mas descreve a *Domus* em que considera vários tipos de sistemas de proporção entre os quais o *Homo Bene Figuratus*(fig. 16), o sistema de unidade de medida derivada desse esquema(fig.15), a classificação dos templo segundo os intercolúnios(fig.17) e as cinco ordens de estilo arquitectónico(fig.18): Tuscana, Dórica, Jónica, Coríntia e Composta. No entanto, destes sistemas, aquele que contribui para a proporção dos espaços interiores das habitações é o sistema de proporções de cada autor baseado em uma unidade de medida, já que os outros sistemas abordam o estilo(fenótipo) e não o tipo (genótipo). As unidades de medida no caso Romano eram o *pé* Oscano(0,297m) e o *pé* Romano(0,295m), no caso do Renascimento o *pé* Vicentino(0,357m) e no Modernismo o *foot*(0,300m).

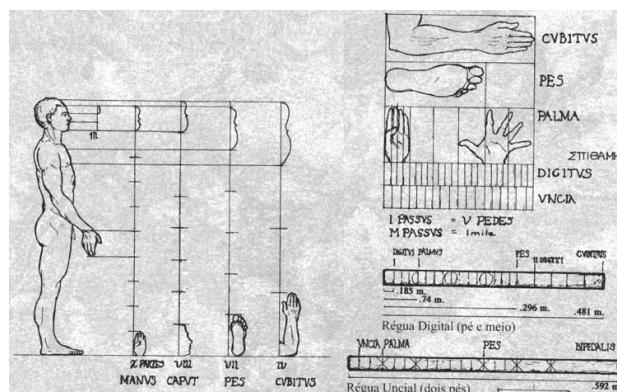


Figura 17 – unidade de medida Romana

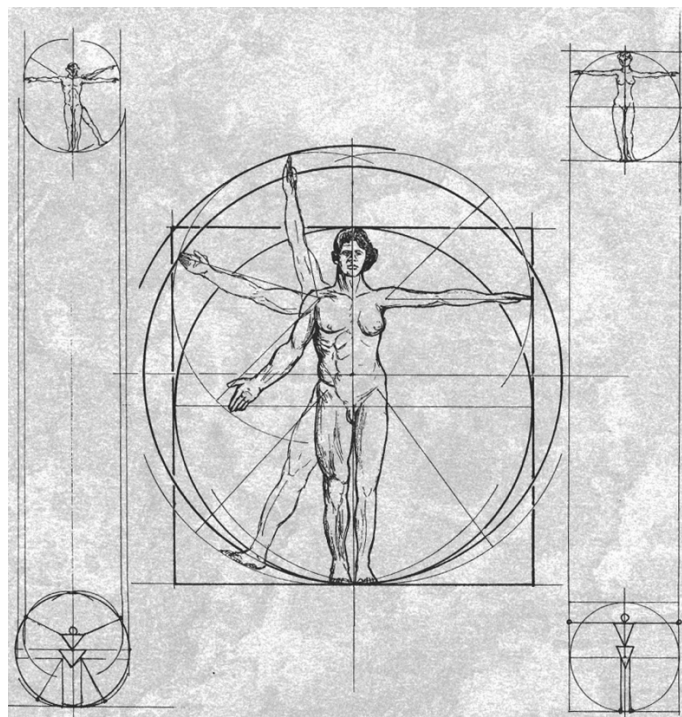


Figura 18- Homo bene figuratus

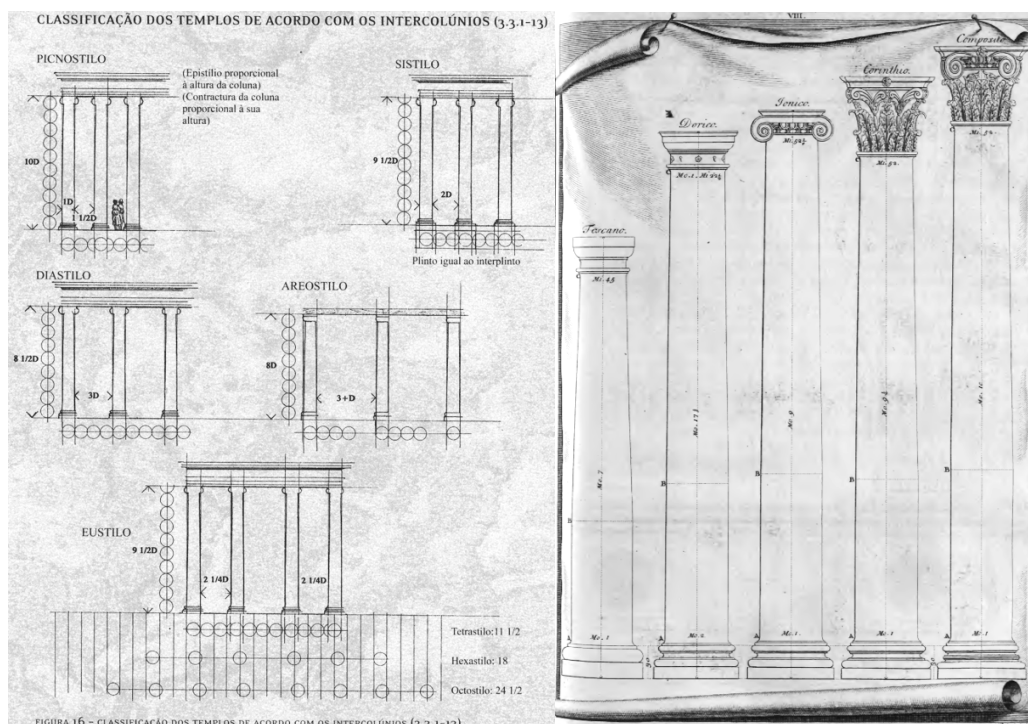


Figura 19 – Classificação dos templos de acordo com os intercolúnios

Figura 20 - Cinco ordens arquitectónicas ilustradas por Sebastiano Serlio

Palladio baseou-se nos tratados de Sebastiano Serlio e de Alberti para definir os traçados reguladores dos projectos que desenvolveu através dos teoremas das proporções harmónicas, grelhas, os eixos de simetria e modulações de espaços.

Relativamente às proporções de espaços Palladio descreve as proporções preferidas dividindo-os em dois grupos, espaços com tectos planos e espaços com tectos abobadados, podendo os últimos serem quadrados ou rectangulares, tendo como parâmetros:

H-Altura; L – Largura; c – Comprimento;



	Rés-do-Chão	1º Andar
Tecto Plano	$H=L$	$H = L - (1/6*L)$
Tecto Curvo 		$H = L + (1/3*L)$
Tecto Curvo 		$H = (L+c)/2$

Tabela 1 – Proporções da altura dos espaços interiores descritos por Palladio (montagem do autor)

«I have made Portico's to all the four fronts, under which, and also of the all, I have contrived rooms for the use and conveniency of those of the Family. The hall which is circular, and placed in the middle of the building, receives its light from the top.

*The closets have Mezzanino's.»*¹⁰

Palladio descreve a organização da *Villa Capra* colocando o Salão e os Quartos no 1º Andar e os arrumos no meio piso da cobertura, no entanto, omite a organização da cave e assim assume-se que lá estaria localizadas as Zonas de Preparação e Zonas de Serviço. Muitas das habitações do *Venetio*, e do período Renascentista, não tinham um espaço próprio para as Zonas Húmidas, as tarefas dos banhos e afins eram realizadas no quarto.

No caso da *Villa Capra* os traçados reguladores são simétricos no eixo do *x* e *y* tornando a análise horizontal apenas necessária no 1º Andar, já que as divisões dos outros pisos são idênticas, no entanto serão tidas em conta de forma a servir de dados para a tabela síntese.

¹⁰ LEONI, 1715, p.8

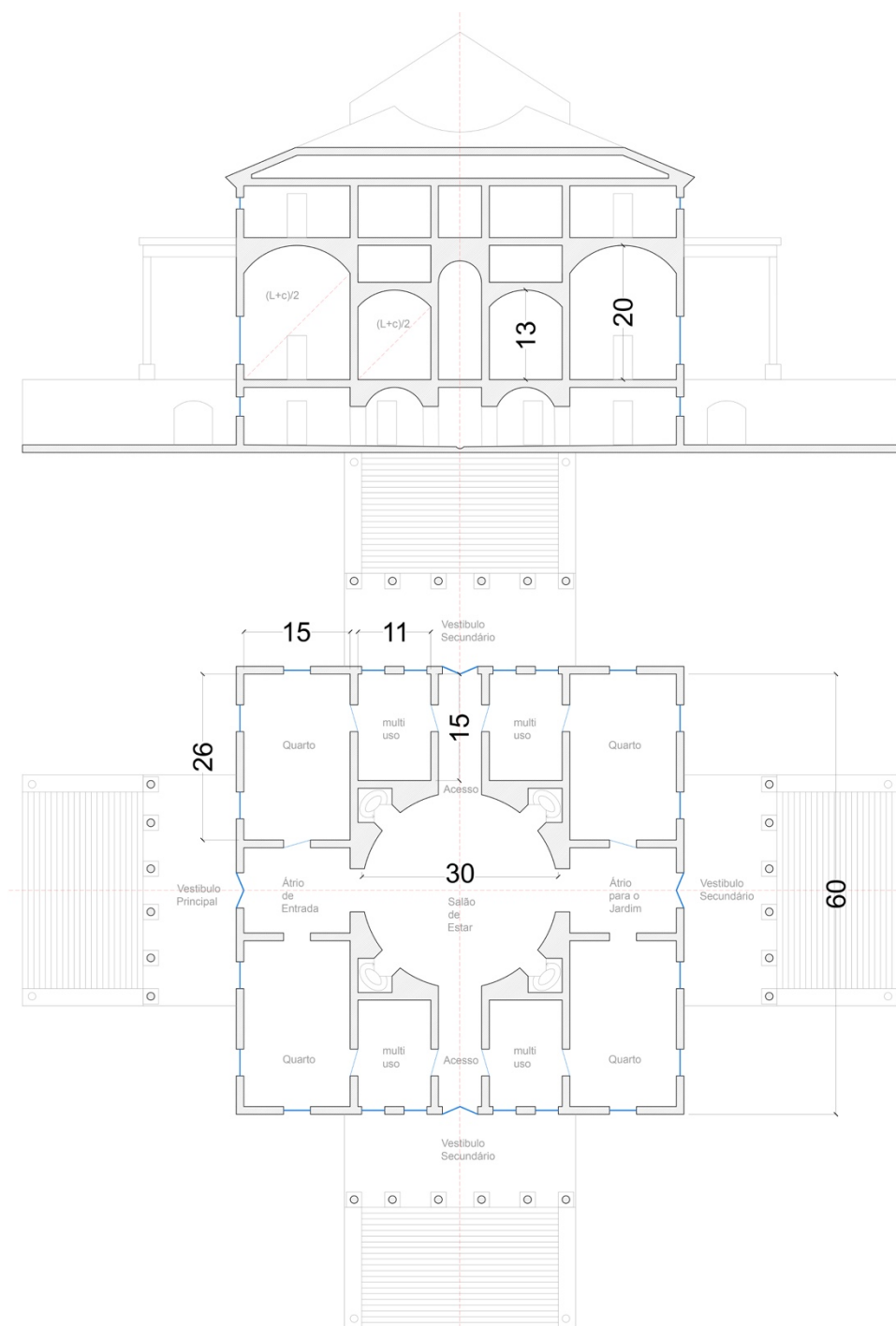


Figura 21 – Dimensões dos espaços e eixos de simetria da Villa Capra (ilustração do autor)

Nesta passagem do Romano para o Renascimento nota-se a diferença da utilização de vários pisos e de pés direitos diferentes de forma a criar uma hierarquia de espaços em altura. A unidade de medida utilizada para este esquema foi o pé Vicentino=0,357m.

V. PERÍODO MODERNISTA

O período da Arquitectura Modernista tem como princípio nuclear a união da arte á ciência através do avanço da tecnologia, introduzindo na arquitectura novas formas de concepção e construção, afastando-se do Artesanato e dos estilos Arquitectura Tradicional e aliando-se á indústria absorvendo a velocidade e leveza na era da máquina.

Em 1932 o Museum of Modern Art de Nova York publica um livro que pretende ilustrar as obras de arquitectura relevantes Modernistas da época intitulado “*The International Style: Architecture since 1922*”, este compêndio reúne nomes proeminentes como: Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, Le Corbusier, Miës Van Der Rohe e Richard J. Neutra unificou os seguintes princípios: a leveza do Volume pela sua representação linear, Regularidade através do ritmo de formas, Perfeição Técnica, Proporções e Composição e a Abolição do Ornamento, princípios estes eram os pilares da Arquitectura Modernista.

«The aesthetic principles of the International Style are based primarily upon the nature of modern materials and structure and upon the modern requirements in planning. Slender steel post and beams, and concrete reinforced by steel have made possible structures of skeleton-like strength and lightness. The external surfacing materials are of painted stucco or tile, or, in more expensive buildings, of aluminum of thin slabs of marble or granite and of glass both opaque and transparent. Planning, liberated from the necessity for symmetry so frequently required by tradition is, in the new style, flexibility dependent upon convenience.»¹¹

Este conjunto de projectos de Arquitectura tornou-se num manifesto da Arquitectura, cunhado pelos seus participantes e resumido num único documento que engloba todas as ideias e inovações partilhados por diversos grupos como Neue Schlichkeit (Racionalismo Alemão), De Stijl e o Construtivismo Russo.

¹¹ HITCHCOCK, 1932



Figura 22 – The Parthenon, 447-434 B.C.

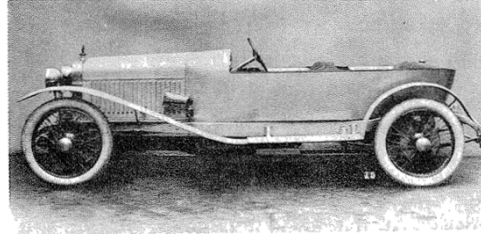


Figura 23 – Delage, "Grand Sport", 1921

A famosa expressão “a casa como máquina de habitar” extensamente repetida por Corbusier na sua publicação “Towards A New Architecture” representa a intenção de tornar uma habitação funcional como uma máquina, o exemplo da comparação do Parthenon com um carro desportivo ilustra este paradigma, esta analogia também está presente em algumas das suas obras em que a composição da fachada se assemelha ao perfil de um comboio tendo em conta o rácio opaco/transparente alcançado com o novo material o vidro; ou com o coroamento de uma caixa de escada que se assemelha a uma chaminé de um navio, os princípios de concepção arquitectónica enunciados neste documento são os da Massa, Superfície, Plano e Traçado Regulador, traçado esse que deriva sistemas proporcionais de épocas anteriores mas não traz consigo os ornamentos das ordens e estilos clássicos.

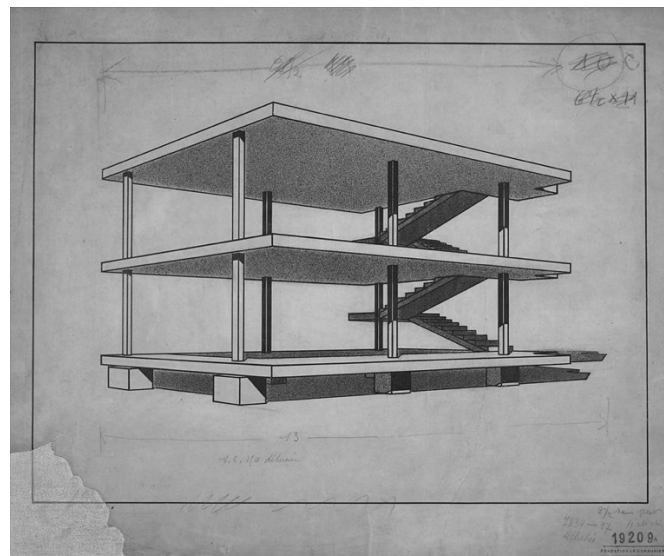


Figura 24 – Maison Dominó, Project with no site by Le Corbusier that illustrates his rules of conception

V. PERÍODO MODERNISTA– LOCAL E IMPLANTAÇÃO

A *Villa Stein* foi o exemplo escolhido para analisar o período Modernista, localizada nos subúrbios de Paris, à semelhança de Versailles, em Garches.



Figura 25 – Localização da Villa Stein em Garches, Paris (Ilustração do autor)

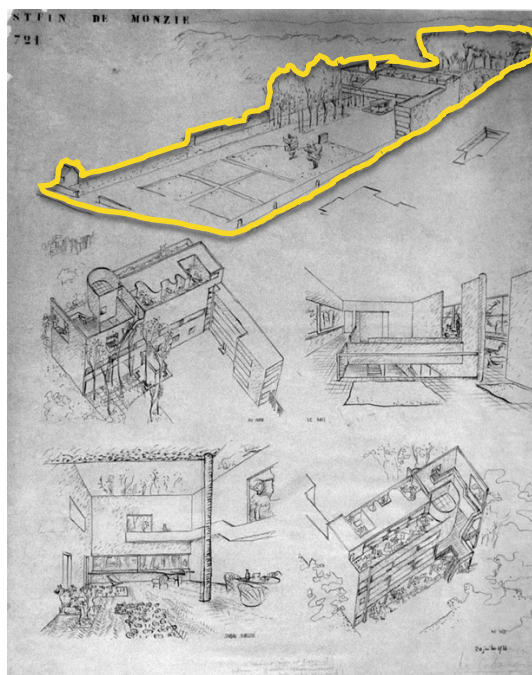


Figura 26 – Esboço de Le Corbusier para a Villa Stein (Ilustração do autor)

«...in our modern mechanized society, whose working tools are being perfected day by day to supply mankind the new sources of well-being, a scale of visual measures has its place because the first effect of this new tool would be to unite, co-ordinate, bring into harmony the work which is at present divided and disjointed by reason of the existence of two virtually incompatible systems: the foot-and-inch system of the anglo-saxon world, and the metric system on the other side. »¹²

Como o documento produzido pela exposição do *International Style* em 1932 tem como objetivo consolidar todas as frentes Modernistas em um único manifesto da Arquitectura, também *O Modulor* de Corbusier tem a intenção de unificar e quantificar as regras da concepção Arquitectónica através de analogia a sistemas Matemáticos, Musicais e relações Harmoniosas como que criam um sistema antropométrico que relaciona o Metro com o Foot. O esquema que relaciona um homem de estatura média com 1,75 ilustra que o mesmo pode atingir com o seu braço elevado 2,26m, sendo esta a medida adoptada para o pé direito.

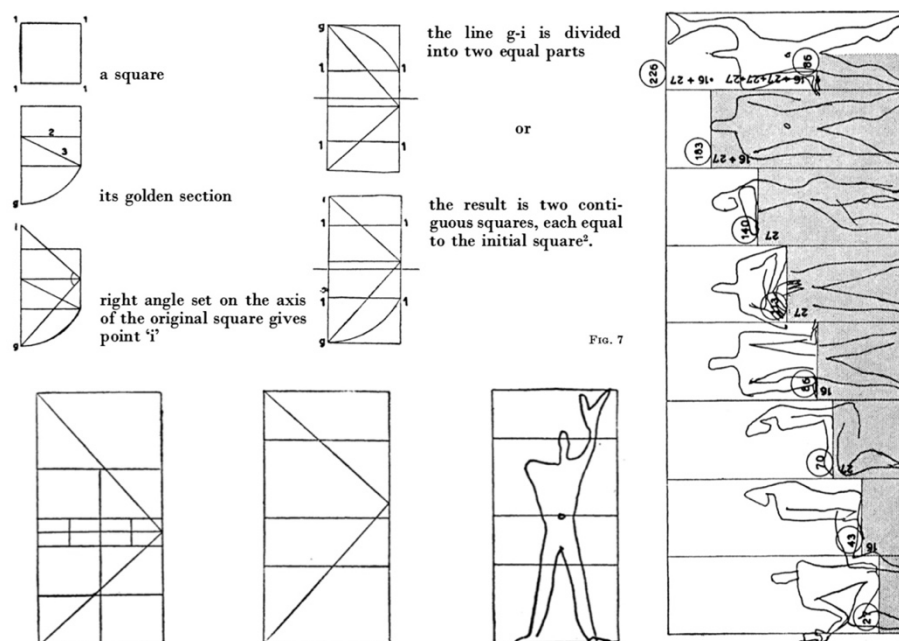


Figura 27 – progressão de proporções e relações antropométricas por Le Corbusier (montagem do autor)

¹² - Le Corbusier, 1954, p.17

Um dos exemplos desta fase da arquitectura de Corbusier é a *Villa Stein*, também conhecida por *Les Terraces*, localizada nos subúrbios de Paris, concebida em 1927 para o irmão da escritora e crítica contemporânea Gertrude Stein, que mais tarde foi adquirido por Anatole Monzie. Le Corbusier baseou o projecto em 5 princípios (fig.24): 1. Pilares que suportam lajes em betão armado, 2. Coberturas ajardinadas, 3. A planta livre, 4. Janelas lado a lado sem separação por elementos estruturais, 5. Fachada livre de suporte estrutural.

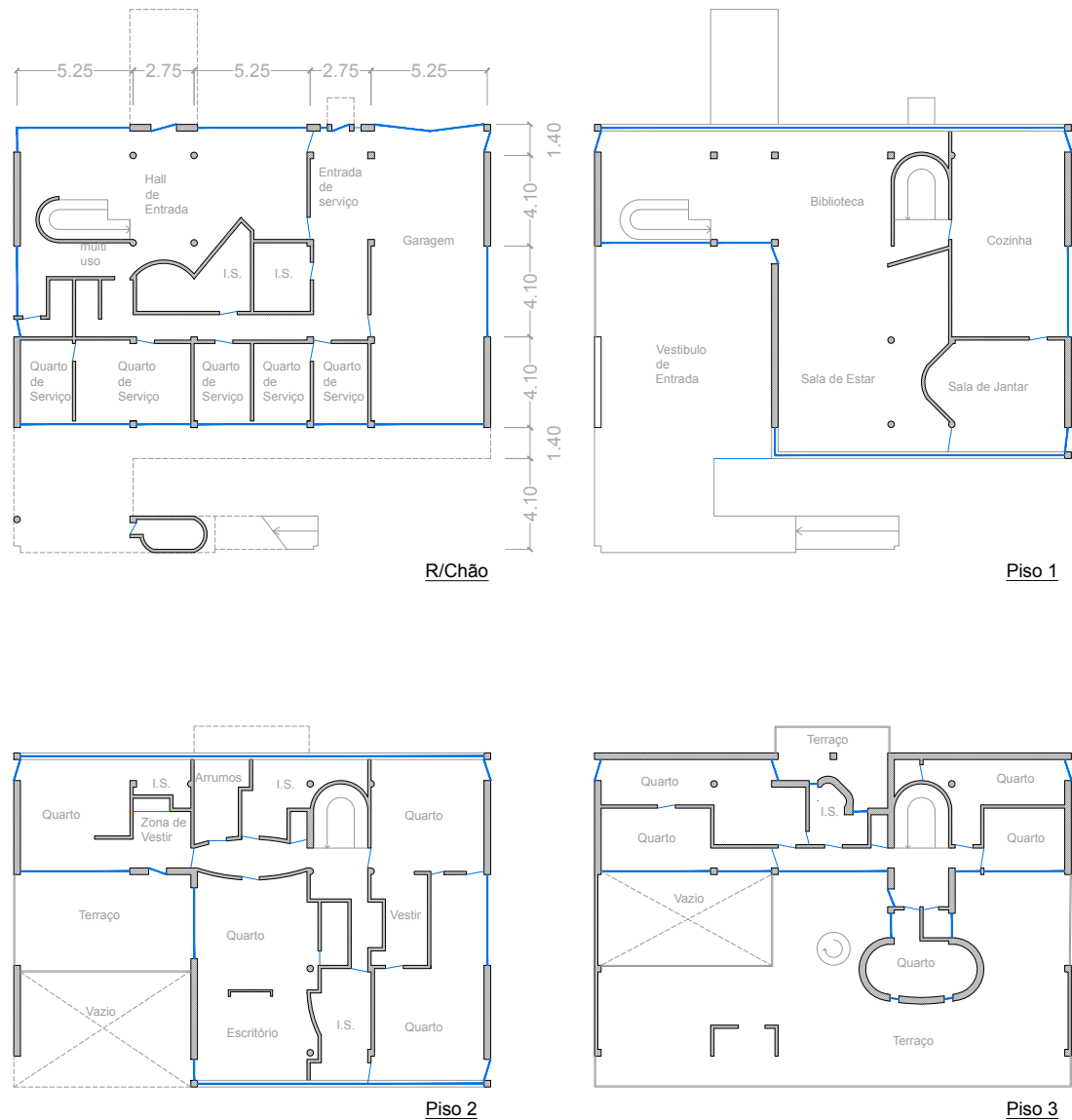


Figura 28 - Dimensões dos espaços da Villa Stein (ilustração do autor)

Como se pode observar nas planimetrias apresentadas (fig. 28 e 29) Le Corbusier manteve uma malha estrutural ritmada pelas proporções 2 para 1, tanto no eixo x e y, muita á semelhança do ritmo dos traçados reguladores de Palladio. Na *Villa Stein* a combinação do vestíbulo-hall-sala de estar mostram a intenção de ligar visualmente e funcionalmente espaços exteriores com interiores, sendo também ilustrado o conceito do plano livre que mantém os espaços interiores ligados sem necessidade de espaços próprios de acesso.

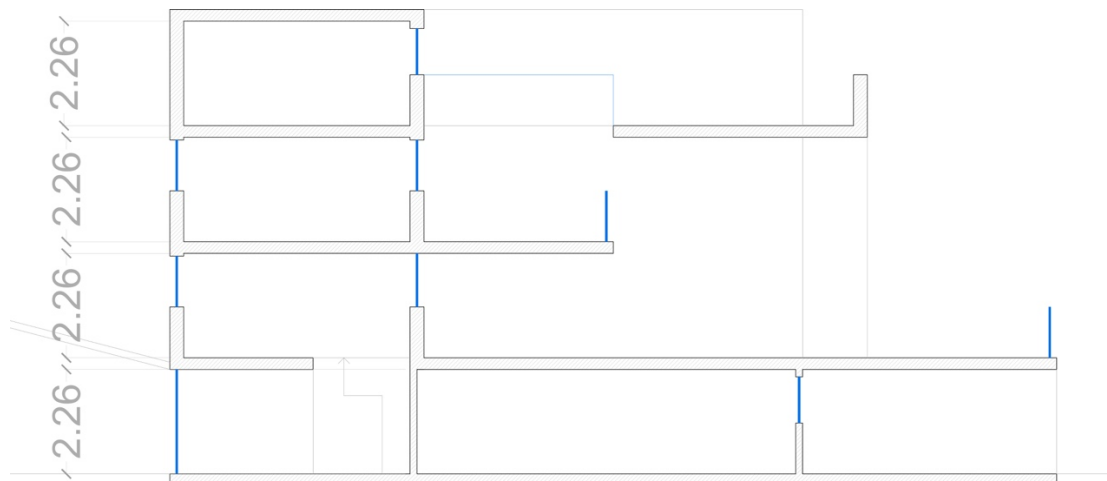


Figura 29 - análise gráfica das proporções dos pé-direitos da Villa Stein (ilustração do autor)

Um dos aspectos marcáveis deste conjunto são os duplos pé direitos dos espaços exteriores que formalizam a ideia de pátio, á semelhança do peristilo romano, sem fechar totalmente todas as direções com paredes, deixando aberturas que se ligam visualmente com o exterior, quem esta no vestíbulo tem a sensação de estar abrigado dos elementos da natureza mas também tem a sensação de fazer parte da mesma através das aberturas a Sul e Poente. Estas aberturas funcionam como obras de arte viva penduradas nas paredes e sem a necessidade, no caso do vestíbulo, de ser coberto por caixilharia e vidro, elementos que iriam honrar muito o custo da habitação devido á sua dimensão fora de formatos comuns.

Desta forma foi possível criar tal abertura que á semelhança do piso 2 também tem uma abertura semelhante no Terraço, assim o pé-direito que regra a proporção de todos os espaços, a medida 2,26m que vem do esquema Modulor realizado por Le Corbusier, é compensado com estes nichos com duplo pé-direito.

V. O GENÓTIPO DO TURISMO

Os “territórios do turismo” ou “urbanizações turísticas” são diferentes das urbanizações habitacionais no sentido em que as turísticas são orientadas para o consumo, o que não é um bem essencial, contrariamente às habitacionais que estão ligadas a serviços essenciais como a educação, saúde, transportes (Mullins, 1991). Na falta de definições teóricas que possam apoiar o conceito do turismo, Mullins discute que o turismo pode ser definido através do conceito do consumo, que evoluiu do consumismo em massa Fordista (1940) até ao conceito da suburbanização na sociedade Pós-Moderna (1971), analisando o consumo em dois planos; primeiro, no sentido urbano em que existe um afastamento da alta densidade populacional da sociedade produtora na cidade para locais na sua periferia que têm uma densidade mais baixa, em que se forma uma elite baseada no consumo de serviços relacionados ao lazer e nomeia este fenómeno como suburbanização; segundo, no sentido social em que existe uma distinção dentro do consumo de acumulação de riquezas pós-fordista: um consumo das massas e um consumo feito-à-medida, em que o estatuto social é definido pela exclusividade e quantidade dos bens adquiridos. Conclui que os “territórios do turismo” evocam a noção de criar espaços distintos do espaço urbano e assim o afastamento geográfico e o tratamento de espaços exteriores exclusivo e serviços distintos forma o arquétipo ou o genótipo de uma “urbanização turística”, enumerando 7 premissas que sumarizam o conceito;

«Tourist Urbanization, it can be said, is: (1) spatially different because its socially different; (2) symbolically distinctive, with the urban symbols acting as lures to tourists; (3) distinguished by rapid population and labour force growth – after the United States experience; (4) distinguished by a flexible system of production because it is part of postfordism; (5) distinguished by a form of state intervention which is a ‘boosterist’ in style – like the postmodern city in generally; (6) distinguished by both a mass and customized consumption of pleasure; and (7) distinguished by a resident population which is socially distinctive, because the urbanization is socially distinctive. »¹³

¹³ MULLINS, 1991, p.331

Podemos sumarizar, segundo Mullins, que a estrutura conceptual das “urbanizações turísticas” é definida pela exclusividade espacial e social, no entanto, podemos acrescentar mais uma dimensão em que estas podem ser “metrópoles turísticas” ou “cidades de lazer” (GLADSTONE, 1998), embora este discurso tenha como casos de estudo cidades Americanas, á semelhança da análise de Mullins que descreve cidades Australianas inseridas na “Gold Coast”, todos os casos de estudo contêm os parâmetros anteriormente descritos. Gladstone discute que os dois genótipos podem ser analisados através das diferentes atrações turísticas que cada um apresenta: as “metrópoles turísticas” estão localizadas no interior e logo apresentam atrações como casinos, parques temáticos e centros comerciais, as “cidades de lazer” estão localizadas no litoral e as suas atrações são o sol, a praia e desportos ao ar livre; através dos dados estáticos da população residente que nas “metrópole turísticas” são em maior número, o crescimento populacional é mais lento e as faixas etárias mais amplas, da infância até aos aposentados, ao contrário das “cidades de lazer” que apresentam um crescimento populacional rápido, maioritariamente adultos e poucas famílias nucleares; Finalmente, das caraterísticas da economia urbana concluindo que existe mais emprego nas “metrópoles turísticas” e que o ordenado médio é mais alto mas existe mais riqueza nas “cidades de lazer” que comparativamente ao genótipo anterior tem menos diversidade de serviços e menos densidade populacional resultante numa maior exclusividade e valorização da oferta imobiliária e serviços de lazer.

A forma como Gladstone distingue as “urbanizações turísticas” de Mullins e define a “cidade de lazer” como um espaço litoral, de turismo balnear e de atividades desportivas, para população adulta com baixos índices de famílias nucleares e altos valores imobiliários cria uma estrutura conceptual necessária para definir os diferentes “territórios do turismo” presentes no território Algarvio.

Sendo o turismo uma das economias emergentes em 1970 e uma das mais rentáveis na era Pós-Moderna, todo um sistema de promoção do consumo e venda de lazer foi desenvolvido e uma das formas mais eficazes de o promover é através do sentido visual, Mullins evoca um contraste entre a linguagem arquitectónica do Modernismo Tardio e o Pós-Modernismo em que discute que o primeiro tem uma linguagem que não é cativante, ao contrário do último que utiliza formas que evoquem dinamismo e prazer.

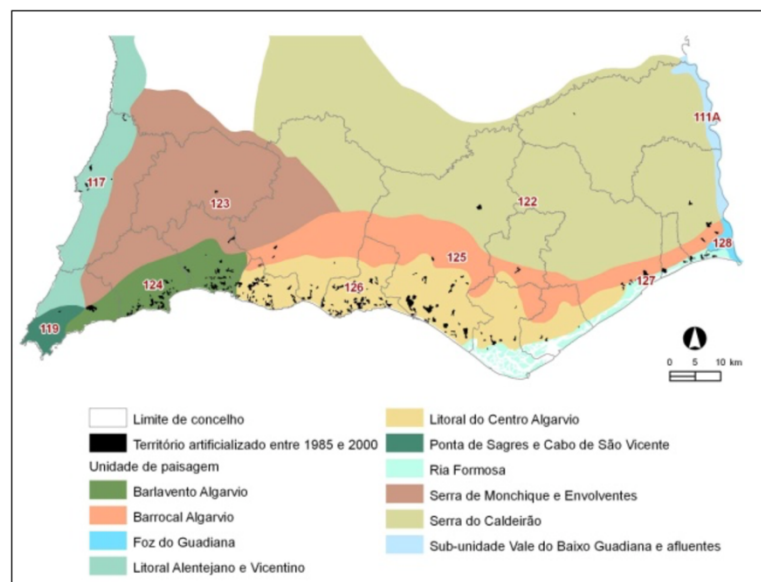
VI. O ADVENTO DO TURISMO NO ALGARVE



Figura 30 – Fotografia de uma turista a passear numa praia de pescadores Algarvios

A razão pela qual se escolheu o Algarve como local de análise para o tipo da *Villa* deve-se a que, a nível nacional, esta região foi o palco do maior crescimento imobiliário do segmento do turismo residencial: o seu clima quente com baixos níveis de pluviosidade, o anfiteatro da serra para o litoral e as suas praias conhecidas mundialmente, a sua vegetação e baixa densidade populacional tornam esta região um local ideal para atividades de lazer;

«O Algarve é a província mais meridional do país; o conjunto das serras de Monchique (Foia, 902 metros, e Picota 774 metros) e do Cladeirão (578 metros) que o vulgo denomina por Serra, forma uma imponente barreira natural que o separa do peneplanos do Alentejo e o defende dos ventos dos quadrantes Norte e Noroeste. Todo voltado ao Sul o Algarve - um grande anfiteatro natural na designação corrente - recebe directamente a influência próxima do mar Mediterrâneo e do Norte de África.»¹⁴



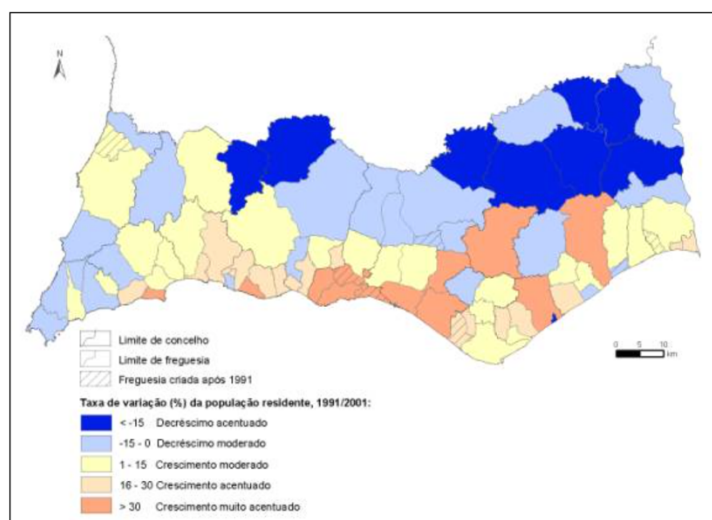
Fonte: DGOTDU, APA

Figura 31 – Definição geográfica das zonas marcantes do Algarve

¹⁴ MARTINS, 1988, p.123

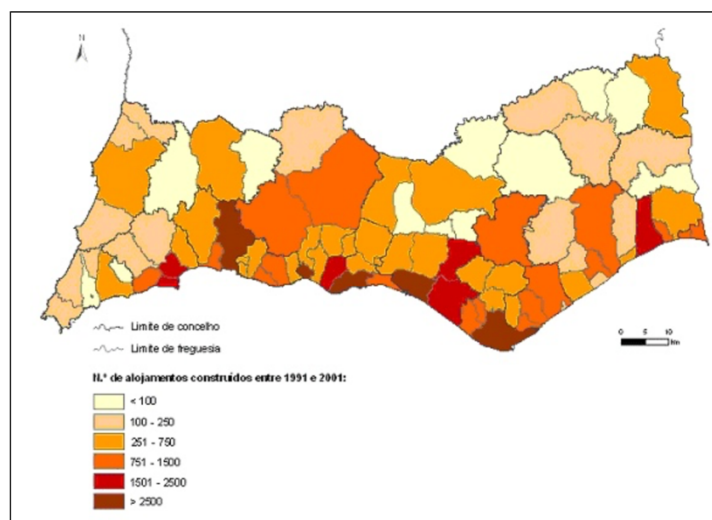
A morfologia da paisagem Algarvia em anfiteatro e virado completamente a Sul indica quais as zonas óptimas de implantação e a orientação da casa Algarvia.

Os autores da zona 6 da colectânea “A Arquitectura Popular em Portugal” descrevem o Algarve como uma região tripartida em zonas meridionais com características geomorfológicas, climáticas e de vegetação distintas, será, no entanto, na região do litoral Algarvio, nomeadamente nas áreas de Portimão, Loulé e Faro, que se observa um aumento da população e de construção residencial;



Fonte: INE

Figura 32 – Variação da população residente entre 1991 e 2001



Fonte: INE

Figura 33 – Alojamentos construídos entre 1991 e 2001

Este aumento demográfico pode ser justificado através da seguinte analogia;

«O Algarve é um Portugal em ponto pequeno. É esta a imagem que nos ocorre a partir da leitura de vários mapas do Algarve. Outra (...) é a de que estamos perante um ‘Portugal deitado’. De facto, aqui encontramos ‘rodando os eixos’, as principais componentes do País, em formato reduzido: as duas unidades geológicas mais marcadas – orla sedimentar e Maciço Antigo; a oposição Litoral-Interior em termos de desenvolvimento sócio-económico e de densidade demográfica; a bipolarização do sistema urbano Portimão-Faro versus Porto-Lisboa.»¹⁵



Figura 34 – Mapa de Portugal comparado com o mapa do Algarve

Pelas características micro-climáticas proporcionadas pela proteção que a Serra oferece aos ventos frios do Norte e os ventos quentes do Mediterrâneo e Norte de África, pela localização distinta do Litoral, será nestes que iram surgir os primeiros investimentos turísticos que pretendem aumentar a oferta de locais residenciais de lazer.

Será, no entanto, no concelho de Loulé que se regista um aumento demográfico estrangeiro de 3 vezes a população local no início do 1970¹⁶, emigrantes Ingleses e Escoceses que procuravam investir e dinamizar o mercado imobiliário desta região a Sul de Portugal. Este dado estatístico enquadra-se com o parâmetro de rápido crescimento da população de uma área geográfica descrita no quadro teórico segundo Mullins que define o Turismo.

¹⁵ Cit. FERNANDES & JANEIRO, 2006, p.8

¹⁶ HASS & JANOSCHKA, 2013, p.81

Os “territórios do turismo” de Vilamoura, Vale do Lobo e Quinta do Lago, juntamente com Loulé, formam o “Triângulo Dourado” Algarvio, têm em comum a localização litoral, serviços de zonas residenciais integradas em zonas arborizadas, com circuitos de golfe e dos valores mais altos por metro quadrado de construção, o seu posicionamento em relação ao centro urbano de Loulé, tendo como centro da promoção imobiliária a cidade de Almancil, mostra a mesma relação centro urbano-zona periférica presente nas *Villas* Laurentina (Romano), Capra (Renascimento) e Stein (Modernismo). Enquanto Almancil e Loulé não podem ser consideradas nem “metrópoles urbanas”, segundo Gladstone, por não terem atrações suficientes nem densidade populacional, também não podem ser consideradas “cidades de lazer” por serem interiores, assim não iremos considerar estes dois locais como possíveis escolhas para a implantação da Villa.

The predominantly northern European property developers and estate agents who have constructed and sold such housing since the late 1970’s coined the ‘Golden Triangle’ name for the Almancil area, since land and property prices rose rapidly to become among the highest per square meter in Portugal .¹⁷

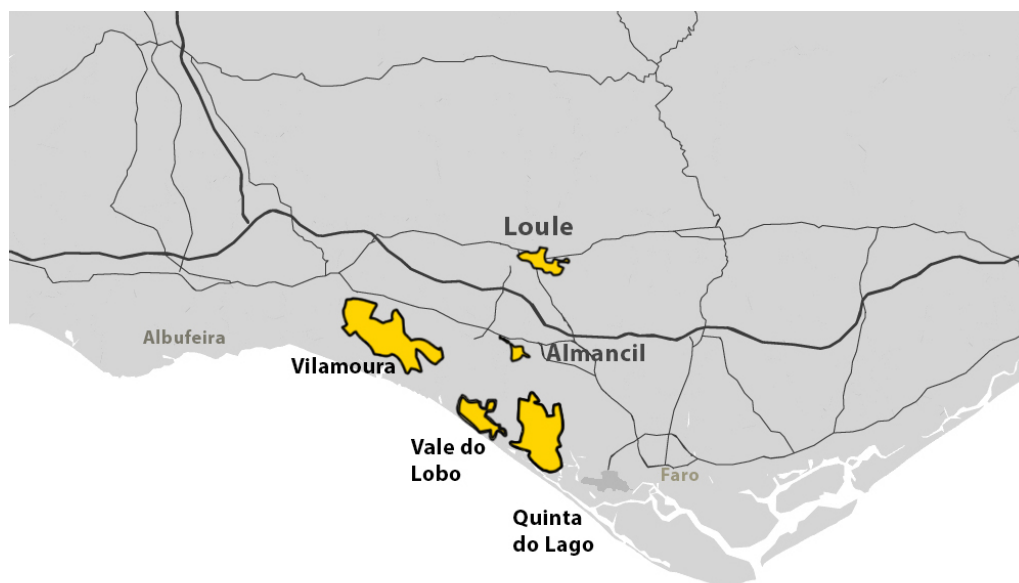


Figura 35 – Localização das zonas que formam o “Triângulo Dourado” Algarvio (ilustração do autor)

¹⁷ HASS & JANOSCHKA, 2013, p.81

O posicionamento litoral das “urbanizações turísticas” de Vilamoura, Vale do Lobo e Quinta do Lago é um parâmetro que se insere na definição “cidades de lazer” descrito por Gladstone que será a definição que mais se enquadra com o genótipo de implantação da *Villa* devido á sua baixa densidade populacional contrariamente ás “metrópoles urbanas”, no entanto, cada uma delas tem características únicas: Vilamoura(fig.36) foi a primeira zona com planeamento urbano criada pelo investimento imobiliário estrangeiro, que introduziu uma marina, casino e os primeiros hotéis que promoveram o Algarve como um território com todas as possibilidades para se tornar num local turístico, no caso de Vale do Lobo(fig.37), o conjunto apresenta um plano urbano baseado turismo residencial em zonas que integram 2 circuitos de golf, com acesso directo ás praias, por fim, a Quinta do Lago(fig.38), que é fundada em 1971 por Andre Jordan, está ladeada a Nascente e Sul pelo Parque Natural da Ria Formosa, que garante a preservação do espaço natural do Litoral, o acesso á praia não é direto, existindo um afastamento que respeita as áreas naturais definidas pelo PDM (Plano Diretor Municipal) e o acesso é realizado por estruturas de madeira, usufruindo assim de privacidade devido ao seu afastamento de centros urbanos , contém uma lagoa natural onde só podem ser praticados desportos não-poluentes e várias zonas residenciais que são pontuadas por circuitos de golf.

Para analisarmos estes “territórios do turismo” iremos usar como base de análise as plantas de zonamento de cada plano, disponíveis para consulta no site da Câmara Municipal de Loulé (CML), já que estas sumarizam os elementos essenciais de um plano urbano e com os parâmetros definidos no quadro teórico de Gladstone. No caso dos aldeamentos turísticos mencionados, estes foram definidos progressivamente sendo o primeiro a ser concebido o de Vilamoura definido pela UOP 1 (Unidade Operativa de Planeamento e Gestão), seguido por Vale do Lobo pela UOP 3 e a Quinta do Lago pela UOP 5. Estas UOP's definem uma área de análise com vista a uma possível intervenção urbanística definida pelos seguintes parâmetros: Espaços Naturais, Espaços Agrícolas, Espaços Urbanos, Espaços Urbanizáveis e Espaços Florestais, naturalmente que os espaços passíveis de intervenção urbanística serão os Espaços Urbanos – Áreas Urbano-turísticas e os Espaços Urbanizáveis – zonas urbanas não consolidadas que necessitam de intervenção ou Áreas de Verde Urbano Equipado, as ultimas serão correspondentes a parques de lazer ou campos de golf, assim, podemos considerar que os Espaços Urbanos serão aqueles em que se insere o tipo *Villa*.

VALE DO LOBO

A “urbanização turística” de Vale do Lobo distingue-se pela oferta exclusiva de turismo de golf porque contem no seu plano dois circuitos: o Ocean e Royal Golf Course, conhecidos mundialmente e muito procurados nesta vertente de turismo.

Vale do Lobo esta demarcada como a UOP 3 que contem os seguintes parâmetros: Espaços Naturais, Espaços Urbanos – Áreas Urbano-Turísticas e Espaços Urbanizáveis – Áreas de Verde Urbano Equipado -Circuitos de Golf e Espaços Verdes. Não foi possível obter a planta geral de zonamento deste aldeamento, mas, no entanto, a CML (Câmara Municipal de Loulé) disponibiliza a fase 3 de Vale do Lobo onde é possível observar as zonas descritas.



Figura 37 – Mapa de Zonamento de Vale do Lobo, Fase 3

QUINTA DO LAGO

A área da Quinta do Lago foi demarcada como UOP 5 que contém os seguintes parâmetros: Espaços Urbanos – Áreas Urbano-Turísticas, Espaços Urbanizáveis – Áreas de Verde Urbano Equipado - Circuitos de Golf e Espaços Verdes e Espaços Naturais – Lagoas e Parque Natural da Ria Formosa.

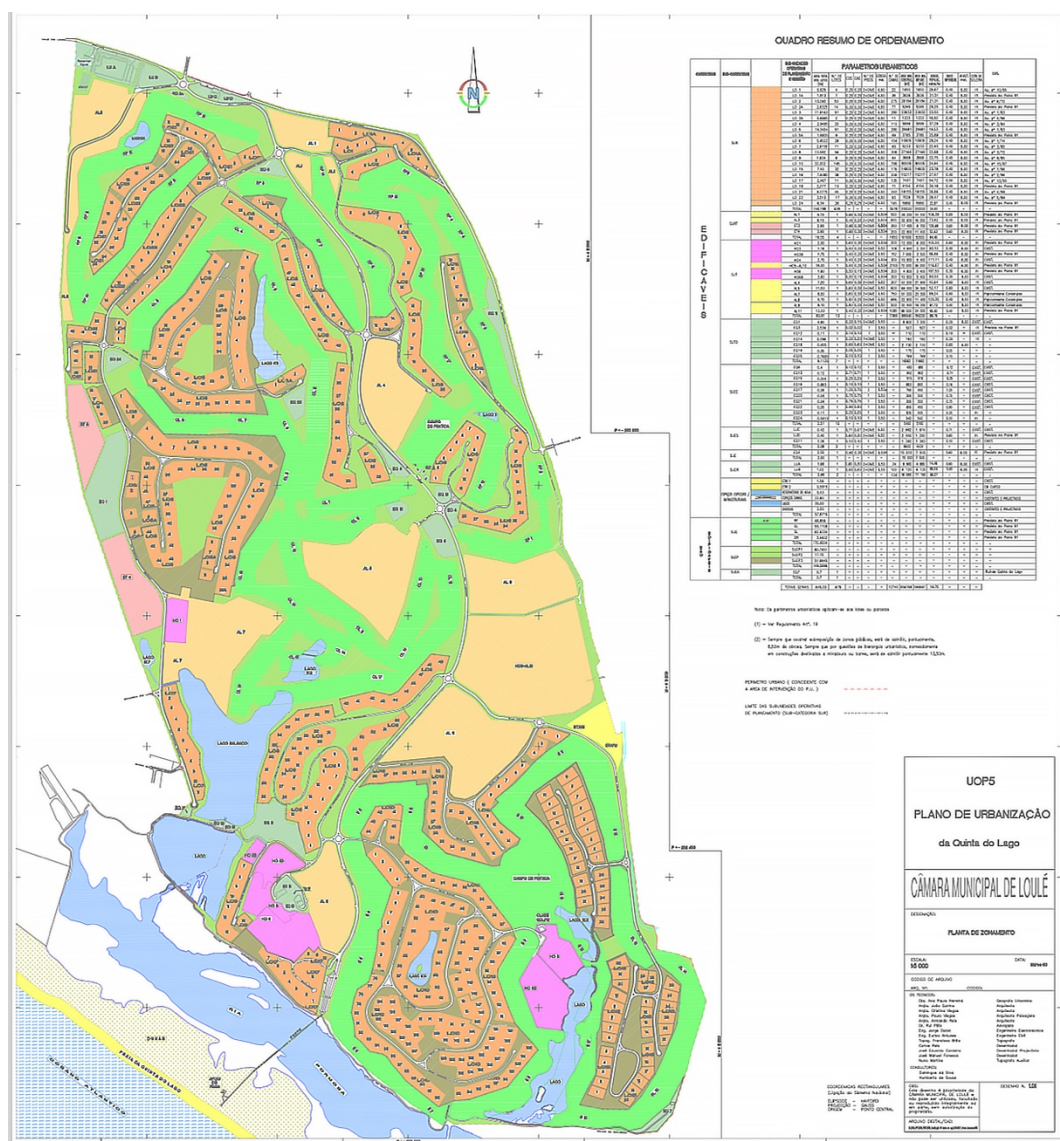


Figura 38 – Mapa de Zonamento de Quinta do Lago

À semelhança de Vale do Lobo, o plano da Quinta do Lago foca-se exclusivamente em Áreas Urbano-Turísticas sem ter áreas de reabilitação urbana como o de Vilamoura, que por ser o plano mais antigo foi integrado na malha urbana e devido a este facto teve de lidar com áreas urbanas que não estavam pensadas para integrar “territórios do turismo”. Os tipos residenciais presentes na Quinta do Lago são os Hotéis e Villas em que os últimos têm muito mais densidade e estruturam os sistemas de infraestruturas viárias até ao interior do aldeamento. Em análise aos elementos naturais, verifica-se, através da planta do PDM, que contém duas linhas de água que foram mantidas e são coincidentes com os dois principais eixos viários Norte-Sul, o mais a Poente é a Avenida Ayrton Senna da Silva e o mais a Nascente a Avenida André Jordan, ambos desaguam inicialmente para a Lagoa Salgada e posteriormente para a Ria Formosa. Esta estratégia preservou a topografia natural do terreno e os seus elementos, promovendo uma intervenção de baixo impacto ambiental.

O quadro teórico de Mullins define o conceito de “urbanizações turísticas” enumerando que deve ser espacialmente diferente e logo socialmente diferente; simbolicamente diferente do espaço urbano de forma a promover o turismo, de consumo em massa e consumo exclusivo de serviços de lazer; rápido crescimento populacional e de serviços (os outros parâmetros são aspectos sociais e geográficos específicos dos casos de estudo situados na Austrália e Estados Unidos da América que não são aplicáveis no território Europeu). Estes parâmetros enquadram os planos de Vilamoura, Vale do Lobo e Quinta do Lago, no entanto Gladstone propõe uma distinção entre estas urbanizações em que define que podem existir “metrópoles urbanas” e “cidades de lazer”: As primeiras estão localizadas no interior, têm mais densidade populacional com um crescimento mais lento; as faixas etárias são mais amplas, desde crianças até idosos; com atrações para turistas como casinos, parques temáticos e centros comerciais; no caso das “cidades de lazer” são litorais; têm uma densidade populacional baixa e com crescimento rápido; uma faixa etária maioritariamente adulta; tendo como atrações para os turistas o sol, a praia e desportos exclusivos como o golf e desportos aquáticos.

Destes dois conceitos o que nos interessa analisar é o da “cidade de lazer” devido a ser aquele que mais se assemelha ao conceito de *Villegiatura*, próprio da *Villa* devido á sua característica de disfrutar os espaços com baixa densidade populacional, vistas desafogadas que promovem o lazer.

Ao analisarmos as plantas de zoneamento de Vilamoura verificamos que grande maioria da parte Sul e Poente está no limiar de uma área natural protegida e a parte Nascente ligado á malha urbana de Quarteira, embora não seja possível enquadrar Vilamoura na definição “metrópole urbana” devido á sua baixa densidade populacional, não é possível enquadrar na definição “cidade de lazer” devido a que está inserida na malha urbana não tendo o afastamento dos polos urbanos descrito por Mullins. Não havendo dados disponíveis para analisar as faixas etárias residentes na urbanização de Vilamoura, propomos um paralelo com os tipos residenciais existentes, sendo estes Hotéis e Aparthotéis, que são destinados para faixas etárias mais alargadas, e assim, podemos concluir que Vilamoura, devido ao parâmetro da faixa etária adulta, não se enquadra totalmente no conceito de “cidade de lazer”.

No caso de Vale do Lobo e Quinta do Lago ambas as urbanizações estão localizadas fora da malha urbana e são espacialmente diferentes da área urbana, sendo consideradas segundo Mullins, socialmente diferentes; a simbologia do espaço urbano dentro da urbanização é distinto devido aos arranjos exteriores e à estrutura dos eixos viários pontuados com espécies arbóreas exóticas e zonas de lazer exteriores exclusivas como lagos e parques, o que se enquadra no espectro simbólico que promove o turismo;

o consumo exclusivo que se difere do consumo em massa já que é direcionado para a população residente da urbanização; também devido ao rápido crescimento da população, residente, e periférica, devido aos serviços gerados pela riqueza que advém dos elevados valores imobiliários destas urbanizações.

Qualquer um dos planos analisados têm valências e potencialidades comprovadas para a promoção do Turismo, no entanto, de acordo com o quadro teórico que foi definido, concluímos que o tipo *Villa* encontra mais semelhanças com a estrutura do plano da Quinta do Lago, pela privacidade que oferece a Nascente e a Sul onde se situa o Parque da Ria Formosa, por ter o maior afastamento do centro urbano e pela disponibilidade de documentação de planos de loteamentos, escolhemos o plano da Quinta do Lago para a escolha do lote que será elaborada no Capítulo III.

De seguida será importante a análise da *Villa* no território Algarvio, dividindo a análise por três épocas distintas que coincidem com os apogeus da civilização e assim contém, a nível da Arquitectura, os genótipos de análise necessários para obter os parâmetros de implantação, organização interna e proporções das *Villas* a analisar.

VII. A VILLA NO “TRIÂNGULO DOURADO” ALGARVIO – ROMANO

O Algarve foi uma região de interesse náutico e agrícola para o império Romano devido á sua localização marítima que permitia receber rotas do Atlântico e também do Mar Mediterrâneo. O vasto litoral do Algarve permitia a instalação de várias indústrias de preparação de produtos a base de pesca e o clima também era propício à actividade agrícola. O conceito de *Vilegiatura* na cultura romana referia-se a uma propriedade em espaço rural destinada a actividades lúdicas. A cultura Romana definiu a diferença entre dois tipos semelhantes de *Villas*: a *Villa Rural* que se destinava à produção agrícola e a *Villa Suburbana* que seguia o conceito de *Vilegiatura* cuja manutenção provinha de outros meios ligados á cidade. A *Villa Rural* não carecia de espaços lúdicos devido à sua função de produção agrícola, pelo contrário seria a *Villa Suburbana* que teria uma área de implantação inferior.

Identificam-se três ruínas romanas principais na região Algarvia, A *Villa* da Abicada, o complexo agrícola do Cerro da *Villa* e a *Villa* de Milreu, em todas esta identifica-se espaços destinados a produção agrícola.

Tomando como local de análise o concelho de Loulé e periferias, identificamos um exemplo de uma *Villa Rural* no Algarve será a *Villa Romana* de Milreu (fig.39) em Estoi, do sec I ao sec. III, que foi um complexo habitacional de carácter nobre que continha uma zona de habitação e outra de produção agrícola, neste caso de azeite e vinho. Embora o tipo desta *Villa* tenha sido alterado para *Villa Suburbana*, devido ao registo de implementação de materiais mais nobres como azulejo e um santuário, este facto não eliminou os espaços que estavam destinados á produção agrícola, tendo sido usados como espaços de armazenamento ou secundários; A nível da implantação esta *Villa* não se encontrava nas imediações de um polo urbano, era a *Villa* o polo de negócio e social da região, como era comum na altura, a nível da organização interna(fig.41) podemos concluir que existe a *Villa* desenvolve-se segundo um eixo Decomanus Maximus(O-E) mas a entrada principal leva a um peristilo e não a um atrium que o antecede, ao contrario o átrio situa-se a Nascente com acesso privilegiado para os quartos, todos os restantes volumes limitiformes da *Villa* estão ligados á produção de azeite e de zona de banhos, tendo esta *Villa* uma estrutura mais semelhante com um spa temático do que propriamente uma estrutura residencial. Segundo esta análise concluímos que o tipo de *Villa Suburbana* não existe no território Algarvio no período Romano.

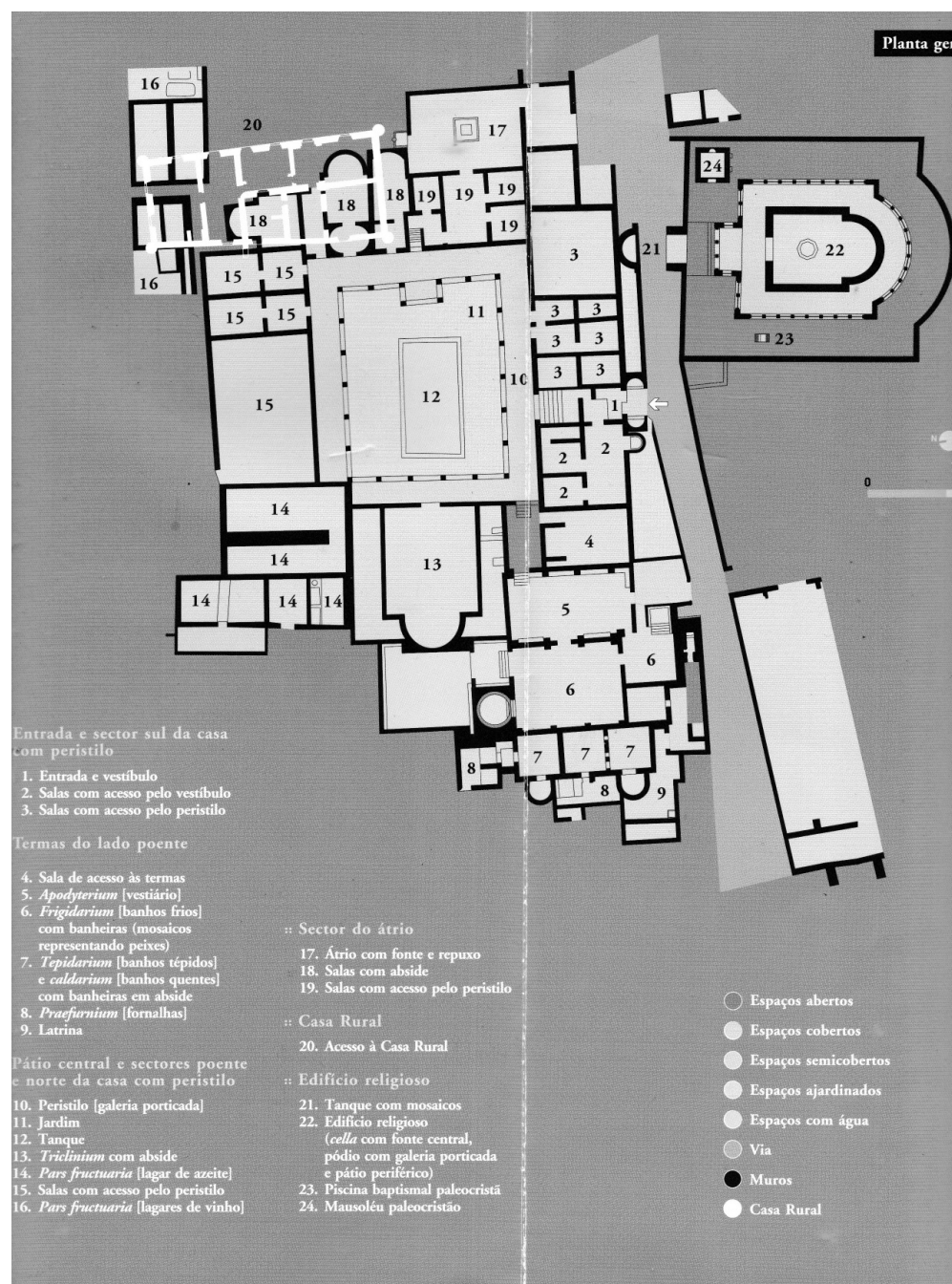


Figura 39 –organização de espaços da Villa Romana de Milreu

Sendo necessário a análise de um tipo de *Villa* Suburbana do período Romano tomemos como exemplo a *Villa* Laurentina, anteriormente introduzida no Estado da Arte, sendo agora necessário a análise a nível da implantação, da estrutura interna e da proporção.

Para analisar a implantação da *Villa* no período Romano propomos um esquema (fig.36) que ilustra o limita do lote, o limite da habitação, os espaços verdes e o eixo que regula a implantação da habitação.

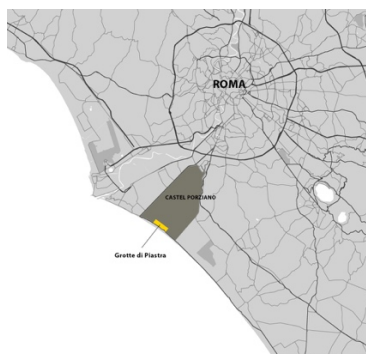


Figura 4

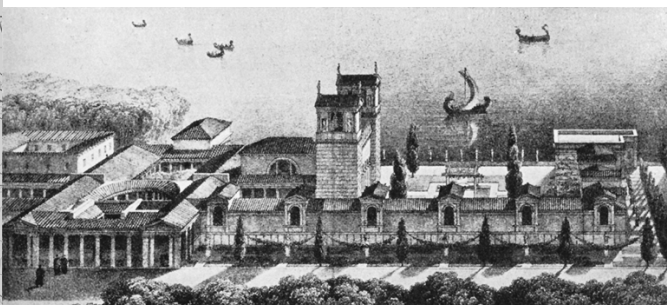


Figura 5

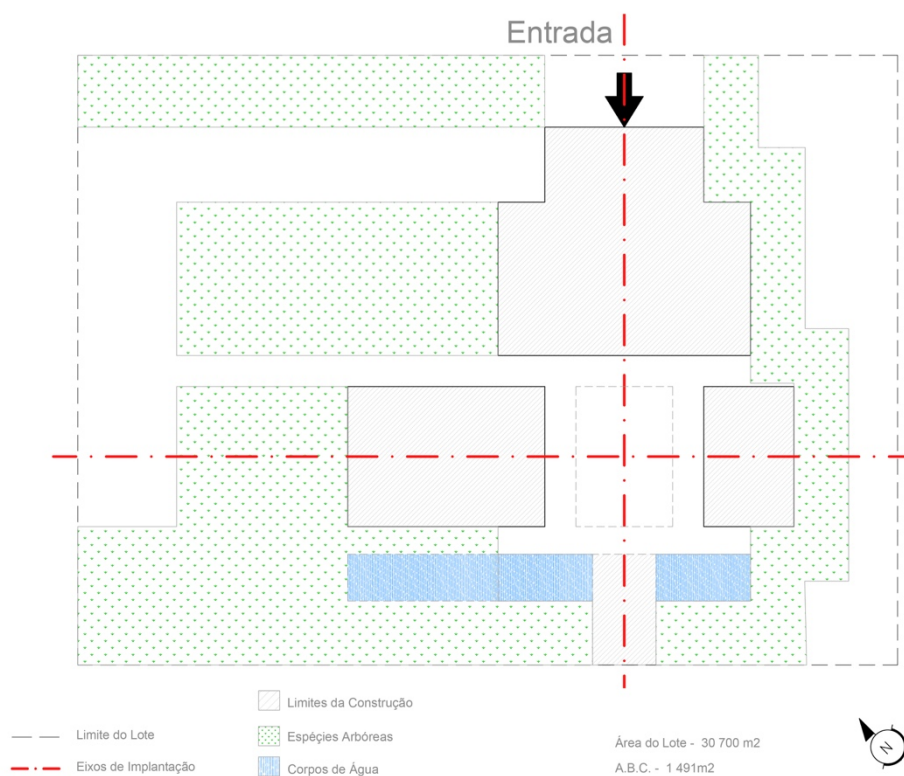


Figura 40 – Esquema de Implantação e eixo de simetria da Villa Laurentina (ilustração do autor)

Podemos considerar esta implantação como um Esquema em Extrema onde a construção está bloquear um dos lados do terreno de forma a privilegiar o restante espaço exterior oposto á sua localização criando mais possibilidades da configuração dos espaços verdes.

Em relação á estrutura interna iremos utilizar com esquema base o diagrama de Neufert com zonas cromáticas em grupo, anteriormente introduzido no Estado da Arte.

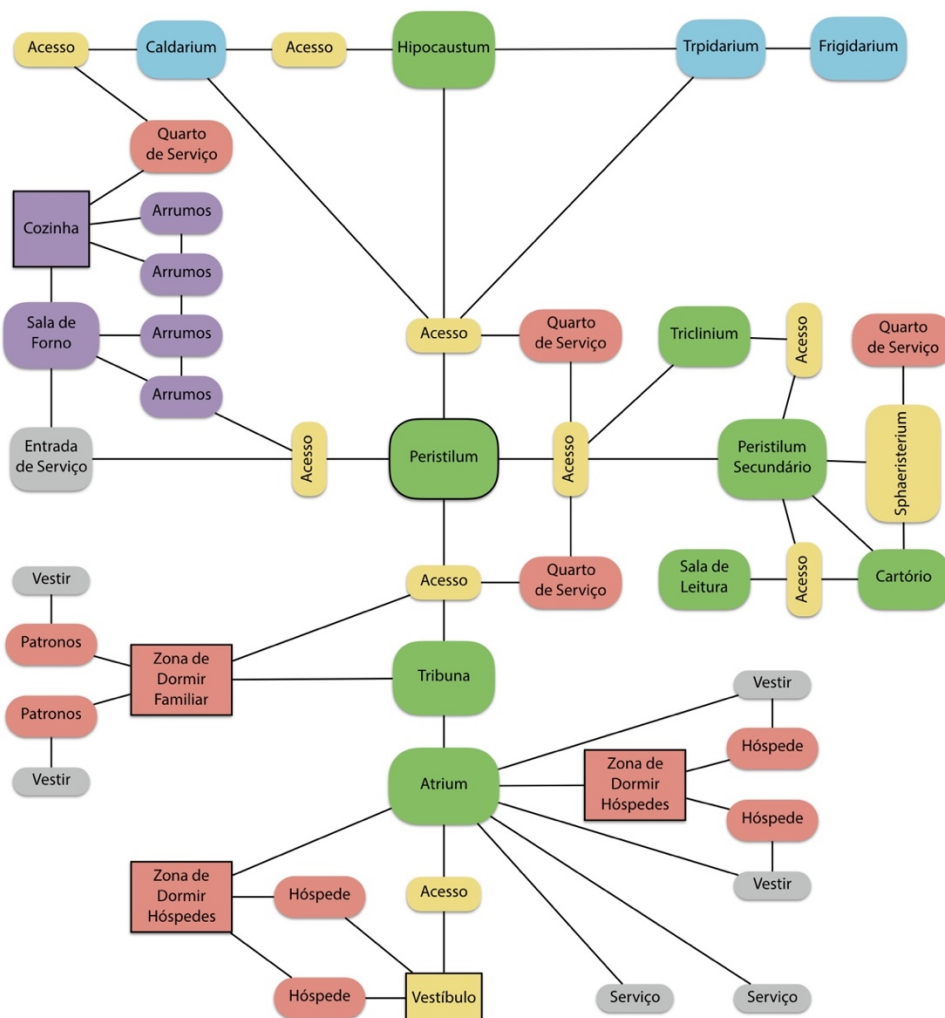


Figura 41 – organograma da organização interna da Villa Laurentina (ilustração do autor)

A organização interna da Villa Laurentina mostra que as zonas de estar pontuam a localização de todas as outras através de uma hierarquia de espaços sendo o nível mais público o Vestíbulo e o mais privado peristilo Secundário, sendo assim, todos os espaços anexos a uma zona de estar adquirem o nível de público/privado atribuído á mesma. É possível observar este conceito entre a Zona de Dormir Hóspedes e Zona de Dormir Familiar, já que a primeira está no primeiro nível e a última no segundo nível.

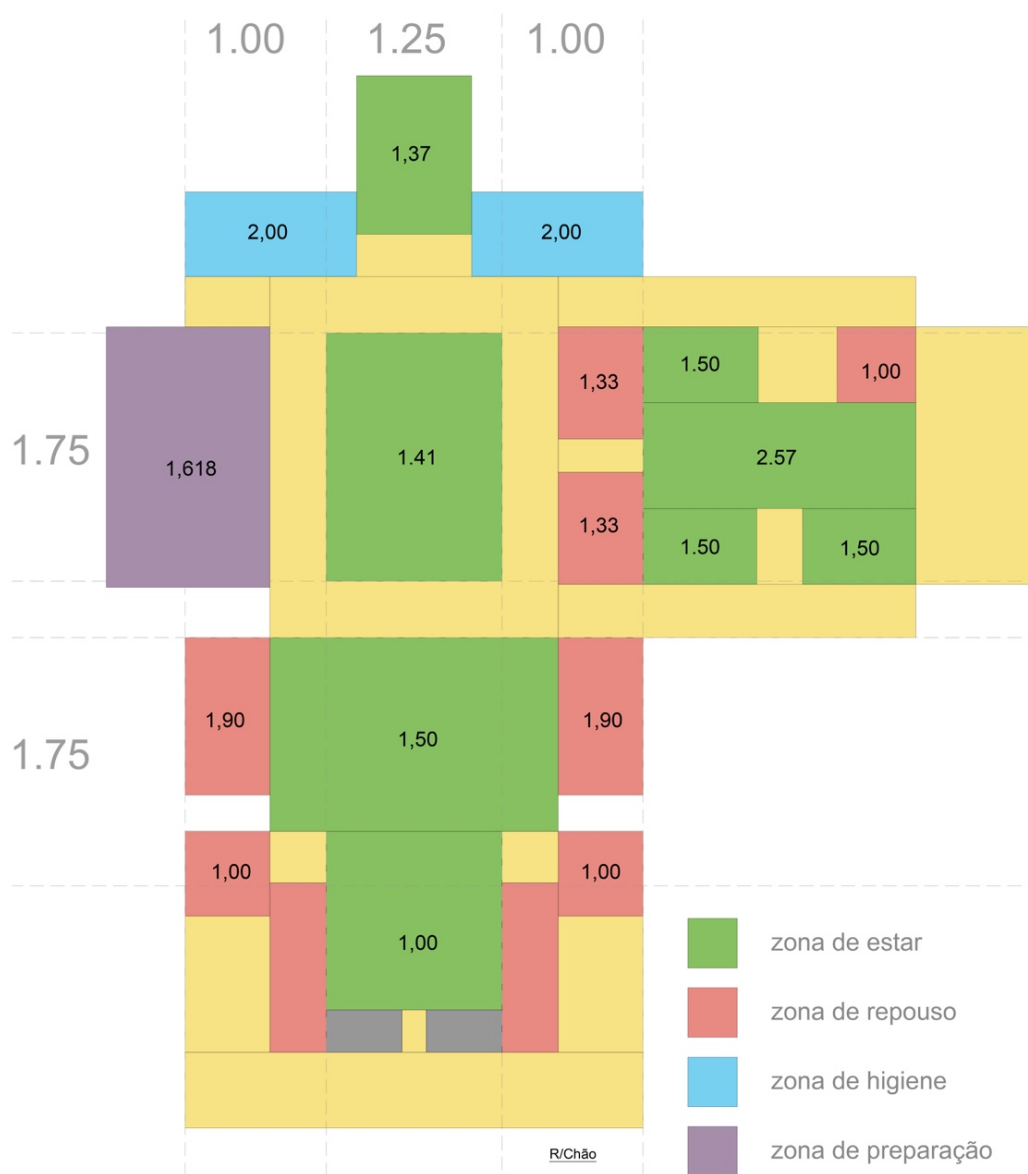


Figura 42 – Análise das proporções interiores e do traçado regulador da Villa Laurentina (Ilustração do autor)

VIII.A VILLA NO “TRIÂNGULO DOURADO” ALGARVIO – RENASCIMENTO

A Villa Renascentista ou *Quinta de Recreio*¹⁸ partilha na sua génese o conceito de Villa Suburbana, neste caso a Villa Renascentista define os sistemas de gestão hídrica, a integração na paisagem e da implantação da habitação. Embora a região de Lisboa tenha vastos exemplos deste tipo residencial, o Algarve não tem relatos históricos de uma Villa ou Quinta de Recreio do sec. XVI até ao sec. XVIII;

«Os primeiros vestígios da atual cidade de Faro remontam ao século IV a.C, ao período da colonização fenícia do Mediterrâneo Ocidental, período em que era designada por Ossónoba. No entanto, a documentação mais antiga existente neste arquivo não vai além do início do século XVII.

Sendo esta uma cidade tão rica em termos históricos é estranho não existir documentação anterior ao século XVII, presumindo-se que alguns acontecimentos historicamente marcantes poderão ter levado à destruição de parte do património documental:

- *O saque e incêndio provocados pelas tropas inglesas lideradas pelo Conde de Essex no ano de 1596;*
- *O terramoto de 1755, em que a cidade de Faro sofreu danos generalizados no património eclesiástico, desde igrejas, conventos e até o próprio Paço Episcopal;*
- *Invasões francesas em 1808, embora não existam registos de grande destruição patrimonial em Faro, durante estas invasões.»*¹⁹

O período do séc. XVI ao séc. XVIII foi uma altura conturbada para a região Algarvia, com poucos relatos históricos e pré-existências destruídas pelas guerras, embora possa ter existido Quintas de Recreio no Algarve estas não estavam inseridas num sistema intramuros defensivo, devido à sua localização natural que era o espaço rural, assim calcula-se que tenham sido integralmente destruídas durante as varias invasões.

No entanto será necessário analisar este tipo por dois motivos: contém características arquitectónicas observáveis em épocas futuras e a sua ausência também é um indicador do contexto sócio-económico do Algarve nessa época.

¹⁸ PIRES, 2016, p.14

¹⁹ CMF - arquivo histórico da Câmara Municipal de Faro

«A partir do séc. XIV nota-se em Portugal uma intensificação da vida política na corte da capital. Este modo de vida urbano, com responsabilidades na vida social, económica e política do país, veio a estimular, entre a classe nobre, o ideal de villegiatura, de gosto e prazer pelo ritmo de vida tranquilo e despreocupado do campo. Esse ideal, comum na Europa e principalmente em Itália, era materializado na arquitectura das villas, que surgiam nos arredores de grandes centros urbanos e económicos como Roma, Veneza e Florença.»²⁰

Será através dos tratados de Andrea Palladio e Filippo Brunelleschi que este tipo ganhou forma, ambos estes mestres importaram os conceitos de harmonia proporcional e rítmica da tratadista clássica.

«Os primeiros polos de villegiatura em Portugal, em desenvolvimento a partir do séc. XVI, coincidem com as zonas politicamente ativas, onde a existência de palácios régios para a reunião das cortes motivava, por razões práticas, a construção de segundas habitações nobres. São os casos de Lisboa, Sintra e Évora.»²¹

Durante o séc. XVI Portugal mergulhava na demanda das conquistas dos Descobrimentos e a corte concentrava-se em Lisboa e nas suas periferias. Claramente o interesse na região Algarvia baseava-se na sua localização marítima estratégica e também na indústria de pescas que contava já com uma tradição milenar remontando à época romana.

Pelos factos descritos concluímos que não existe um tipo de *Villa* Suburbana no Algarve durante o período Renascentista, sendo necessário analisar o tipo anteriormente identificado, como é por exemplo o caso da *Villa* Capra por Andrea Palladio, utilizando o mesmo método anteriormente utilizado para analisar o período Romano.

²⁰ PIRES, 2016, p.205

²¹ PIRES, 2016, p.206



Figura 15



Figura 43- vista frontal da Villa Capra

Podemos descrever esta implantação como tendo um Esquema em Extrema, muito á semelhança da *Villa* Laurentina, a diferença está no logradouro que é maior e logo a estrutura está mais perto do centro do lote, neste caso observa-se a possibilidade de criar espaços exteriores distintos através da divisão em 4 pelos eixos de simetria: inicialmente o 2 espaços exteriores contíguos ao portão de entrada do muro de divisão do lote formam o espaço mais público e os outros 2 tardozes á estrutura formam o logradouro ou espaço exterior privado.

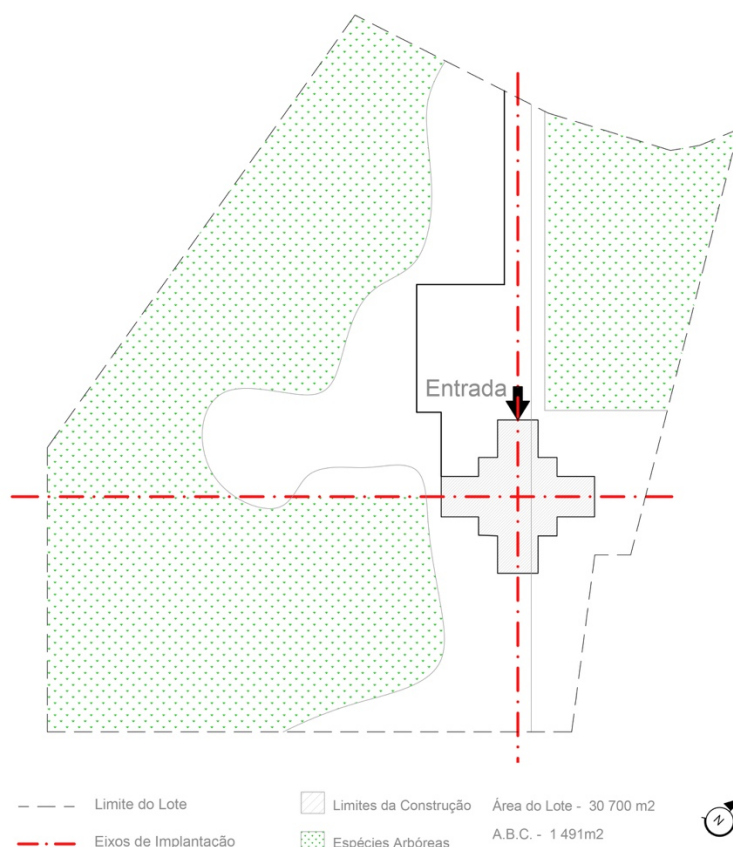
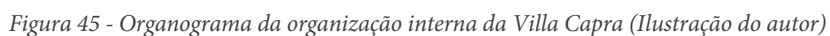


Figura 44 – Esquema de Implantação Villa Capra (Ilustração do autor)



52

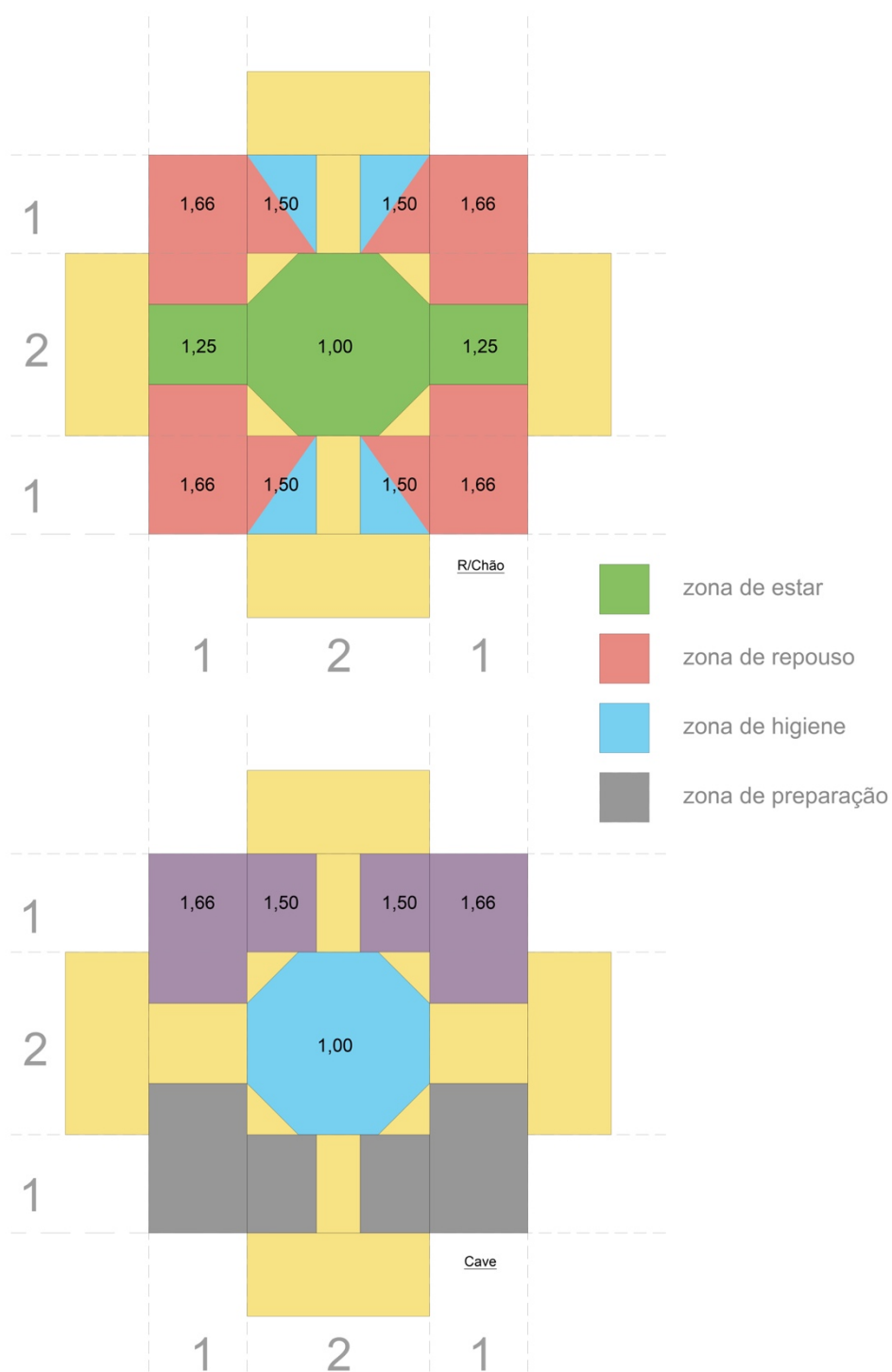


Figura 46 - análise gráfica das proporções interiores e do traçado regulador da Villa Capra
(Ilustração do autor)

IX. A VILLA NO “TRIANGULO DOURADO ALGARVIO” – MODERNISMO

Como já foi descrito no Capítulo I - *Advento do Turismo no Algarve*, existiu um aumento demográfico na década de 70 devido ao crescimento da procura da “casa de férias” no Barrocal e Litoral Algarvio por parte dos imigrantes dos países do norte da Europa. A implementação de edifícios de grande porte como Aparthóteis e Hotéis que pudessem trazer as massas para o Algarve pavimentou o caminho para o aumento do tipo *Villa*, vocacionado para as elites sócio-económicas, e assim dinamizou a indústria turística bem como a economia das freguesias Algarvias que até agora sobreviviam da agricultura e da pesca. Estes tipos iniciais trouxeram consigo a leveza da arquitectura moderna do séc. XX, mas a linguagem neles expressa não era arquitectura modernista como explica Eduardo Souto Moura:

«Post-modernism arrived in Portugal, [where there] had barely existed any Modern Movement at all.. What we needed [after the 1974 revolution] was a clear, simple and pragmatic language, to rebuild a country, a culture, and none better than the forbidden Modern Movement to step up that challenge»²²

Desde o início do séc. XX até ao advento do turismo não houve muitas evidências de intervenção de profissionais da arquitectura na região Algarvia, tendo sido a população local e mestres de obra que foram criando um código regional para o Algarve, no qual era distinto os panos pintados a cal branca e os acessos exteriores para as açoteias;

«Olhão offers a unique case study on the way formal buliding discourse and practices appropriated references to vernacular tradition.... I look at the lineage of the notable, 1930's trend of considering local, 'Cubist' architecture and its components (plain whitewashed surfaces, flat roofs, external stairs) as the inescapable source and reference.»²³

²² cit. AGAREZ, 2016, p.8

²³ AGAREZ, 2016, p.129

Com efeito, os projectos residenciais Modernistas que emergem no Algarve tentam integrar as novas práticas da arquitectura moderna com os códigos vernaculares da região Algarvia, como já foi referido, o tipo *Villa* era virtualmente inexistente no território Algarvio durante o período da arquitectura modernista (1920-50). Os exemplos mais aproximados eram as moradias unifamiliares que já começavam a ganhar alguma expressão a nível urbano que tiveram a intervenção de arquitectos como Fernando Távora, Manuel Gomes da Costa, Manuel Laginha e Pitum Keil do Amaral, como é o caso do ‘Milagre’ de Faro, projecto de Manuel Gomes da Costa realizado em 1950;



Figura 47 – Frente de rua do Projecto “Milagre” de Faro por Manuel Gomes da Costa

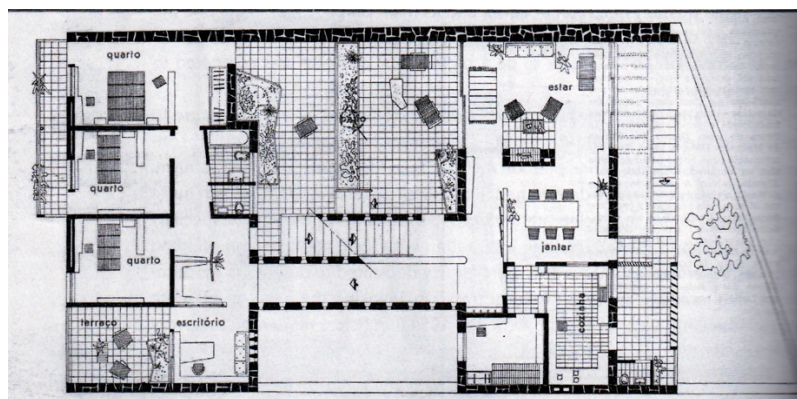


Figura 48 – Planta do 1º Piso do Projecto ‘Milagre’ de Faro por Manuel Gomes da Costa

À semelhança dos períodos anteriormente analisados, conclui-se, que o tipo *Villa* suburbana não existe na região Algarvia no período do Modernismo (1920-50) e assim propomos a análise á *Villa* deste período que foi referida no estado da arte, a *Villa Stein*, projecto realizado por Le Corbusier em 1927 localizado em Garches, nos subúrbios de Paris;

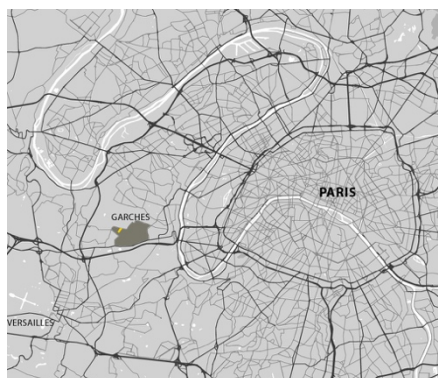


Figura 25



Figura 49 – Vista Frontal da Villa Stein

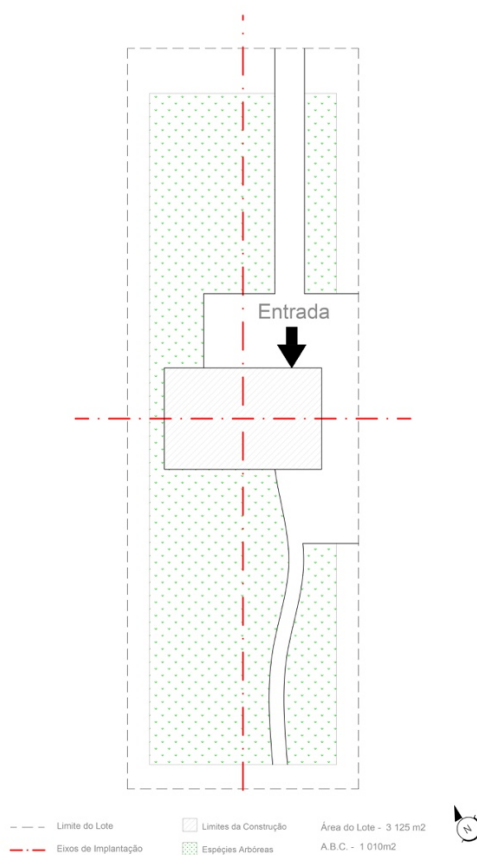


Figura 50 – Esquema de Implantação Villa Stein (Ilustração do autor)

Podemos identificar esta implantação como um Esquema Centralizado que cria uma divisão público-privado entre a zona de entrada e a zona do logradouro.

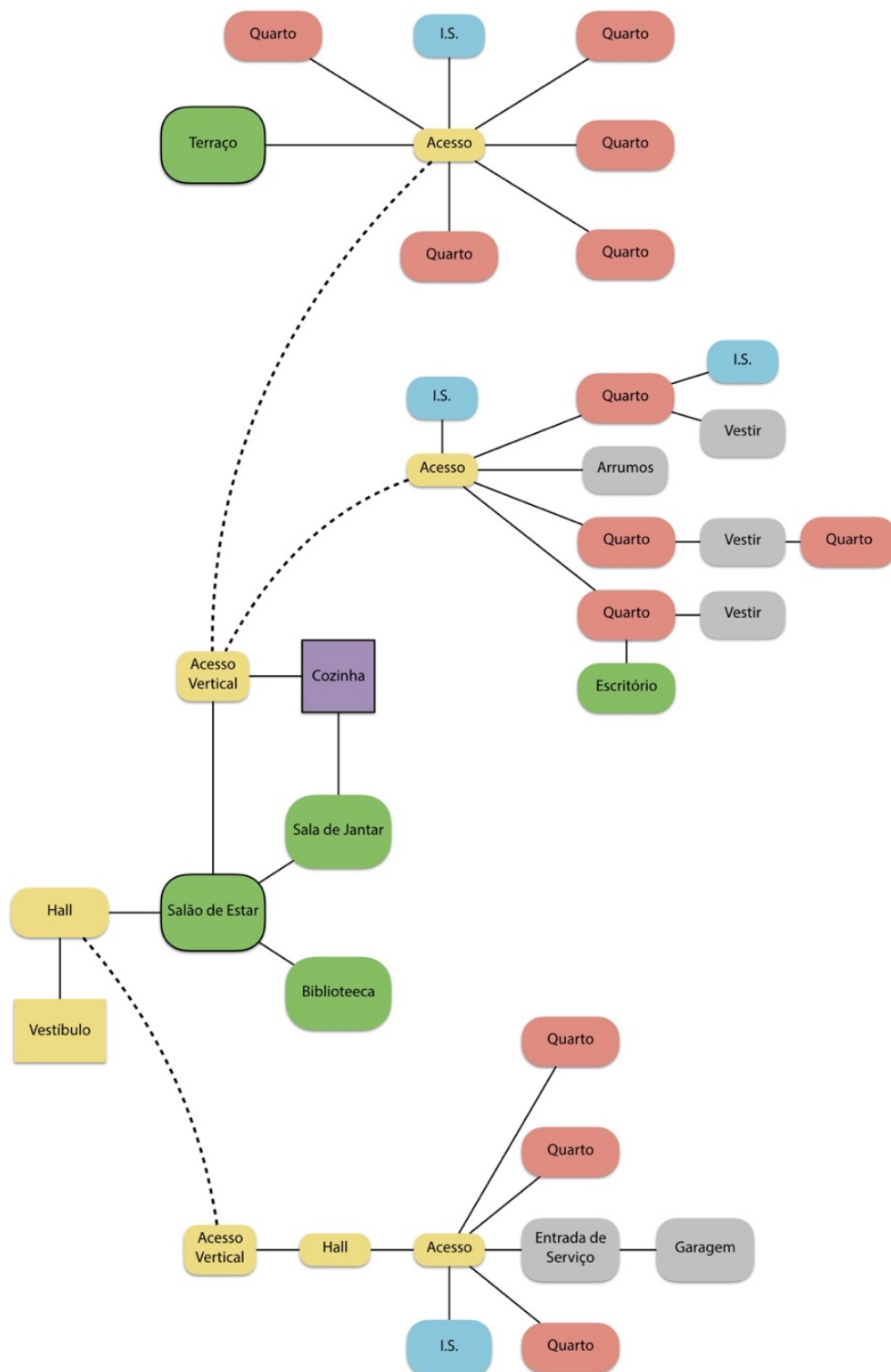
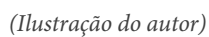


Figura 51 – Organograma da organização interna da Villa Stein (Ilustração do autor)



SÍNTESE

Através dos mapas de localização de cada *Villa* (Fig. 4, 15 e 25) podemos concluir que o tipo *Villa* está situado na periferia, nos subúrbios de um centro urbano, no interior ou no Litoral, sendo que o tipo que melhor se enquadra no conceito “cidade de lazer” é a *Villa* Laurentina devido a que está situada no litoral.

Em relação á implantação das três *Villas* podemos concluir que a A.B.C. diminui e existem dois tipos de esquema segundo os eixos: Esquema em Extrema, a construção situa-se numa extrema do lote, criando um espaço maior para atividades de lazer e Esquema Centralizado em que a construção esta localizada no centro do lote criando assim um espaço de entrada e outro espaço de logradouro onde podem ser colocados espaços lúdicos como jardins.

Tendo em conta o organograma de Neufert (“do compartimento único ao palácio), podemos concluir que os espaços interiores lúdicos diminuem consideravelmente do Romano até ao Modernismo, dando lugar a zonas de estar mistas e mais zonas de repouso. Em relação á organização e proporções, através das análises gráficas às *Villas* de cada época podemos fazer uma síntese de cada Zona focando os aspectos mais relevantes:

Zona de Estar (Zona Verde) – A Sala de Estar ou Salão tem um lugar de destaque, posicionada na extrema Sul da habitação ou no caso do Renascimento numa posição central, com uma dimensão em planta maior e nos casos onde é possível tem duplo pé-direito. As Zonas de estar secundárias como a Sala de Jantar, Sala de Leitura ou Biblioteca geralmente estão contíguas á Sala de Estar; o Escritório, Sala de Jogo ou sala Secundária têm uma dimensão menor e estão distribuídas pelos diferentes pisos ou em secções secundárias da habitação.

Zona de Repouso (Zona Vermelha) – As Suites são os espaços de repouso com mais destaque, estando localizadas no piso principal ou num piso que contenha na sua maioria quartos. Os espaços de repouso secundários partilham uma I.S. e podem estar virados para a extrema Norte ou Nascente.

Zona Húmida (Zona Azul) – o seu posicionamento pode servir como organizadora de espaço, servindo como separador entre Zonas, geralmente colocado tendo em conta o posicionamento pelos outros pisos de forma a simplificar as instalações de descarga.

Zona de Preparação (Zona Púrpura) – Zona em que se situa um sistema de espaços interiores dedicados á preparação de refeições como a cozinha, zona de pequenos-almoços, copa e dispensa. Estando geralmente localizada numa extrema oposta á entrada principal da habitação, de fácil acesso a partir da Sala de Estar ou do sistema de comunicação vertical.

Segundo a Tabela 2 podemos concluir que as proporções mais utilizadas, transversal a todas as épocas em análise, para todas as Zonas são: Quadro Perfetto (1:1), Sesquialtera (1:1.5) e Doppia (1:2).

Proporção	Valor	Romano	Renascimento	Modernismo
Quadro Perfetto 	1,000			
Dois / Raiz de três 	~1,155			
Raiz de três / Raiz de dois 	~1,225			
Sesquiquarta 	1,250			
Sesquitertia 	~1,33(3)			
Diagona 	~1,414			
Sesquialtera 	1,500			
Áurea 	~1,618			
Superbitartiens Tertias 	~1,66(6)			
Raiz de três 	~1,732			
Doppia 	2,000			
Combinação A 	~2,155			
Combinação B 	~2,414			
Combinação C 	~2,828			
		400a.c.-300d.c.	1450 - 1565	1900 - 1950

Tabela 2 – Relações de proporções em planta da Villa nos períodos Romano, Renascimento e Modernismo (ilustração do autor)

Tomando as proporções mais usadas nos tipos analisados: *Quadro Perfetto*, *Sesquialtera* e *Doppia*; podemos elaborar uma tabela que planifica as diferentes alturas que cada tipo apresenta. Assim conclui-se que as zonas de estar e repouso apresentam espaços com maior pé direito, sendo consideradas as áreas interiores que irão ter mais permanência e logo serão aquelas que terão mais destaque em relação às zonas húmidas e de preparação. Também se conclui que a altura dos compartimentos tende a diminuir conforme a sua proporção em planta aumenta.

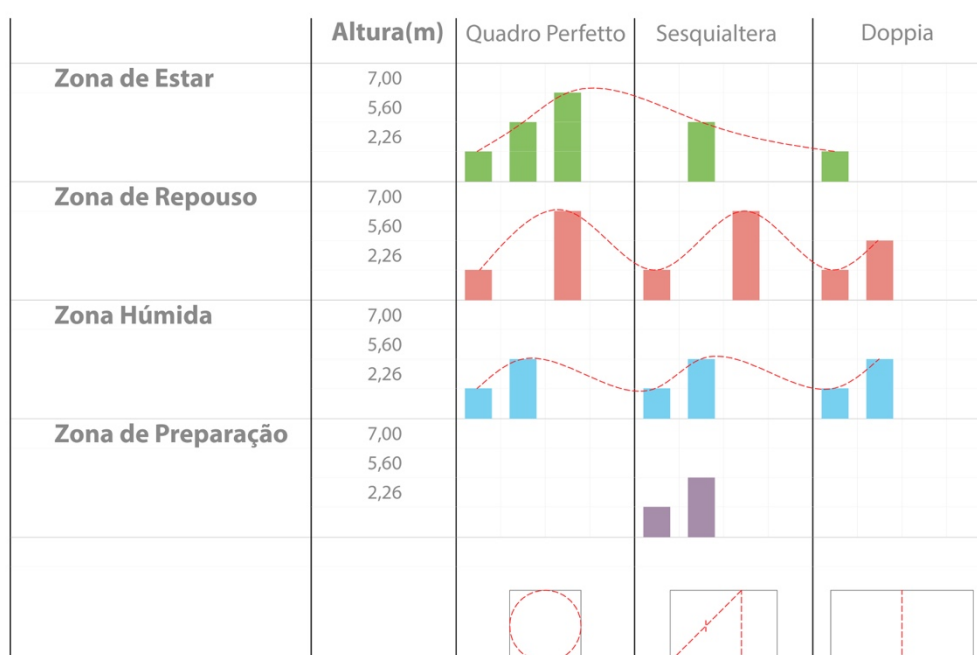


Tabela 3 – Análise da altura das proporções segundo as zonas (ilustração do autor)

Os parâmetros análise que propomos no Capítulo II – Casos de Estudo, serão semelhantes aos do Capítulo I – Levantamento Histórico, aqui iremos analisar a implantação, a organização interna e a proporção, de forma a consolidarmos as conclusões obtidas.

CASOS DE ESTUDO



Figura 53 – Vista aérea da Quinta do Lago

Tendo definido os “territórios do turismo” que compõem o “Triângulo Dourado” Algarvio identificamos que todos eles podem conter o tipo *Villa*, embora este seja melhor enquadrado no conceito de “cidade de lazer” observável nos planos de Vale do Lobo e Quinta do Lago. Escolhemos o plano da Quinta do Lago para análise, pelas razões enunciadas no Capítulo I – Advento do Turismo no Algarve e será analisada a implantação, a organização interna e as proporções, assim os casos de estudo escolhidos são: A Casa na Quinta do Lago de Eduardo Souto Moura (1984) e A Casa no “Algarve” do atelier Topos Arquitectura(2010).

Ambos os casos de estudo revelam características encontradas no tipo *Villa*, pelos 3 pontos de análise anteriormente enumerados, no entanto também foram escolhidos por serem referências arquitetónicas no espólio de Villas presentes no plano da Quinta do Lago.

Tendo escolhido como “territórios do turismo” para a análise e base de implantação para a proposta do projecto de uma *Villa* o plano da Quinta do Lago, foi realizado um levantamento das *Villas* existentes no plano mencionado com vista a definir 3 casos de estudo, um por cada década de 1990 a 2010, no entanto a informação necessária para obter planos ou informação relevante acerca de uma *Villa* do ano 2000 no âmbito do tema deste documento é praticamente inexistente ou nem sempre partilhada de forma simples e assim decidimos analisar apenas 2 casos de estudo, embora tenha havido um exemplo que não queremos deixar de referir como é o caso da “Casa em Boliqueime” de Ricardo Bak Gordon em 2000 (fig.53). Este projecto não pode ser incluído nos Casos de Estudo porque está implantado em Zona de Edificação Dispersa a Estruturar, não estando por isso inserido num “territórios do turismo” com plano urbano e tem uma organização interna menos complexa em relação aos tipos de *Villa* analisados no Capítulo I, no entanto, na opinião do autor, a “Casa em Boliqueime” captura a essência da Arquitectura do Algarve porque contem os panos de alvenaria rebocados pintados a branco com os vãos recolhidos para o interior da habitação criando uma antecâmara de controlo climático, a escada exterior com acesso à açoteia e o sombreamento dos terraços realizado com os telheiros de caniço, mostrando um exemplo a ter em conta no tipo de Arquitectura contemporânea que integra com sucesso os elementos arquitectónicos da região Algarvia.



Figura 54 – Grupo de imagens recolhidas do site de Ricardo Bak Gordon

(Montagem do autor)

X. CASO DE ESTUDO 1 – CASA NA QUINTA DO LAGO (1989)



Figura 55 – Localização do C.E. 1 no plano da Quinta do Lago (Ilustração do autor)

Figura 56 – Vista da entrada e alçado lateral direito (O) do C.E. 1

Figura 57 – Vista do logradouro e alçado lateral direito (S) do C.E. 1

O Caso de Estudo 1 (C.E.1) está situado numa das primeiras áreas desenvolvidas na Quinta do Lago que adotou o mesmo nome do plano geral, o lote onde se insere desenvolve-se perpendicularmente à Avenida Ayrton Senna da Silva, um dos eixos viários principais. Voltando às considerações de Gladstone que define a importância das atrações de uma “urbanização turística”, no caso da Quinta do Lago que é uma “cidade de lazer” estas atrações são o Sol, a Praia e os desportos ao ar livre como o Golf, assim, podemos inferir que o interesse no imóvel será mais alto quanto mais perto está de uma, ou várias atrações. Tomando como exemplo o C.E. 1 podemos observar que está perto de um circuito de golf, á semelhança da generalidade do tipo *Villa* presente no plano, embora não esteja perto de um corpo de água, neste sentido notamos que existe uma diferença clara entre os tipos analisados no período Renascentista e Modernista e o C.E. 1 porque o último tem um corpo de água artificial, a piscina, que é um elemento recuperado do sistema de banhos Romano. O elemento da piscina foi integrado no exterior da organização interna de espaços de uma residência privada contemporânea e adaptado para o tipo *Villa* com a intenção de emular a sensação de estar a nadar no mar, de ter o mar em casa, de ter tudo neste sistema de amenidades que proporcionam o lazer que é a *Villa*.

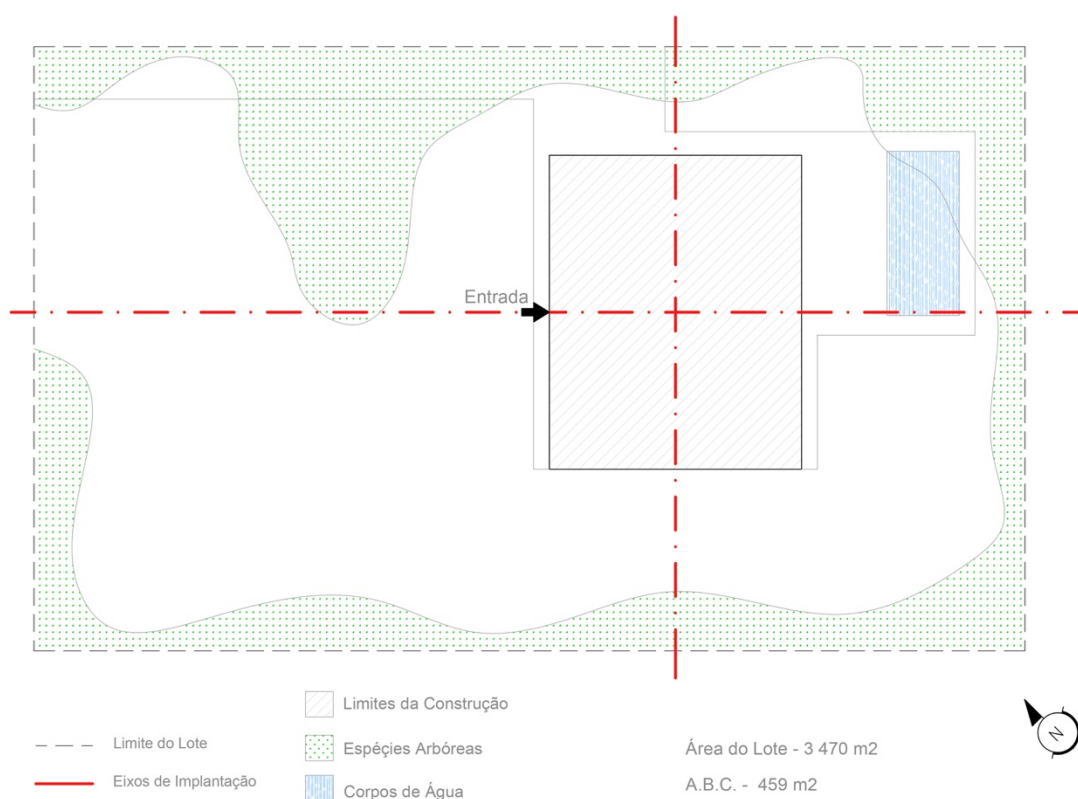


Figura 58 – Esquema de implantação do C.E. 1 (Ilustração do autor)

Em relação ao C.E. 1 podemos considerar que tem um Esquema em Extrema em que se aproxima da extrema Norte e Nascente para lugar a futuros espaços de lazer na extrema Sul. A implantação está rodada a 45° dos eixos cartesianos o que dá insolação aos espaços de estar até a metade do dia e coloca os espaços de serviço e húmidos a Norte. Podemos considerar que uma das razões porque a construção não está ao centro será pelos parâmetros do plano geral da Quinta do Lago em que seria sempre deixado um espaço na frente do lote para colocar um equipamento de desporto, um campo de ténis por exemplo, o que no C.E. 1 não se verifica mas estes elementos não são necessariamente implementados na conclusão da construção, no C.E. 1 o projecto original não tinha piscina e só com os novos donos é que foi adicionada.

Esta questão dos elementos anexos à Villa do tipo atrações caracteriza o genótipo das “cidades de lazer” e também do turista, no sentido em que este dá mais valor à qualidade e quantidade de amenidades de lazer do que ao sentido de pertença tradicional que um indivíduo tem em relação ao lugar onde nasceu ou onde passou uma quantidade considerável de tempo. Torkington apelida os turistas de *Lifestyle Migrants* no sentido em que procuram um estilo de vida e o associam com um local que pode oferecer esse ideal.

«...being ‘born and bred’ in a place no longer seems to be a fundamental prerequisite to belonging (or at least not always, for everyone) . Nowadays place attachments can arise when a chosen place of residence is perceived as valuable due to its congruence with one’s lifestyle, life-story and life politics, with one’s repertoire of ‘ideal’ possible selves and its connections to other significant places .»²⁴

O C.E. 1 apresenta uma distribuição num só piso em que o único espaço que se situa na cobertura é um terraço acessível que se assemelha a um espaço também utilizado no tipo de habitações particulares da região Algarvia que se chama “Açoteia”, formando uma ligação á cultura da região. O “Hall” funciona como espaço distribuidor dando acesso aos espaços de serviço e húmidos através de pátios, ao corredor dos quartos e ao Salão de Estar.

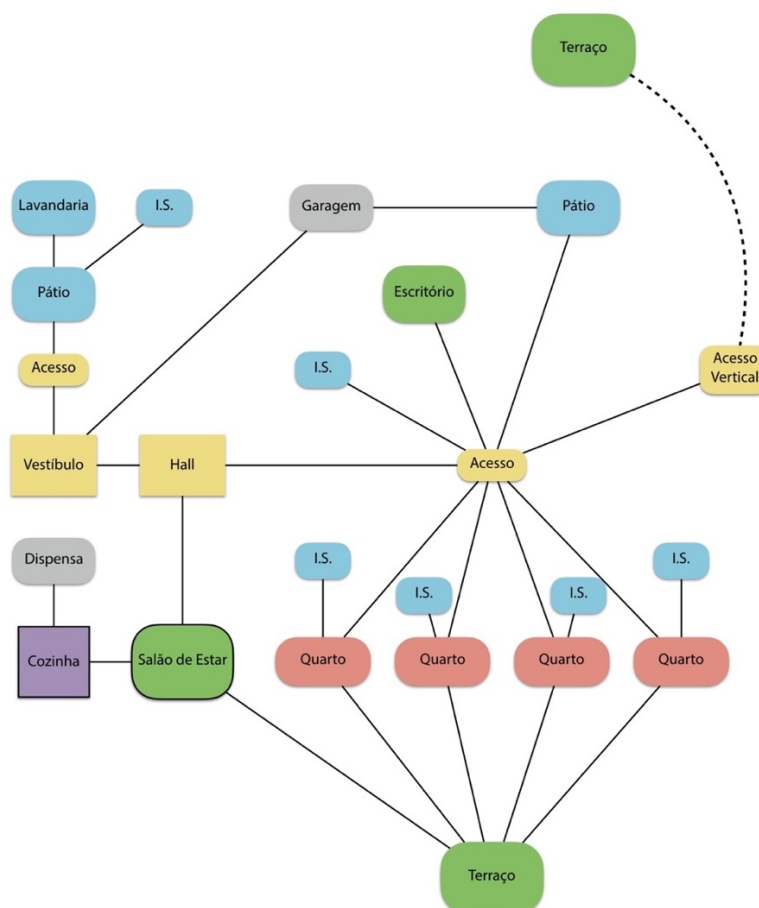


Figura 59 – Organograma da organização interna do C.E. 1 (Ilustração do autor)

²⁴ - HASS & JANOSCHKA ibid TORKINGTON, 2013, p.79

Em relação às dimensões dos espaços internos as planimetrias (fig. 59) verificamos que existe uma métrica que tem uma unidade de 3.35m sendo depois complementada com espaços que contem o dobro ou o triplo dessa unidade como por exemplo o Salão de Estar. Em comparação às grelhas das Villas analisadas no Capítulo I a diferença que se observa é flexibilidade da grelha do C.E. 1 que consegue fugir das linhas de referência e integrar espaços intermédios que otimiza a distribuição. A altura dos compartimentos (fig. 60) está fixada nos 2,70m, não tendo estores sendo o sombreamento realizado através do avanço da placa de cobertura que também serve como cobertura ao terraço do Salão e Quartos. Este “nivelamento” do pé-direito tem como objetivo o controlo de custos da estrutura mista de pilares, vigas e lajes em betão armado e panos de alvenaria de tijolo e também pela facilidade de acesso aos vários espaços não tendo diferenças de cotas no interior. Difere, no entanto, dos tipos analisados no Capítulo I porque a altura já não é definida através da proporção volumétrica, mas sim através do Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) que foi implementada em 1951, período subsequente ao Modernismo, e também pelo plano urbano da Quinta do Lago.

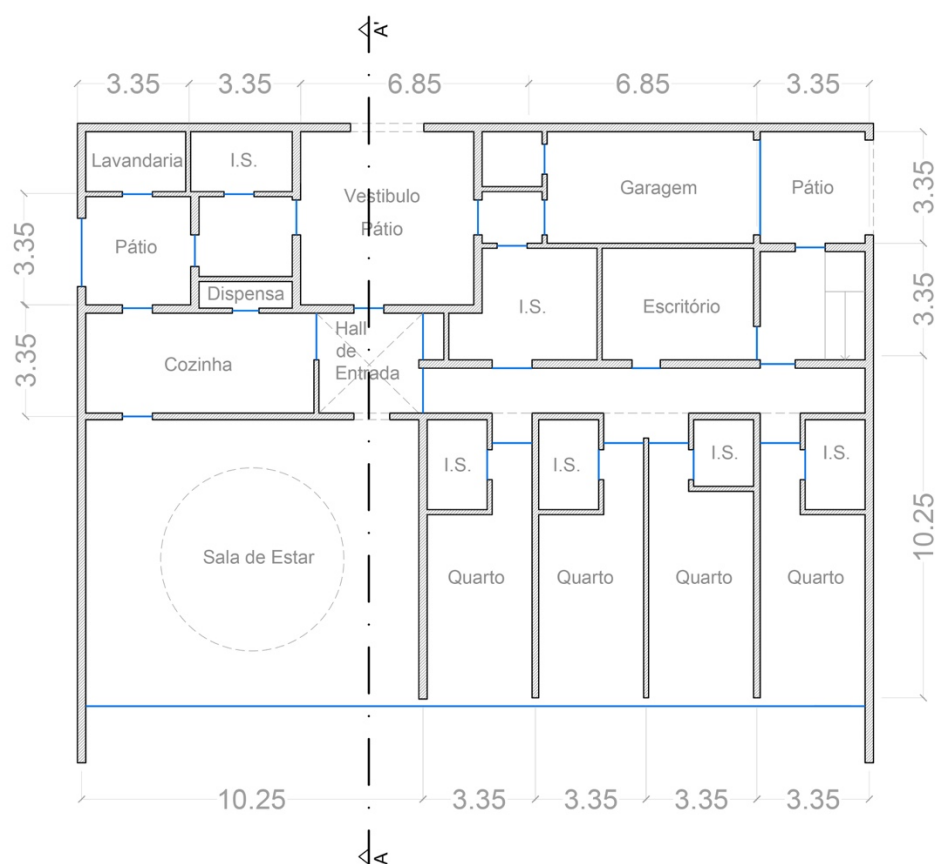


Figura 60 - Dimensões dos espaços do C.E. 1 – R/Chão

(Ilustração do autor)

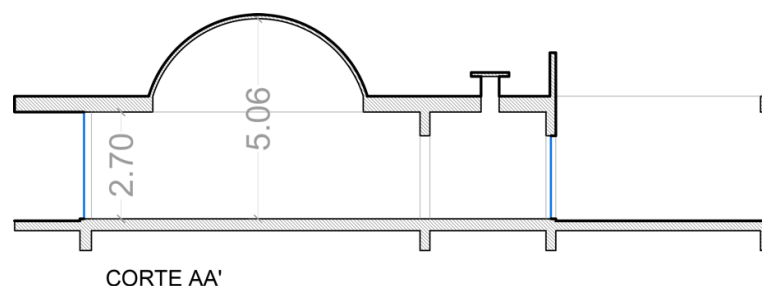


Figura 61 - Análise gráfica das proporções do pé-direito do C.E. 1 (Ilustração do autor)

Em relação às proporções do C.E. 1 (fig. 61) observamos que os espaços não apresentam uma coerência com as proporções mais usadas nos tipos analisados no Capítulo I (tabela 2). Por exemplo a proporção do Salão de estar tem uma proporção 1,155 que equivale á proporção “Dois Raiz deTrês” descrita na tabela de Rui de Klerk (fig. 1) mas isto deve-se á influencia do “plan libre” (fig.26) de Le Corbusier que integra vários espaços num só e dispensa a utilização de paredes divisórias, no caso do Salão de Estar este espaço integra a Sala de Estar e a Sala de Jantar.

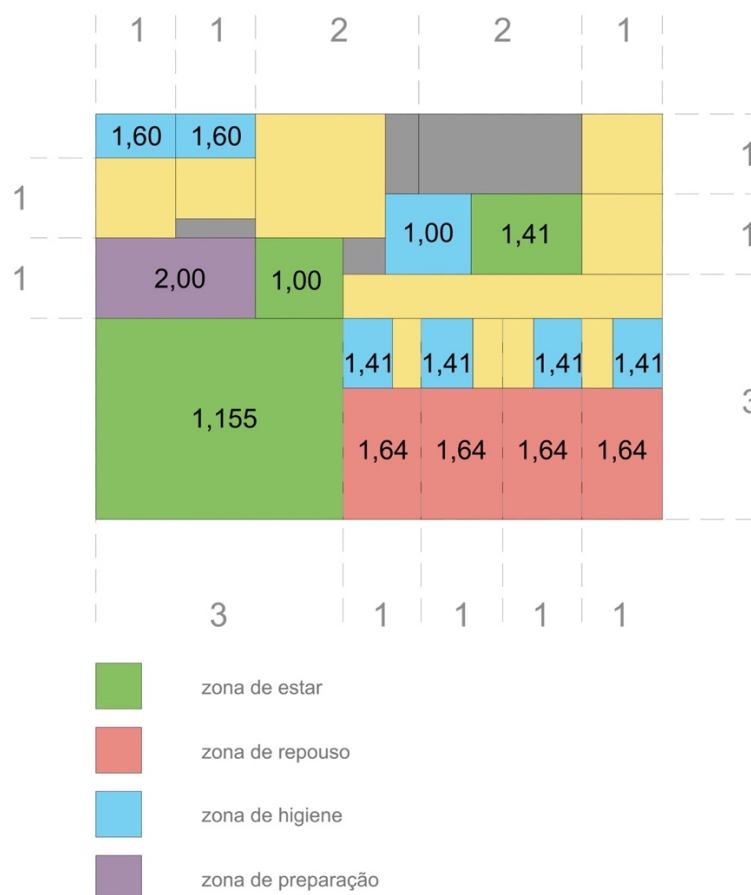


Figura 62 - Análise gráfica das proporções interiores do C.E. 1 Ilustração do autor)

XI. CASO DE ESTUDO 2 – CASA NO “ALGARVE” (2010)



Figura 63 – Localização do C.E. 2 no plano da Quinta do Lago (Ilustração do Autor)

Figura 64 – Vista do terraço do logradouro (S) do C.E. 2

Figura 65 – Vista da lagoa (O) para o logradouro do C.E. 2

O Caso de Estudo 2 (C.E. 2) está situado em São Lourenço, uma das áreas de desenvolvimento residencial da Quinta do Lago mais perto da Praia e também uma das últimas a ser implementada. A localização do C.E. 2 apresenta mais atrações que valorizam o interesse neste imóvel como o Lago, o circuito de golf de São Lourenço, o passeio junto à Ria Formosa que contem o Observatório de Aves e o acesso pedonal único à Praia materializado pela ponte da Quinta do Lago, todas estas atrações de lazer conferem uma qualidade de serenidade e plenitude aos proprietários, qualidade que se enquadra no conceito de *Villegiatura* que está na origem da criação do genótipo da *Villa*.

A área de São Lourenço, onde está implantado o C.E. 2, tem uma densidade populacional mais baixa que a do C.E. 1 em que sua área do plano da Quinta do Lago tenha sido das primeiras a ser desenvolvida, desta forma concluímos o C.E. 2 enquadra-se no caráter de afastamento do centro urbano que caracteriza a *Villa*. De todas as áreas é a que está mais a Nascente do plano, estando contigua à Ribeira de São Lourenço, que a nomeia, e também a Sul, à praia do Ancão. Estas transições entre porções de terra e corpos de água criam uma miríade de sentidos que criam uma dimensão distinta da efemeridade do sistema urbano e eleva a psique para latitudes próprias dos espaços que caracterizam a “cidade de lazer”.

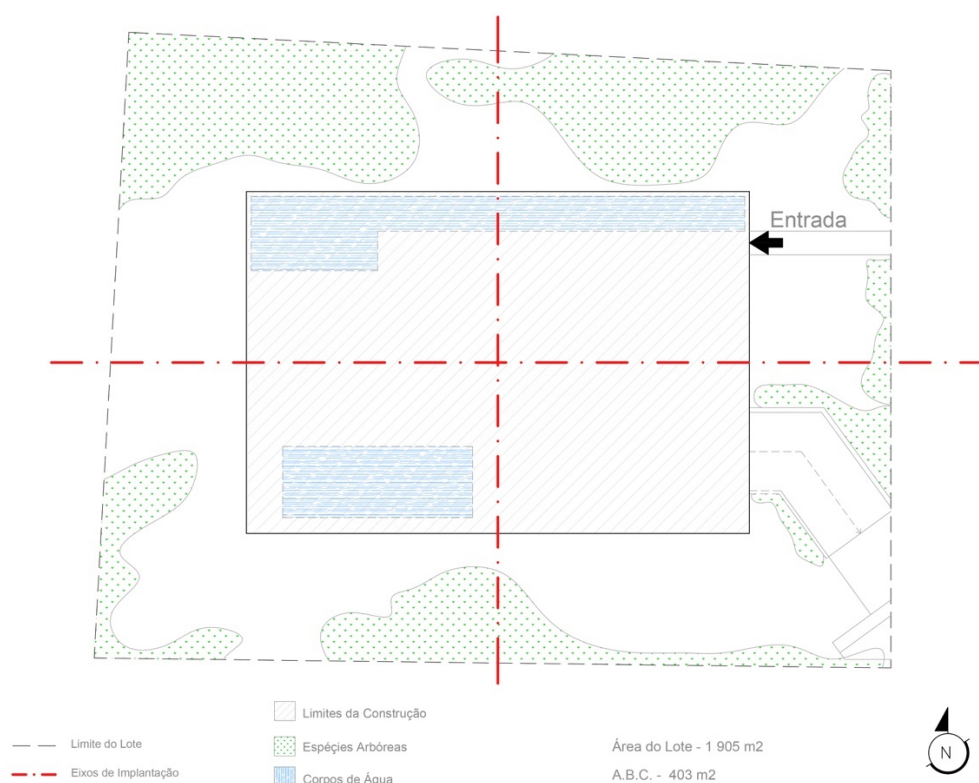


Figura 66 - Esquema de Implantação do C.E. 2 (Ilustração do autor)

Em relação á implantação do C.E. 2 (fig. 66) identificamos um esquema centralizado que divide o espaço exterior em 4 zonas sendo estas a entrada principal e Logradouro a Nascente e Norte e os espaços de estar e entrada de serviço a Sul e Poente.

Verificamos a inclusão da piscina na grelha tridimensional da construção que intensifica o conceito de integrar todas as amenidades de lazer numa habitação.

Em relação á organização interna do C.E. 2 (fig. 66) observamos que esta se desenvolve em 2 pisos, sendo o piso térreo ou Rés-do-Chão(R/Chão) reservado para a vivência diária e o Piso 1 reservado para o repouso que também tem terraços acessíveis que podem ser alcançados através do acesso vertical interior ou exterior que se assemelha á escada exterior para a açoteia da região algarvia em termos de organização de espaços, tendo no entanto uma forma diferente, mais enquadrada com a ortogonalidade caraterística do C.E. 2.

No que toca á distribuição do R/Chão verifica-se que o Vestíbulo de entrada e o Hall partilham a ligação visual a um espelho de água a Norte que reflecte o sentido do acesso interno que a partir do hall dá ligação a um quarto multi-usos que pode ser de serviço, para visitas ou servir de escritório, para o Salão de Estar e para o Terraço que por sua vez incorpora a piscina e arranjos exteriores e para o acesso vertical para os quartos.

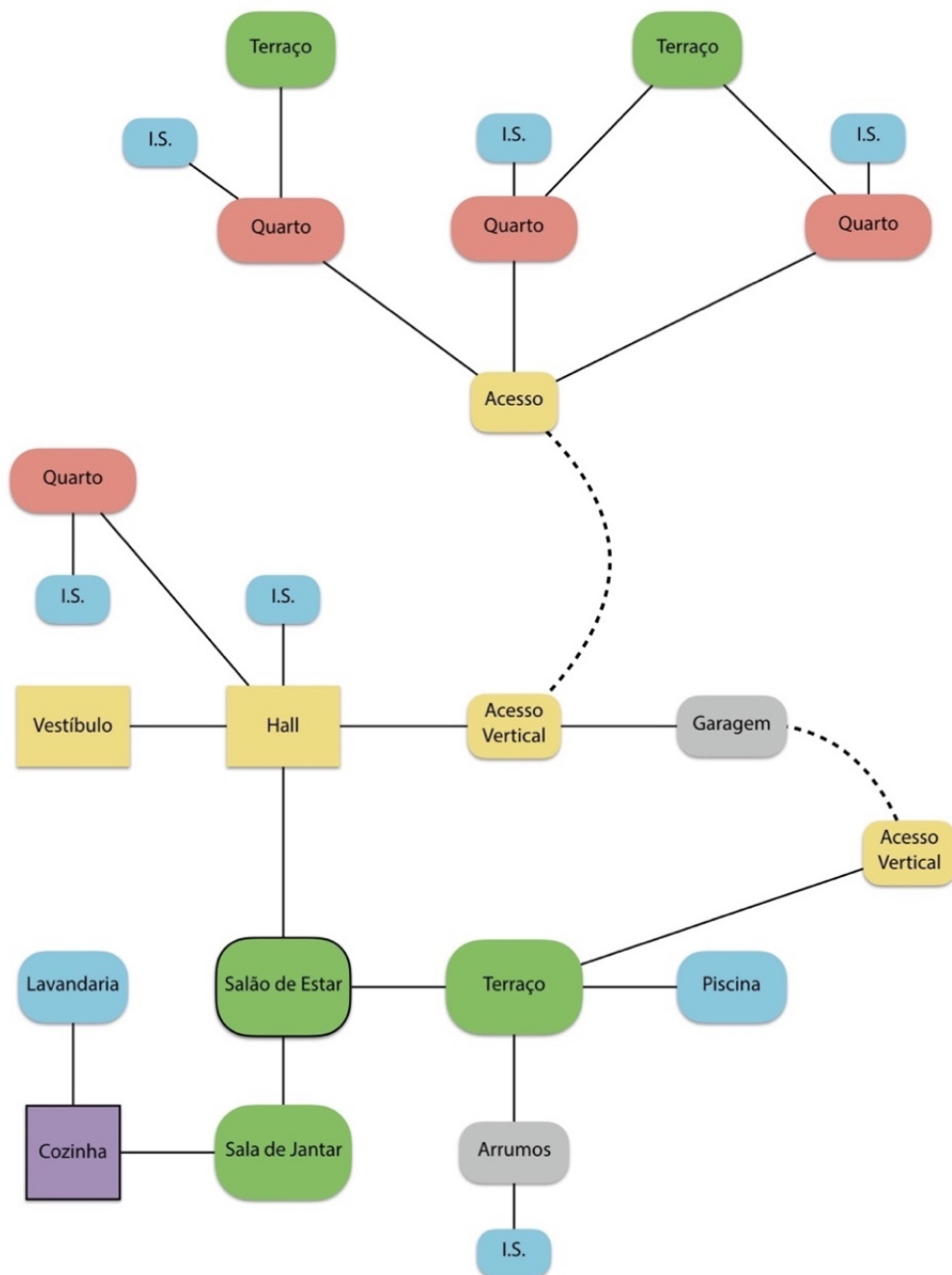


Figura 67 - Organograma da organização interna do C.E. 2 (Ilustração do autor)

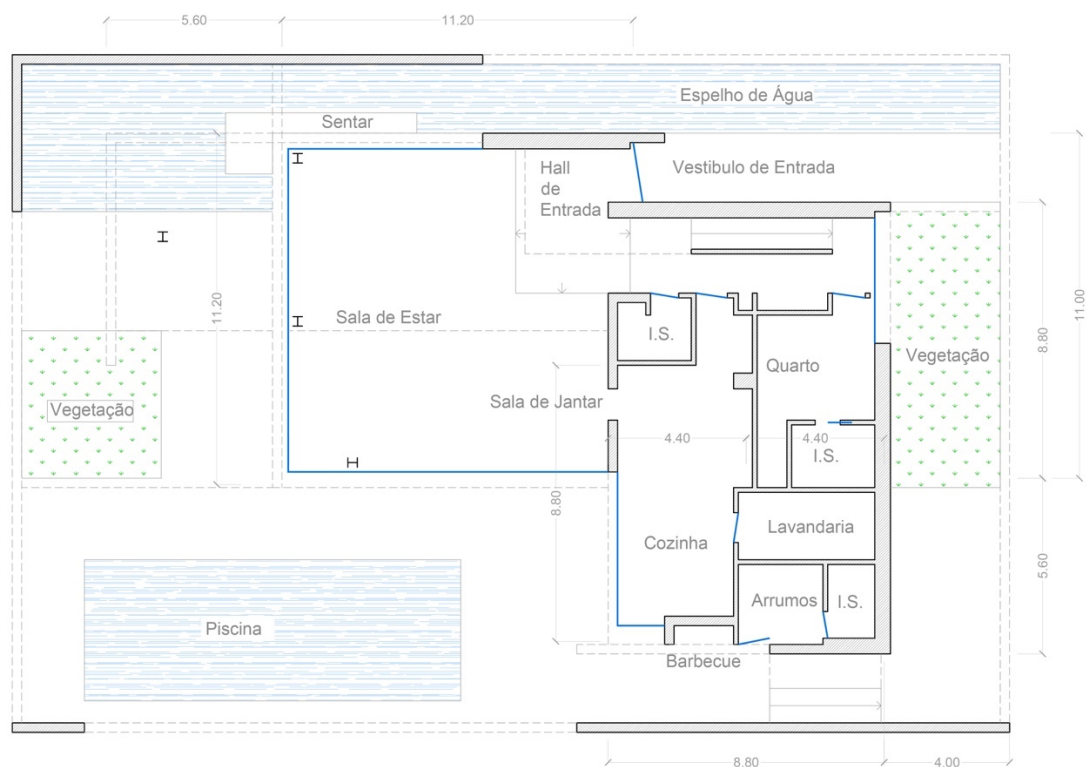


Figura 68 - Dimensões dos espaços e eixos de simetria do C.E. 2 - R/Chão

(Ilustração do autor)

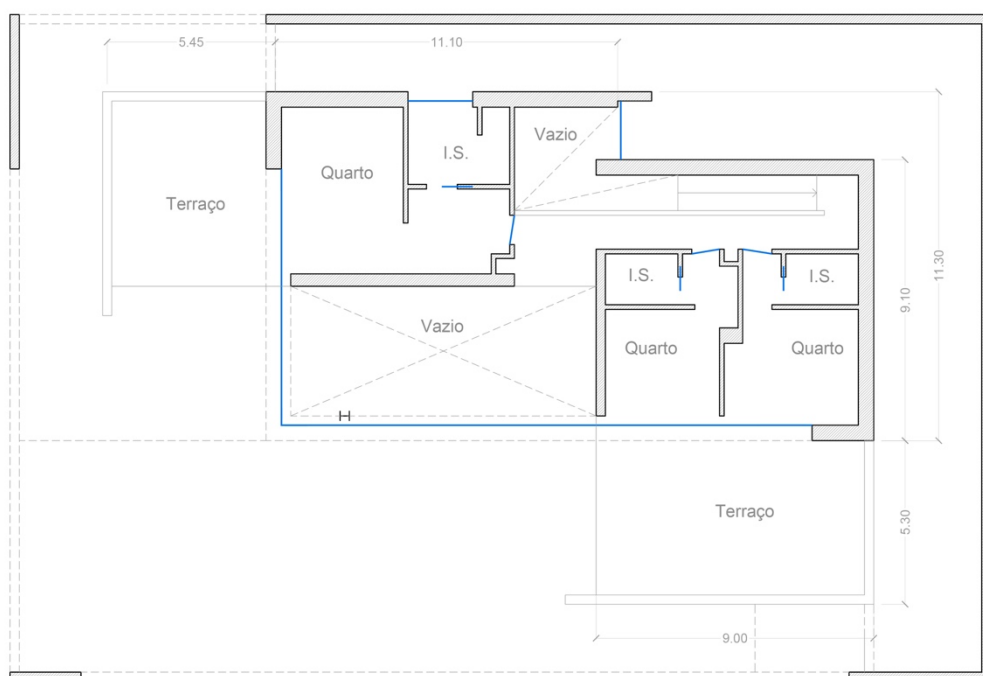


Figura 69 - Dimensões dos espaços e eixos de simetria do C.E. 2 - 1º Andar

(Ilustração do autor)

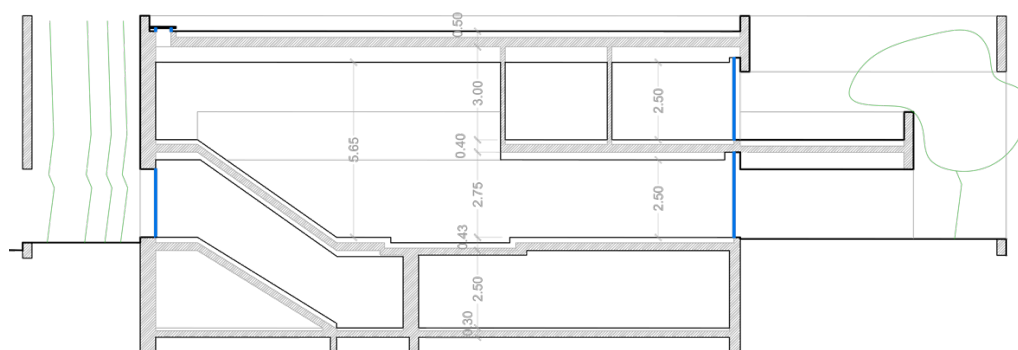


Figura 70 - Análise gráfica das proporções dos pé-direitos do C.E. 2 (Ilustração do autor)

Em relação às dimensões dos espaços interiores do C.E. 2 verificamos que existe duas métricas que o regulam sendo estas a unidade de 5,60 m e 4,40 m, acrescentado assim a flexibilidade de integração de espaços que observamos no C.E. 2, criando assim uma desconstrução da grelha inicial para chegar a uma organização otimizada. Verifica-se que a Sala de Estar e a Sala de Jantar estão integradas no mesmo espaço tendo uma relação visual com o Hall de entrada e com o espaço exterior que integra o Espelho de Água, o Terraço, e a Piscina. Em relação á estrutura é mista, tendo pilares, vigas e lages em betão armado e divisões interiores de alvenaria de tijolo, em relação á paredes confinantes dos espaços interiores são em betão aparente pintado á cor branca.

Em relação ao pé-direito (fig. 69) verifica-se um homogeneidade nos pisos de 2,50 de espaço útil e uma diferença entre as alturas de laje a laje, em que na cave como não existe tecto falso a altura mantem-se 2,50 m, no piso do R/Chão a altura é 2,75 m o que possibilita a passagem de cablagem para luminárias e no Piso 1 a altura é de 3,00 m o que permite colocar uma caixa de estore que varia entre os 0,30 m e 0,35 m de altura . O sombreamento do R/Chão é assegurado pelos panos de betão que rodeiam o limite de construção que formalizam o espaço tridimensional desse limite.

As proporções presentes no C.E. 2 mostram que existe uma semelhança ás mais usadas nas análises do Capítulo I (1,00; 1,50; 2,00) que se verifica no espaço da Sala de Estar e Sala de Jantar (1,00), em metade dos Quartos (1,00), na Cozinha (1,5) e nos Terraços, no entanto observa-se outras proporções nos espaços de serviço e I.S. que são o resultado da flexibilidade de organização interior já descrita.



Figura 71 - Análise gráfica das proporções interiores do C.E. 2 (Ilustração do autor)

CASOS DE ESTUDO – SÍNTESE

Na sequência da análise aos C.E. 1 e 2 será necessário um resumo às características que definem o tipo *Villa* presente na “cidade de lazer” da Quinta do Lago quanto á sua implantação, organização interna e proporção;

Em relação á implantação verificamos que existe dois tipos presentes nos dois C.E. , a primeira (C.E. 1 - 1989) apresenta um esquema em extrema em que o lote apresenta uma área de 3470 m² e uma A.B.C. de 459 m², na segunda (C.E. 2 - 2010) apresenta um esquema centralizado com uma área de lote de 1905 m² e uma A.B.C. de 403 m². Podemos concluir que a primeira reflecte um planeamento de lote mais antigo que incorpora um espaço para equipamento desportivo, como um campo de ténis, ao contrario do segundo que tem uma área de lote mais pequena que define através do afastamento de 8,00 m ao limite do lote uma área que resulta no limite de construção e engloba os parâmetros do loteamento. Ambas os C.E. apresentam a integração de um corpo de água, neste caso uma piscina, que no C.E. 1 está fora do limite de construção e no C.E. 2 está dentro, no entanto não existe nenhum ponto na legislação vigente que impeça a colocação da piscina fora desse limite.

Verifica-se assim uma proximidade de A.B.C. entre os dois C.E. que reflecte uma coerência dos condicionamentos dos planos de loteamento presentes na Quinta do Lago.

Em relação á organização interna observa-se uma diferença entre os C.E. em que o primeiro (C.E. 1- 1989) os espaços internos desenvolvem-se num só piso e no segundo (C.E. 2) desenvolvem-se em dois pisos sendo o Piso 1 reservado para a zona de repouso. Verifica-se nos dois casos o posicionamento das zonas de serviços e zonas húmidas na extrema Norte da *Villa* e o espaço de estar é composto pela Sala de Estar e pela Sala de Jantar que tem uma ligação visual ao terraço e á piscina.

Em relação às proporções em planta dos espaços interiores no C.E. 1 verifica-se valores diferentes das análises do Capítulo I, em que apresenta uma métrica de unidade 3,35 m que se multiplica conforme os espaços projectados, sendo flexível, possibilitando a articulação dos espaços interiores conforme necessário, no C.E.2 verifica-se a utilização das proporções 1,00 e 1,50 nas zonas de estar, zonas de repouso e preparação e uma grelha de 2 métricas que aumenta a flexibilidade da organização interior. No que toca ao pé direito verifica-se que ambos os casos de estudo apresentam alturas em conformidade com a legislação vigente do RGEU e dos loteamentos da Quinta do Lago, não ultrapassando os 6,50m impostos para habitações isoladas, em que se verifica o uso do tecto falso para ocultar tubagens e mecanismos que complementam as necessidades dos espaços internos.

PROPOSTA DE UM PROJECTO DE ARQUITECTURA



Figura 72 – Frente do Lote nº10 do plano da Quinta do Lago (Ilustração do autor)

XII. PROPOSTA DE UM PROJECTO DE ARQUITECTURA

Após a análise aos casos de estudo presentes na “cidade de lazer” da Quinta do Lago será necessário a escolha do lote que serve de local de implantação para a proposta do projecto para uma *Villa* no enquadramento teórico descrito nos capítulos anteriores. Através da análise ao mapa de serviços e campos de golf presentes na Quinta do Lago (fig. 72) podemos tomar uma escolha informada para definir o local de implantação; por uma questão de coerência realçamos que a zona residencial apensa ao campo de golf “Pinheiros Altos” não figura na planta de zoneamento (fig. 38), assim não iremos considerar esta zona;

Identificamos que existe uma hierarquia de serviços que se espalham pelo plano na direção Norte-Sul, desde ao posto de segurança e centro comercial situados na extrema Norte do plano, passando pelos serviços administrativos dos quatro campos de golf existentes, aos dois country clubs juntamente como os dois grandes lagos situados no sector sul e finalmente a imponente ponte da Ria Formosa que materializa a passagem da zona residencial para a zona balnear dando acesso a duas praias. Considerando que existe um aumento do valor do imóvel conforme mais a Sul se localiza devido ao aumento da exclusividade das atrações, reduzimos as escolhas a duas zonas: a do Parque Atlântico e a de São Lourenço (ambas apensas ao campo de golf San Lorenzo); consideramos que a zona mais a Nascente de São Lourenço, tangente ao Parque Natural da Rua Formosa e acessível através da Rua Tejo, oferece mais privacidade, consideramos assim que esta será a zona que reúne as características do enquadramento teórico. A forma como iremos reunir documentos para definir o projecto da *Villa* será através da consulta aos loteamentos disponíveis na página da Câmara Municipal de Loulé²⁵ e assim obter os parâmetros por esses definidos que informam o projecto. Desta forma identificamos o loteamento nomeado de “São Lourenço” - 1/1996²⁶ que define o Lote nº10, perpendicular á Rua de São Lourenço que se situa a Nascente do lote, tendo a Poente o Lago que desagua na Ria Formosa. Este lote apresenta uma área de 2890,00 m² e com uma A.B.C. de 578 m² que corresponde a 20% da área do lote. Estes parâmetros urbanísticos são intrínsecos ao plano de loteamento, no entanto existem outros que definem a edificação em áreas urbano-turísticas nomeadamente o RGEU e PDM dos quais foi feito uma síntese²⁷.

²⁵ PAGINA CML LOTEAMENTOS

²⁶ Anexo 1

²⁷ Anexo 2





Figura 74 - Localização do Lote de implantação da Proposta (Ilustração do autor)

XIII.PROJECTO – VILLA PINO

Através do planeamento do Anexo 1 identificamos o lote nº10 através do qual iremos utilizar os mesmos parâmetros de análise do Capítulo I e II para definir a implantação, a organização interna e as proporções da *Villa* no “Triângulo Dourado” Algarvio, no entanto, as considerações a explorar não serão finais mas sim diretrizes para informar a proposta que estará ilustrada na secção de anexos deste documento;

«o edifício não pode ser desligado do lote ou superfície de solo que ocupa. O lote não é apenas uma porção cadastral: é também a génese e fundamento do edificado... a forma do lote é condicionante da forma do edifício.»²⁸

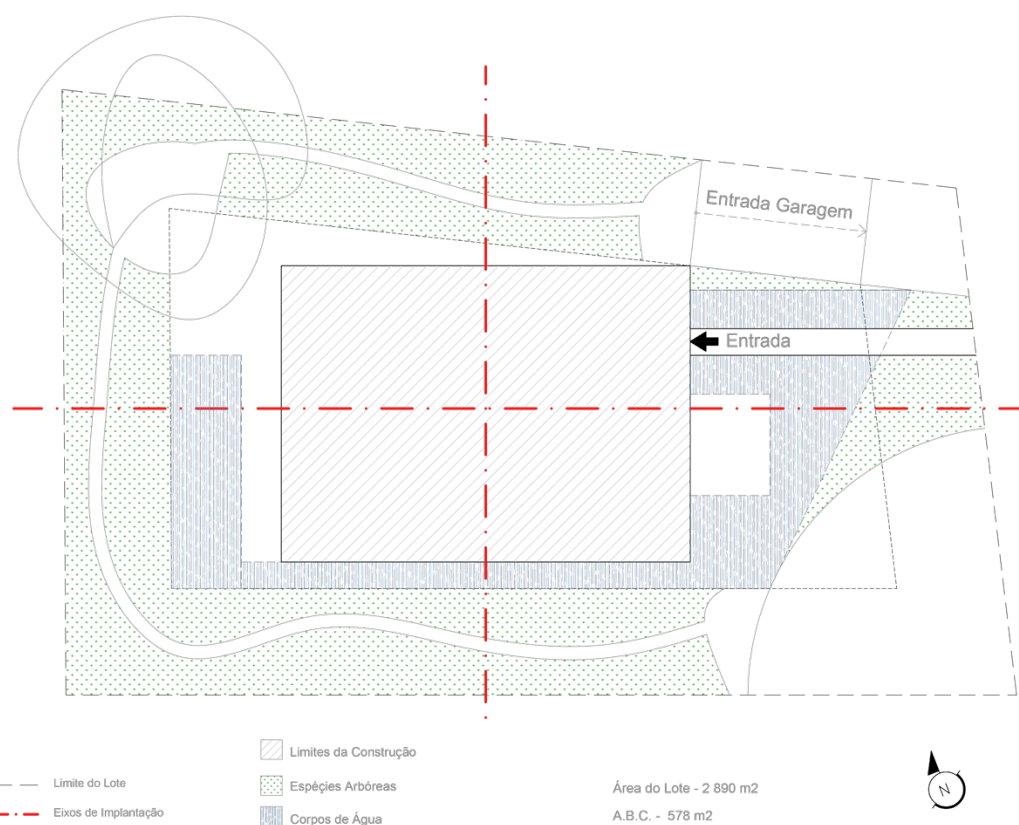


Figura 75 - Esquema de implantação para a Proposta (Ilustração do autor)

O eixo Nascente-Poente da implantação da proposta está paralelo á extrema Sul do limite do lote criando uma regra base para o desenvolvimento de espaços internos e externos.

²⁸ LAMAS, 2000, p.86

Devido aos limites oblíquos do lote optamos por um esquema centralizado de forma a integrar os espaços interiores e exteriores de acordo com as condicionantes do loteamento, como é o caso do afastamento de 8,00 m ao limite do lote.

Segundo o plano do loteamento (Anexo 1) a *Villa* pode ter até 2 pisos mais cave, assim o programa proposto para definir a organização interna da *Villa* terá como base os organogramas dos Casos de Estudo e o tipo de proprietários que se enquadram no conceito da “cidade de lazer” que são maioritariamente adultos, neste caso Gladstone não define a estrutura familiar mas podemos considerar através dos Censos 2011²⁹ que um casal que se enquadre nas nacionalidades que investem em “territórios do turismo”, nomeadamente Inglesa, Francesa e Holandesa, têm mais possibilidades de ter uma média de 2,0 filhos devido a que pertencem a grupos sócioeconómicos de elite, em contraponto com os residentes permanentes em Portugal que têm em média 1,4 filhos, tendência que tem vindo a aumentar desde 1970 até 2011.

Desta forma podemos considerar que a *Villa* terá uma base de 1 quarto para o casal, 2 quartos para as crianças e 1 quarto de serviço ou quarto de hóspedes, contabilizando um total de 4 quartos para as Zonas de Repouso tendo todos um acesso a um terraço. Em relação às Zonas de Estar consideramos que deverá ter um Salão de Estar que irá incorporar uma Sala de Jantar e um espaço de degustação que poderá ser um espaço com balcão e estante para bebidas; deverá também contemplar espaços de lazer comuns que poderão ser materializados por um Sala de Família, Biblioteca e Sala de Cinema.

Em relação as Zonas de Higiene propomos a integração de I.S. *en Suite* para todos os quartos, I.S. de serviço no R/Chão e I.S. de serviço para apoiar os espaços exteriores, também iremos contemplar uma piscina, um jacuzzi, uma queda de água interior e espelho de água na entrada. Em relação aos espaços de preparação serão compostos pela cozinha, copa, lavandaria e cave de vinhos na cave. Os espaços de serviço serão a garagem, dispensa, duas salas técnicas de hidráulica e arrumos diversos.

²⁹ DELGADO & WALL, 2014, pg. 171

Nesta fase, o organograma (fig. 76) que serve de referência para a proposta ilustra alguns espaços como a cave de vinhos, biblioteca, lavandaria e terraços exclusivos para cada quarto, que podem ser sujeitos a alterações durante a exploração do projecto no entanto, a ligação entrada - vestíbulo - sala/jantar- acesso vertical - quartos será mantida porque tem como base o genótipo dos Casos de Estudo analisados.

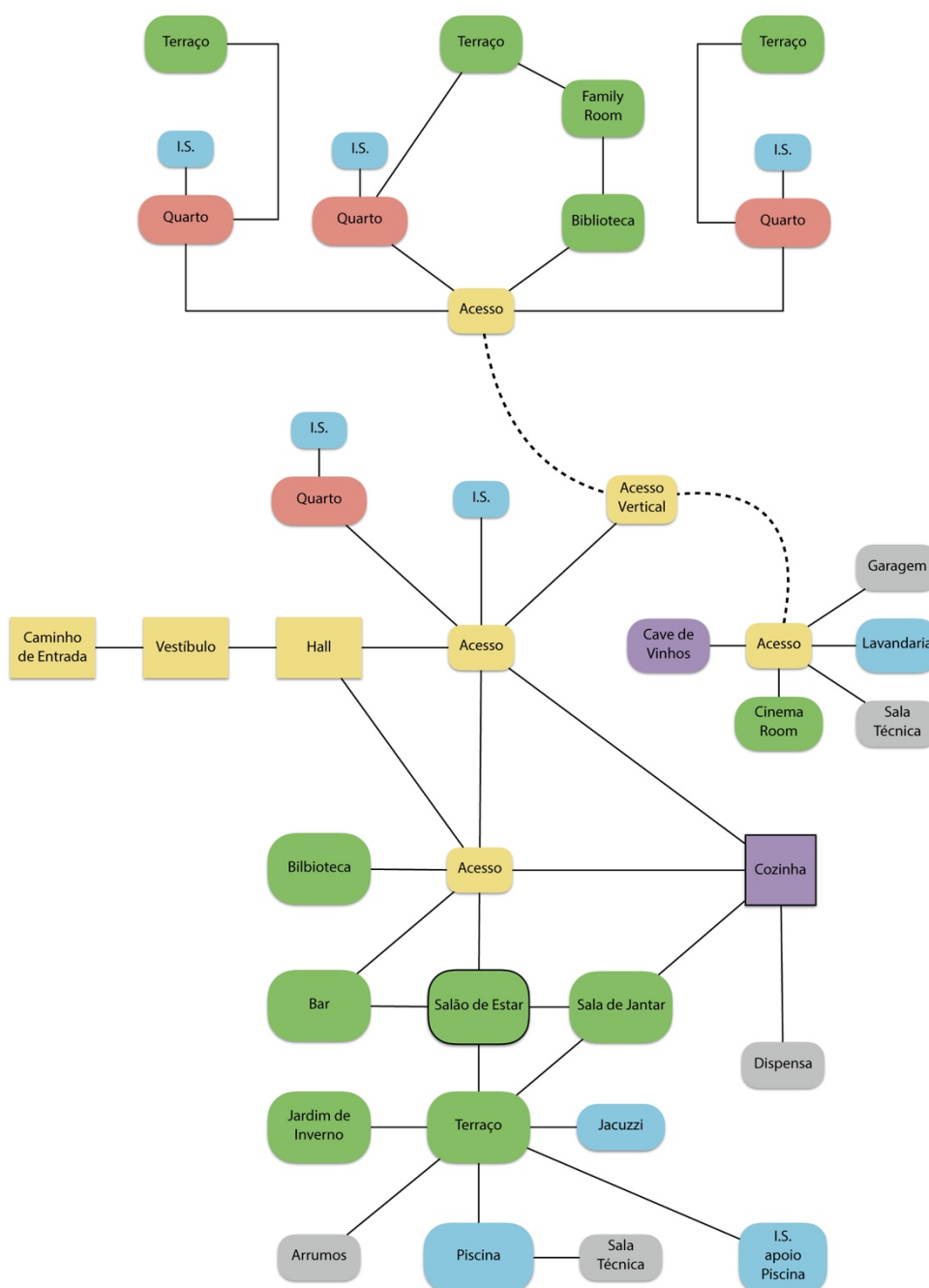


Figura 76 - Organograma da organização interna da Proposta (Ilustração do autor)

A partir do esquema de implantação e do organograma obtemos o posicionamento base para os espaços internos, e também alguns externos que não vão ser explorados nesta fase, que possibilita ilustrar uma análise gráfica de proporções dos espaços internos, que terão com base a síntese dos Casos de Estudo que descreve que as Zonas de Estar, Repouso e Preparação apresentam proporções de 1,00 e 1,50 que são integradas através da progressão 2 métricas uma para cada Eixo de implantação dando flexibilidade à dinâmica dos espaços interiores.

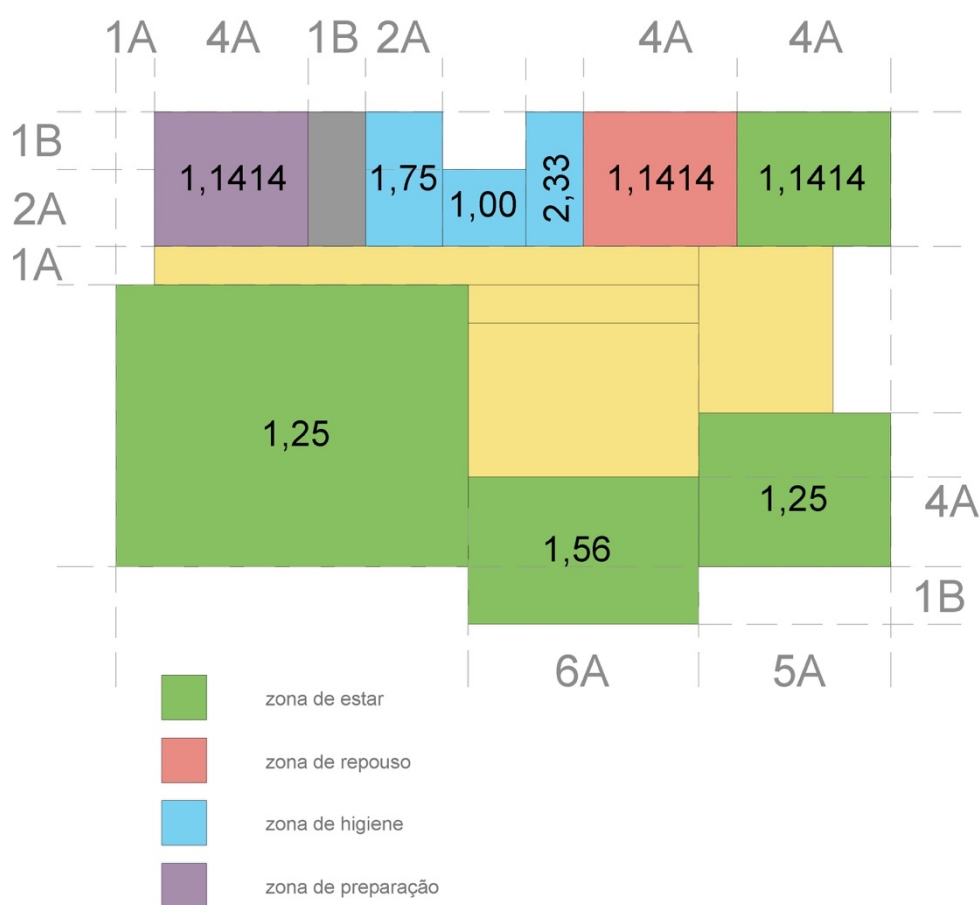


Figura 77 - análise gráfica das proporções base para a Proposta (Ilustração do autor)

Através dos parâmetros definidos criamos uma base para o estudo da proposta da Villa Pino que será desenvolvida através de métodos de desenho de esboço em planimetrias e espaciais, estudos volumétricos aliadas à informação técnica para cada elemento construtivo proposto. Os diagramas ilustrados neste capítulo não refletem o produto final da proposta, mas sim uma transposição gráfica do enquadramento teórico que irá sofrer alterações inevitáveis no decorrer do desenvolvimento do projecto ilustrado pelo anexo 3 e subsequentes.

Página intencionalmente em branco

XIV. CONCLUSÕES

O desenvolvimento socioeconómico da região algarvia teve um aumento exponencial no início da década de 1970 com o advento do turismo na Europa, com mais relevância as regiões do litoral Mediterrâneo. Com efeito a região Algarvia sofre uma alteração profunda na sua paisagem Arquitectónica provocada através da implementação de tipos como o Hotel, Aparthotel e *Villa*, dos quais o último é aquele que tem mais expressão na região.

Localizada nas periferias dos centros urbanos, a *Villa* pode estar localizada em contexto rural ou em “territórios turísticos”, também denominados por “cidades de lazer”, sendo os últimos aqueles que se enquadram no conceito de *Villegiatura* do tipo *Villa*, explorando o afastamento da malha urbana que cria um ambiente de baixa densidade populacional e distinto socialmente, também devido às atrações de lazer e altos valores imobiliários inerentes às qualidades descritas.

A *Villa* é um conjunto de espaços divididos em 4 zonas gerais; estar, repouso, higiene e preparação; dicotomia proposta para obter uma análise homogênea e objectiva da organização interna. Estas zonas são transversais ao tipo *Villa* e assim cada uma foi caracterizada com uma proporção específica que se conclui ser a mais utilizada, estes espaços são agregados por uma métrica que conjuga as várias proporções num todo que forma o objeto arquitectónico em que se vive o interior em consonância com o seu espaço de implantação que se afigura como um lote inserido numa “cidade de lazer”. O esquema de implantação o centralizado promove a divisão intrínseca do espaço de entrada para o espaço de logradouro que apresenta as atrações turísticas de um campo de golf e vista lago. Segundo dados estatísticos dos Censos 2011 a proporção de espaços de repouso será de 4 quartos definindo uma geração de casal jovem e com 1,4 filhos, de um estrato socioeconómico de elite.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. ARGAN, Giulio Carlo - **El concepto del espacio Arquitectónico, desde el Barroco a nuestros días**. Argentina : Ediciones Nueva Visión, 1973.
2. AUGÉ, Marc - **Não-lugares..** PAPIRUS, 2010. ISBN 978-85-308-0291-2
3. CULLEN, Gordon - **Concise Townscape**. Routledge, 2012. ISBN 978-1-136-02089-6.
4. HALL, Edward Twitchell - **The Hidden Dimension**. Anchor Books, 1990. ISBN 978-0-385-08476-5.
5. HORTA, Paulo - **Genótipo e Fenótipo :: PauloHorta - Psicologia B** - [Em linha] [Consult. 28 jan. 2018]. Disponível em WWW:<URL:[<https://paulohorta-psicb.webnode.pt/conceitos/cerebro/genetica/genotipo-e-fenotipo-/>](https://paulohorta-psicb.webnode.pt/conceitos/cerebro/genetica/genotipo-e-fenotipo-/)>.
6. LAMAS, José M.Ressano Garcia - **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. ISBN 978-972-31-0903-0.
7. LYNCH, Kevin - **The Image of the City..** MIT Press, 1960. ISBN 978-0-262-62001-7
8. NEUFERT, Ernst; FRANCO, Benelisa - **Arte de projetar em arquitetura**. São Paulo : Gustavo Gili, 2013. ISBN 978-85-65985-08-6.
9. NORBERG-SCHULZ, Christian - **Architecture: presence, language and place**. Milan : Skira Editore, 2000. ISBN 978-88-8118-700-3.
10. ROSSI, Aldo - **A Arquitetura da Cidade**. Edição: 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001. ISBN 978-85-336-1401-7.
11. ZUMTHOR, Peter - **Atmospheres: Architectural Environments, Surrounding Objects**. Birkhäuser, 2006. ISBN 978-3-7643-7495-2.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

12. AGAREZ, Ricardo Costa - **Algarve building: modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965**. New York : Routledge, Taylor & Francis Group, 2016. ISBN 978-1-4724-5684-7.
13. CCDR-ALG - **Relatório do Estado do Ambiente no Algarve**. ISBN 972-95734-7-6. Algarve, 2005.
14. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana - **Arquitectura no Algarve: dos primórdios à actualidade : uma leitura de síntese**. Porto : Afrontamento, 2006. ISBN 978-972-36-0805-2.
15. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana - **A casa popular do Algarve: espaço rural e urbano, evolução e actualidade**. Portugal: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, 2008. ISBN 978-972-36-0980-6.
16. HASS, Heiko & JANOSCHKA, Micheal- **Contested Specialities, Migration and Residential Tourism**. Ebook/epub 9781136232374 PDF 9871136232381. Boston, Taylor and Francis, 2013.
17. HITCHCOCK, Henry-Russel, Jr. & Philip Johnson - **The International Style: Architecture since 1922** - New York, W.W.Norton & Co., 1932. Descarregado de https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2044_300061855.pdf
18. GLADSTONE, David L.-Artigo in Urban Affairs Review. **Tourism Urbanization in the United States**. Vol.34, nº1, (Setembro 1998) p. 3-27. (Consult.25/10/2018). Disponível em <https://doi.org/10.1177/107808749803400101>
19. LE CORBUSIER - **THE MODULOR - A Harmonious Measure to the Human Scale Universally applicable to Architecture and Mathematics**. Boston, 1954-2000. ISBN 3-7643-6188-3.
20. LE CORBUSIER - **Towards A New Architecture**. New York: Dover Publications Inc, 1986. ISBN 0-486-25023-7.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

21. LEONI, Giacomo – **The Architecture of Palladio In Four Books** – Vol.1, Anexos; Vol.2, Cap.III Londres, John Watts, 1715
22. MACIEL, M. Justino - **Vitrúvio, Tratado de Arquitectura**. Cap. III, p. 126,127 e 130 3ª Ed. Lisboa: IST Press 2009. ISBN 978-972-8469-44-3.
23. MARTINS, Artur; CASTRO, Celestino de; TORRES, Fernando - **Arquitectura popular em Portugal. Vol. 3: ...** 3. ed Lisboa: Ordem dos Arquitectos 1988. ISBN 978-972-97668-7-9.
24. MULLINS, Patrick – Artigo *in* Tourist Urbanization. **International Journal of Urban and Regional Research**. (2009) Vol.15, nº3 p.326–342. (Consult.25/10/2018). Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.1991.tb00642.x>
25. PIRES, Amílcar Gil – **A Villa Renascentista-Arquitectura, Jardins e Paisagem**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, Dezembro 2016. ISBN 978-989-658-377-4.
26. RICOTTI, Eugénia Sláza Prina- Biblioteca online Duke University, US- **Villa Laurentina por Ricotti**. (1984) (consultado a 12/08/2018) disponível em: http://people.duke.edu/~wj25/UC_Web_Site/pliny/villas/chap3/laurentine-ricotti.html
27. ROWE, Colin – **The Mathematics of the Ideal Villa and Other Essays** Cambridge: The MIT Press, 1976
28. SERLIO, Sebastiano – **The Fourth Book. Rules For Masonry, Or Building** - London, Robert Peake, 1611. Descarregado de <http://www.internetarchive.org/>

29. WILLIAMS, Kim; OSTWALD, Micheal – The Square and the Roman House: Architecture and Decoration at Pompeii and Herculaneum *in* **Architecture and mathematics from antiquity to the future: antiquity to the 1500s**. Vol.2 Cap14. Pt. 201-213, New York, NY : Springer Berlin Heidelberg, 2015. ISBN 978-3-319-00136-4.
30. DELGADO, Anabela; Wall, Karin –**Famílias nos Censos 2011: diversidade e mudança**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2014. ISBN 978-972-671-336-4 (ICS)

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - Loteamento “São Lourenço” CML - 1/1996.....	92
ANEXO 2 – Legislação – Resumo de Condicionantes.....	93
ANEXO 3 – Estudos de Planimetrias.....	94
ANEXO 4 – Estudos de Quarto Tipo.....	95
ANEXO 5 – Estudos de Volumetrias.....	96
ANEXO 6 – Estudos de Zona da Piscina.....	97
ANEXO 7 – Estudos de Piscina e Casa das Máquinas.....	98
ANEXO 8 – Estudos de Claraboia e Queda de Água.....	99
ANEXO 9 – Estudos de Maqueta.....	100
ANEXO 10 – Estudos de Maqueta.....	100
ANEXO 11 – Peças Desenhadas.....	101
ANEXO 11.1 – Local de Implantação Plano Urbano.....	102
ANEXO 11.2 – Planta de Rés-do-chão.....	103
ANEXO 11.3 – Planta de Cave.....	104
ANEXO 11.4 – Planta de Piso 1.....	105
ANEXO 11.5 – Planta de Cobertura.....	106
ANEXO 11.6 – Alçados.....	107
ANEXO 11.7 – Alçados.....	108
ANEXO 11.8 – Cortes.....	109
ANEXO 11.9 – Cortes.....	110
ANEXO 11.10 – Cortes.....	111

LOTEAMENTO S. LOURENÇO - QUADRO DE ÁREAS

LOTE Nº	ÁREA (CONSTRUÇÃO) (M²)	ÁREA (M²)	Ocupação (M²)
1	2.540,00	520,00	1.020,00
2	2.120,00	480,00	1.000,00
3	2.080,00	477,00	1.000,00
4	2.170,00	477,00	1.000,00
5	1.900,00	380,00	1.000,00
6	2.050,00	470,00	1.000,00
7	2.040,00	470,00	1.000,00
8	3.030,00	680,00	1.000,00
9	3.230,00	847,00	1.000,00
10	2.860,00	570,00	1.000,00
11	1.930,00	370,00	1.000,00
12	1.830,00	367,00	1.000,00
13	1.730,00	344,00	1.000,00
14	1.840,00	360,00	1.000,00
15	2.200,00	441,00	1.000,00
16	2.140,00	428,00	1.000,00
17	2.280,00	458,00	1.000,00
18	2.330,00	467,00	1.000,00
19	2.980,00	613,00	1.000,00
20	2.880,00	619,00	1.000,00
21	1.930,00	387,00	1.000,00
22	2.430,00	484,00	1.000,00
23	2.790,00	559,00	1.000,00
24	2.730,00	547,00	1.000,00
25	2.730,00	544,00	1.000,00
26	2.430,00	487,00	1.000,00
Total	59.580,00	11.800,00	

LOTEAMENTO S. LOURENÇO - QUADRO DE ÁREAS

LOTE	ÁREA LOTE (M²)	ÁREA CONSTRUTIVA (M²)	ÁREA DE CIRCULAÇÃO (M²)	ÁREA DE VERDE (M²)	ÁREA TOTAL (M²)
27	1.840	377	1.074	1.180	4.471
28	1.840	377	1.074	1.180	4.471
29	1.840	377	1.074	1.180	4.471
30	1.840	377	1.074	1.180	4.471
31	1.840	377	1.074	1.180	4.471
32	1.840	377	1.074	1.180	4.471
Total	10.960	2.220	6.456	7.080	26.716

LOTEAMENTO S. LOURENÇO - RESUMO DE ÁREAS

ÁREA DOS 32 LOTES	59.580,00 M²
ÁREA DOS 6 LOTES	14.020,00 M²
ÁREA TOTAL DE LOTES	73.600,00 M²
ÁREA DE CIRCULAÇÃO	
ARRUAMENTO	9.730,00 M²
CIRCUITO PEDESTAL	3.430,00 M²
TOTAL ESTRUTURA URBANA	13.160,00 M²
ESPAÇOS VERDES	
ZONA VERDE	58.580,00 M²
TOTAL DE ESPAÇOS VERDES	58.580,00 M²
ÁREA TOTAL DE CIRCULAÇÃO	48.780,00 M²
ÁREA TOTAL DO LOTEAMENTO	142.880,00 M²

Quinta do Lago S.A.
 Sociedade de Planeamento e Desenvolvimento de Imóveis, S.A.
 Quinta do Lago, Alentejo

DEPARTAMENTO TÉCNICO

0 TÉCNICO: *[Assinatura]*

0204

LOTEAMENTO S. LOURENÇO

02040004

PLANTA FINAL
SÍNTESE E CÉDULAS

ESCALA: 1/1000 DATA: Maio 2005

ESTUDO: 02040004 APROVAÇÃO:

COPIA DE: *[Assinatura]*

Projeto nº: 02040004

02040004 nº 01

Anexo 1 – Loteamento “São Lourenço” CML - 1/1996

XV. ANEXO 2**Legislação - Resumo de Condicionantes – REGEU/ACESSIBILIDADE; PDM Loulé;
REMUE****REGEU / ACESSIBILIDADE**

Pé-Direito mínimo: $(H) \geq 2,40\text{m}$ em zonas de estar e zonas de repouso; $(H) \geq 2,20\text{m}$ em zonas húmidas, zonas de preparação, acessos e serviços.

Instalações Sanitárias: $\geq 4,5\text{m}^2$ (T3 e T4) ; $\geq 6\text{m}^2$ ($\geq T5$); pelo menos 1 I.S. preparada para utilizadores com mobilidade condicionada na qual se possa inscrever $(L) 1,50\text{m}$ de raio livre no piso da porta de entrada da habitação, o espaço interior deverá ter $(L) \geq 1,60\text{m}$ e $(C) \geq 1,70\text{m}$.

Garantir: corredores $(L) \geq 1,10\text{m}$, portas interiores $(L) \geq 0,80\text{m}$, portões para automóveis $(L) \geq 3,50\text{m}$, roupeiros $(L) \geq 0,65\text{m}$, guardas interiores e exteriores $(L) \geq 1,10\text{m}$.

Altura máxima de espelho dos degraus $-(H) \leq 0,18\text{m}$

Altura máxima da transição exterior – interior $-(H) \leq 0,02\text{m}$

PDM Loulé

Cércea Máxima $-(H) \leq 6,50\text{m}$; desde a cota de soleira até á platibanda da última cobertura.

Afastamento mínimo das construções a todos os limites do lote $-(C) \geq 6,50\text{m}$

REMUE

Cércea Máxima $-(H) \leq 6,50\text{m}$; desde a cota de soleira até á platibanda da última cobertura.

Afastamento mínimo das construções a todos os limites do lote $-(H) \geq 6,50\text{m}$

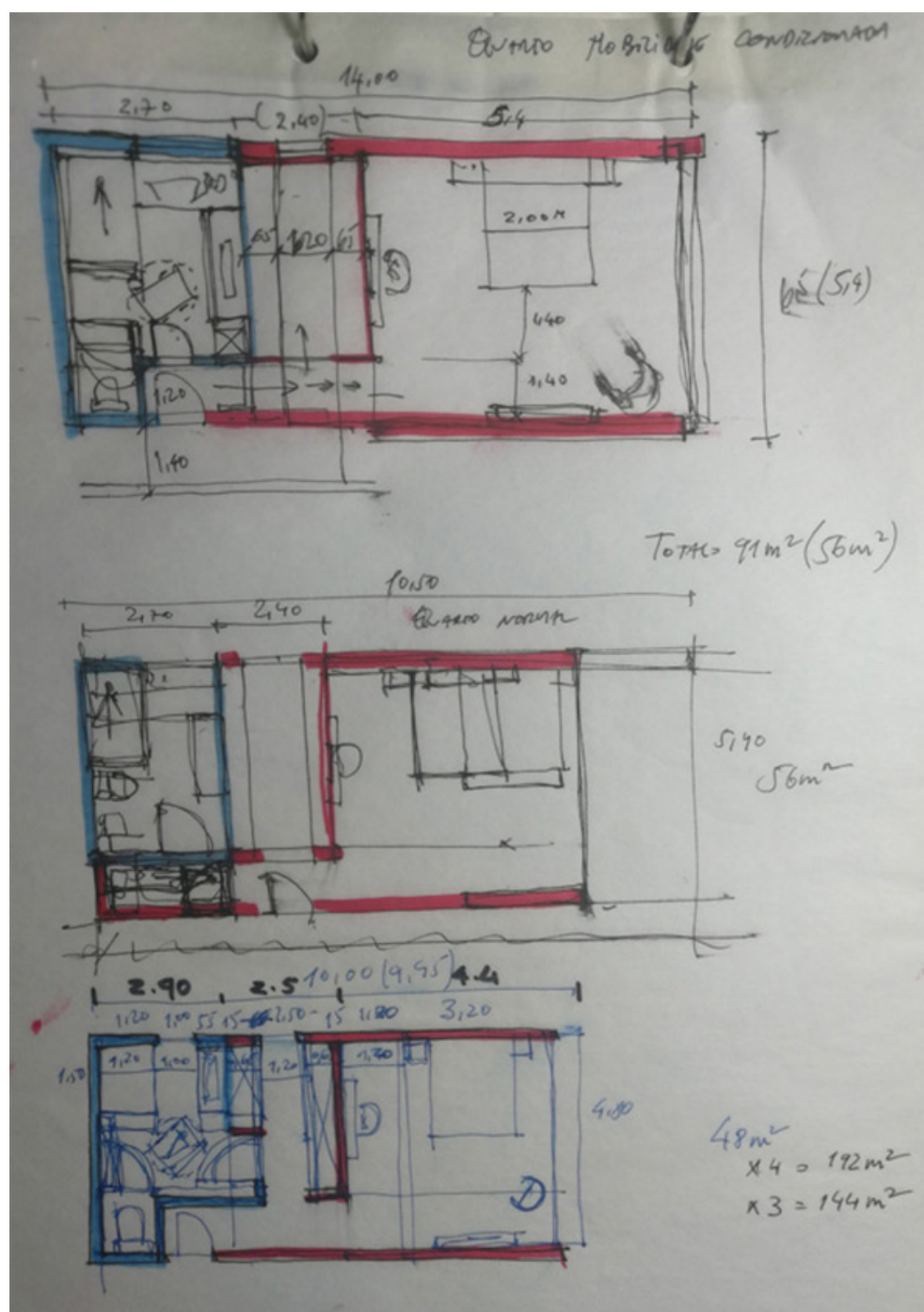
Muros de vedação $(H) \leq 1,20\text{m}$, não ultrapassando $(H) \leq 2,00\text{m}$ no terreno vizinho.

Sebes arbóreas $(H) \leq 2,00\text{m}$

XV. ANEXO 3

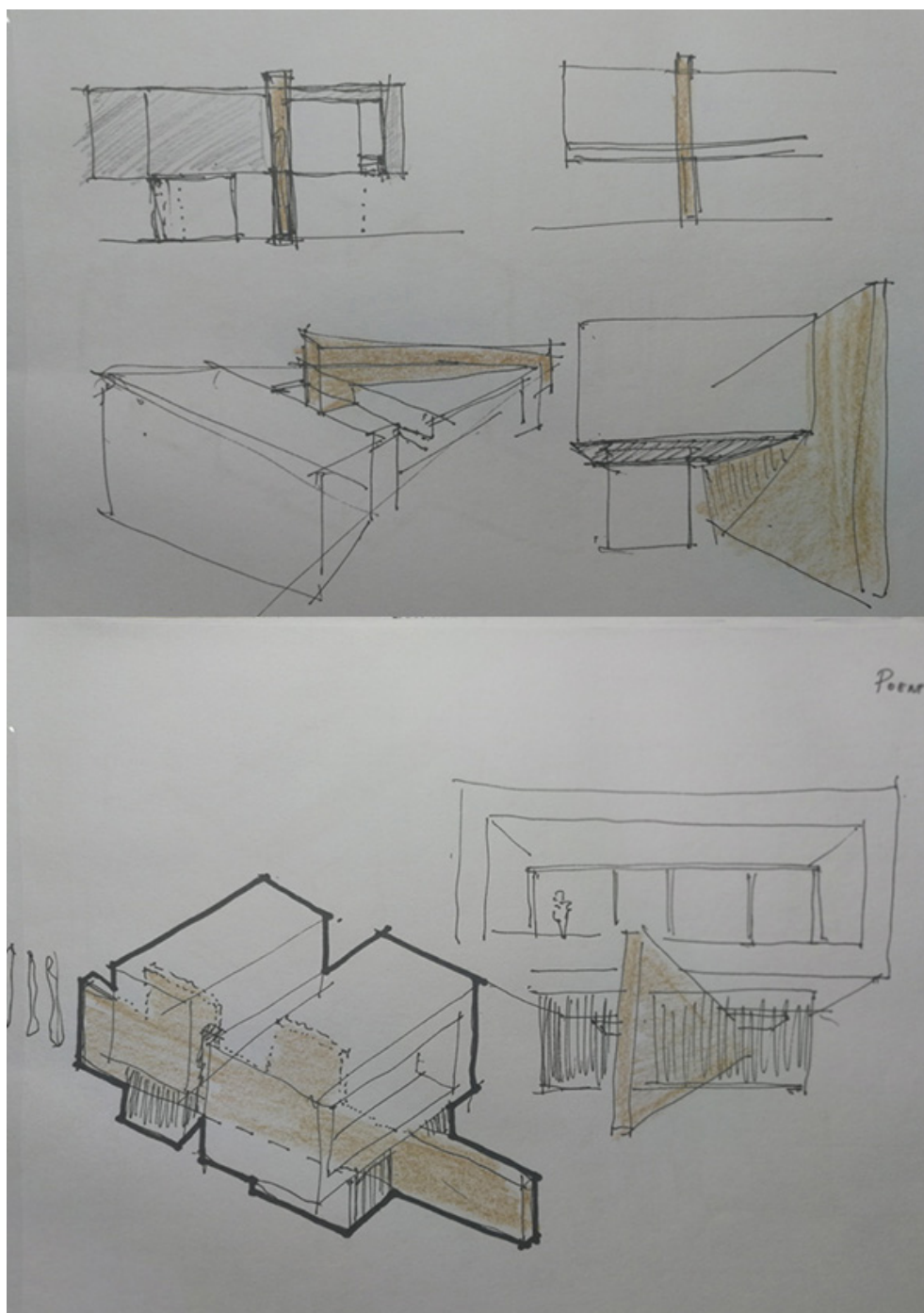
*Anexo 3 – Estudo de Planimetrias*

XV. ANEXO 4

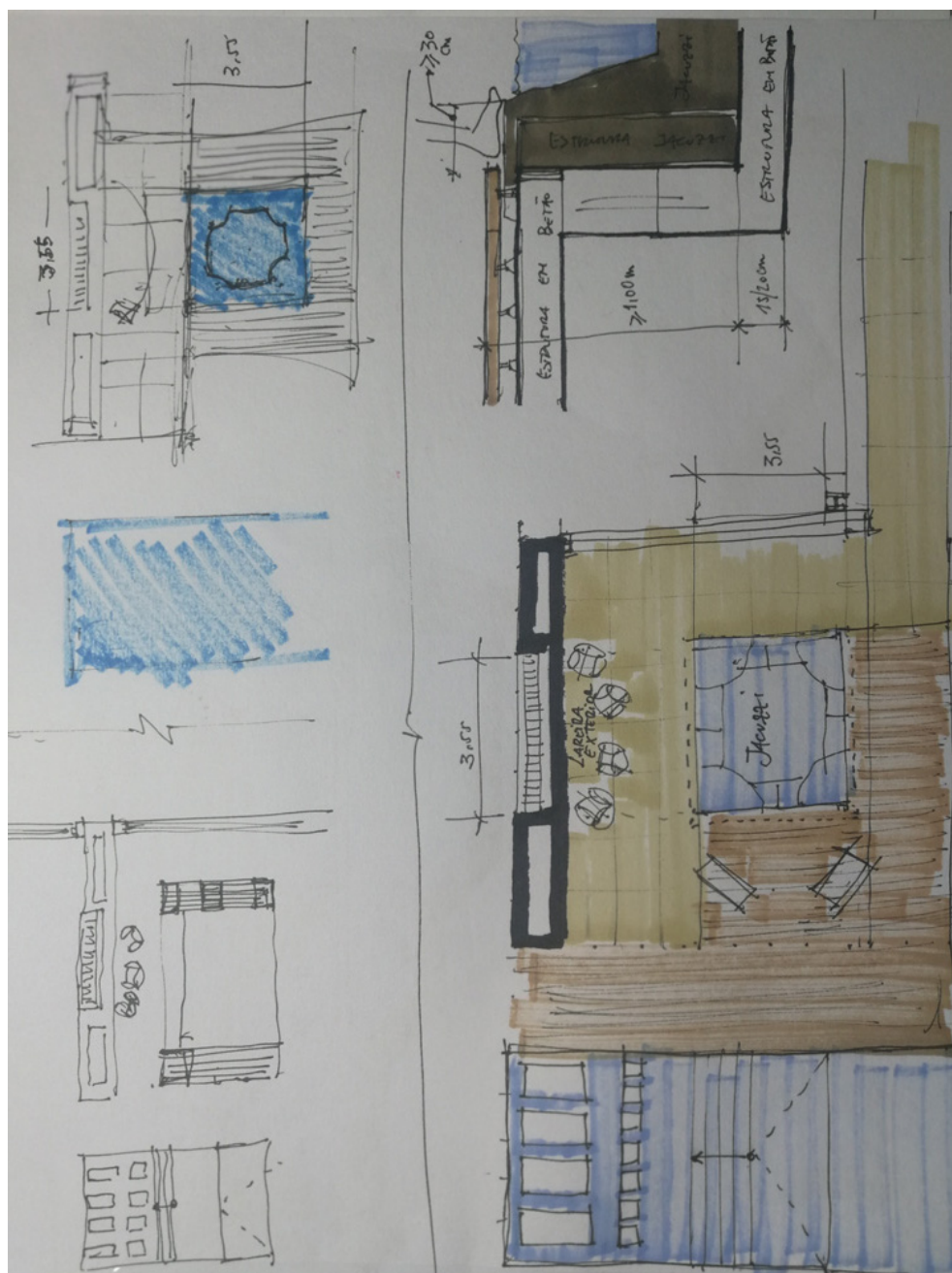


Anexo 4 – Estudo de Quarto Tipo

XV. ANEXO 5

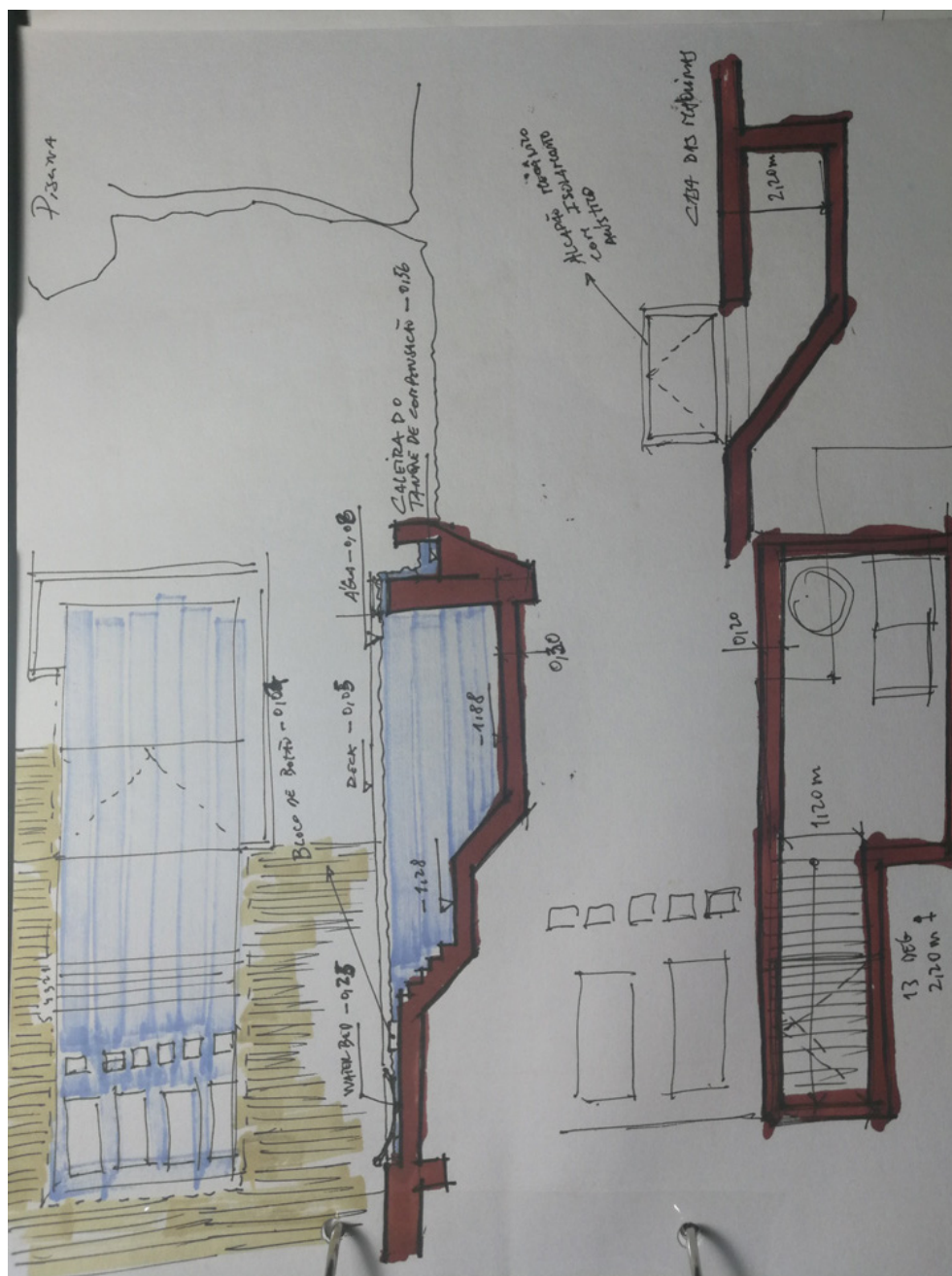
*Anexo 5 – Estudo de Volumetrias*

XV. ANEXO 6



Anexo 6 – Estudo de Zona de Piscina

XV. ANEXO 7

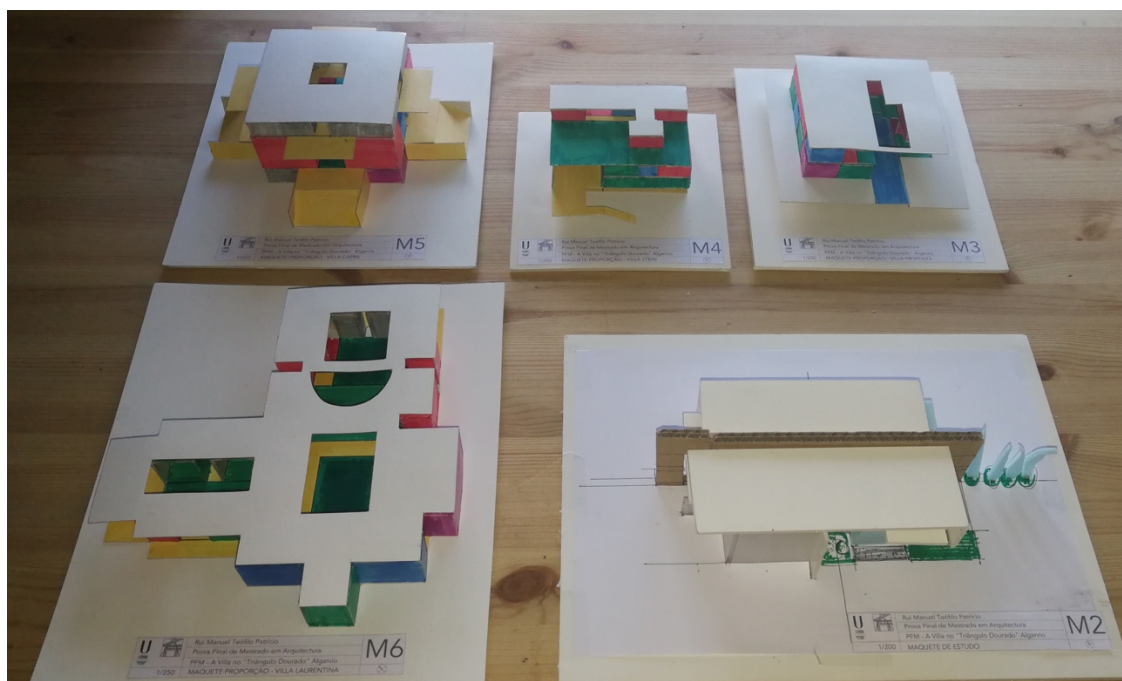


Anexo 7 – Estudo de Piscina e Casa das Máquinas

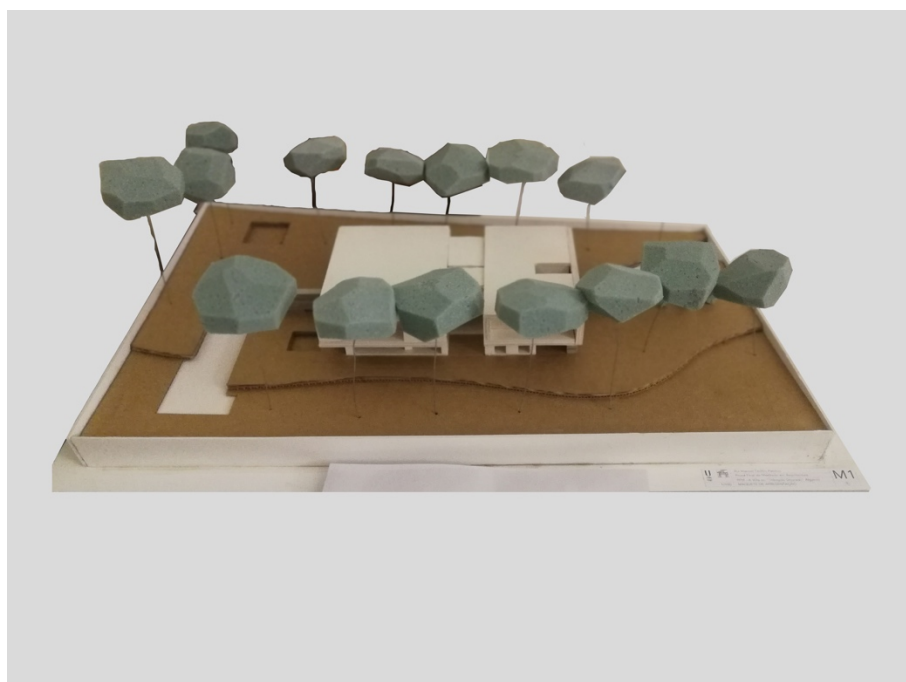
[illegible]

99

XV. ANEXO 9

*Anexo 9 – Estudo de Maqueta*

XV. ANEXO 10

*Anexo 10 – Estudo de Maqueta*

XV. ANEXO 11 – PEÇAS DESENHADAS

Triângulo Dourado Algarvio

Lago

Circuito de Golf

Zona Residencial

Eixo Viário

Lote 32

Lote 31

Lote 30

Lote 10
A.L. 2890 m2
A.B.C. 578 m2

Lote 9

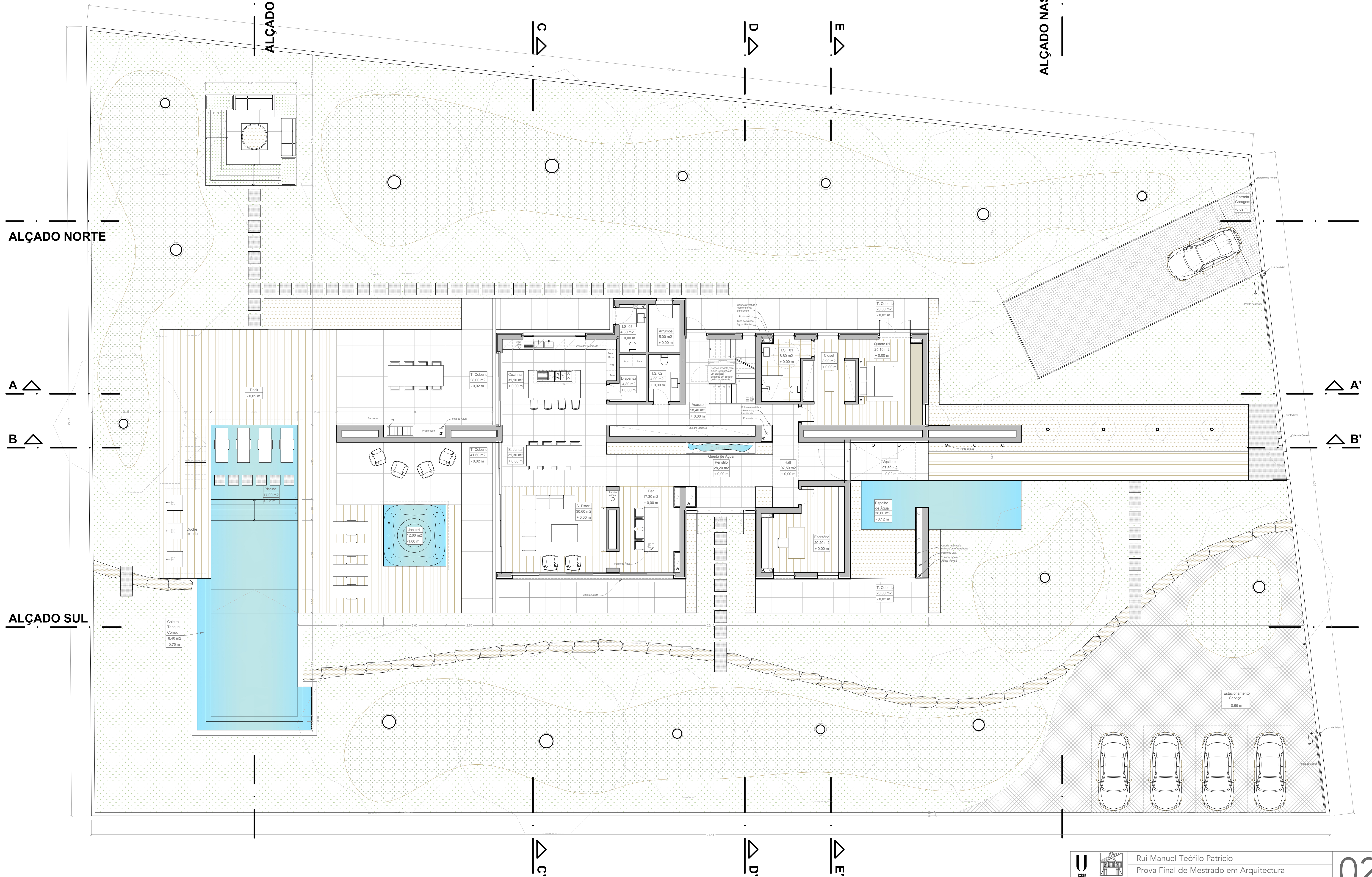
Plano Quinta do Lago | Urbanização Pinheiros Altos

Circuito de Golf
Corredor Arbóreo - Pinheiros Altos
Área de cedência/ Infraestruturas
Corpos de água



Rui Manuel Teófilo Patrício
Prova Final de Mestrado em Arquitectura
PFM - A Villa no "Triângulo Dourado" Algarvio
LOCAL DE INTERVENÇÃO | PLANO URBANO

01



ALÇADO NORTE

A

B

ALÇADO SUL

ALÇADO POENTE

C

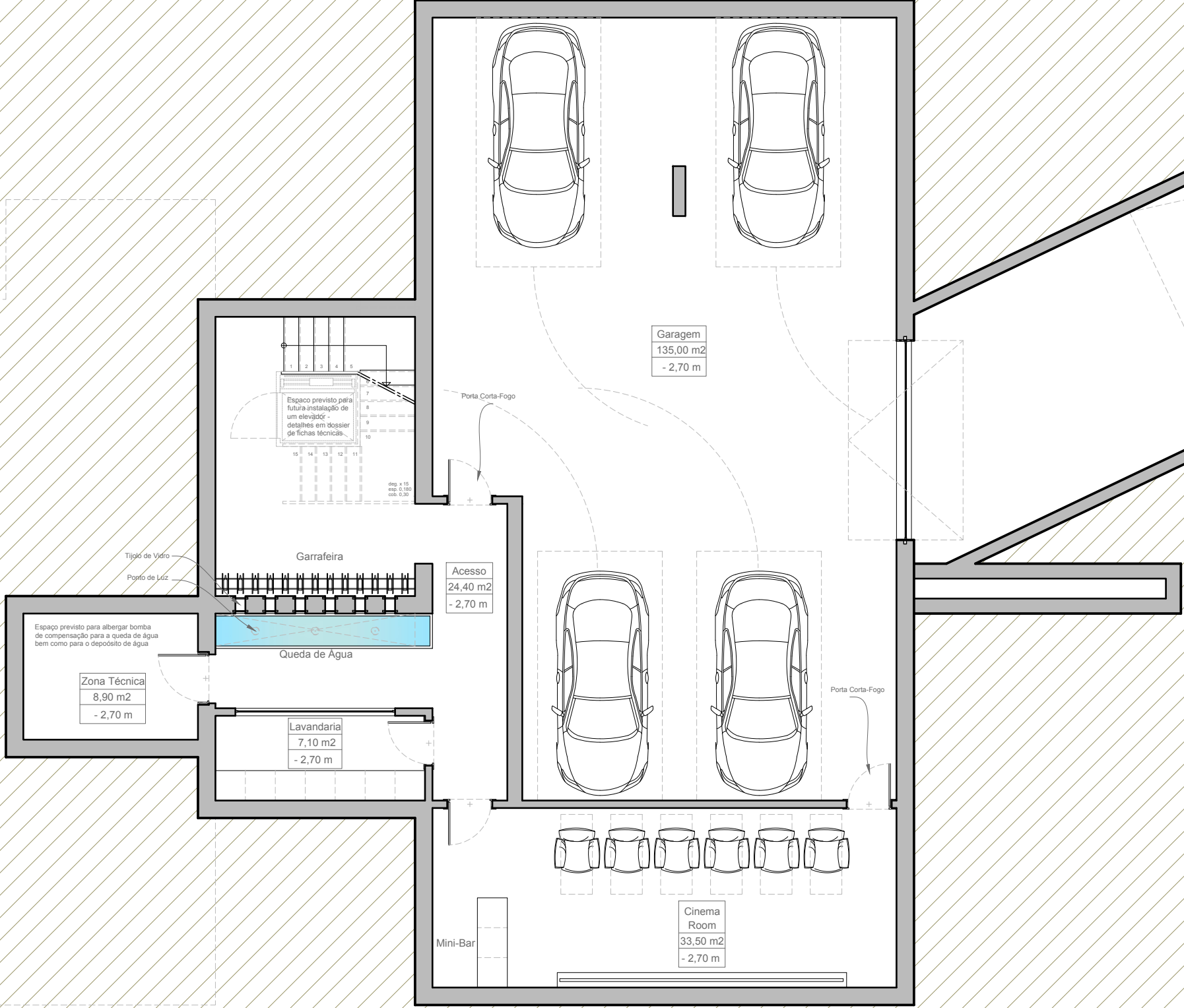
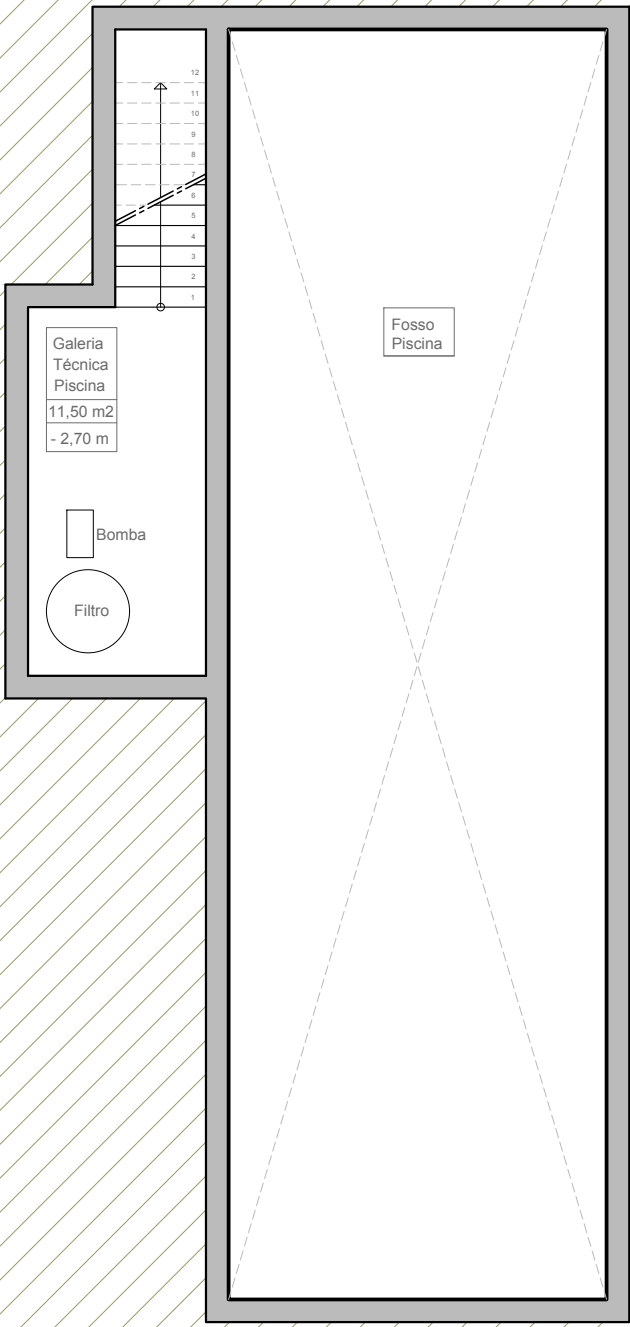
D

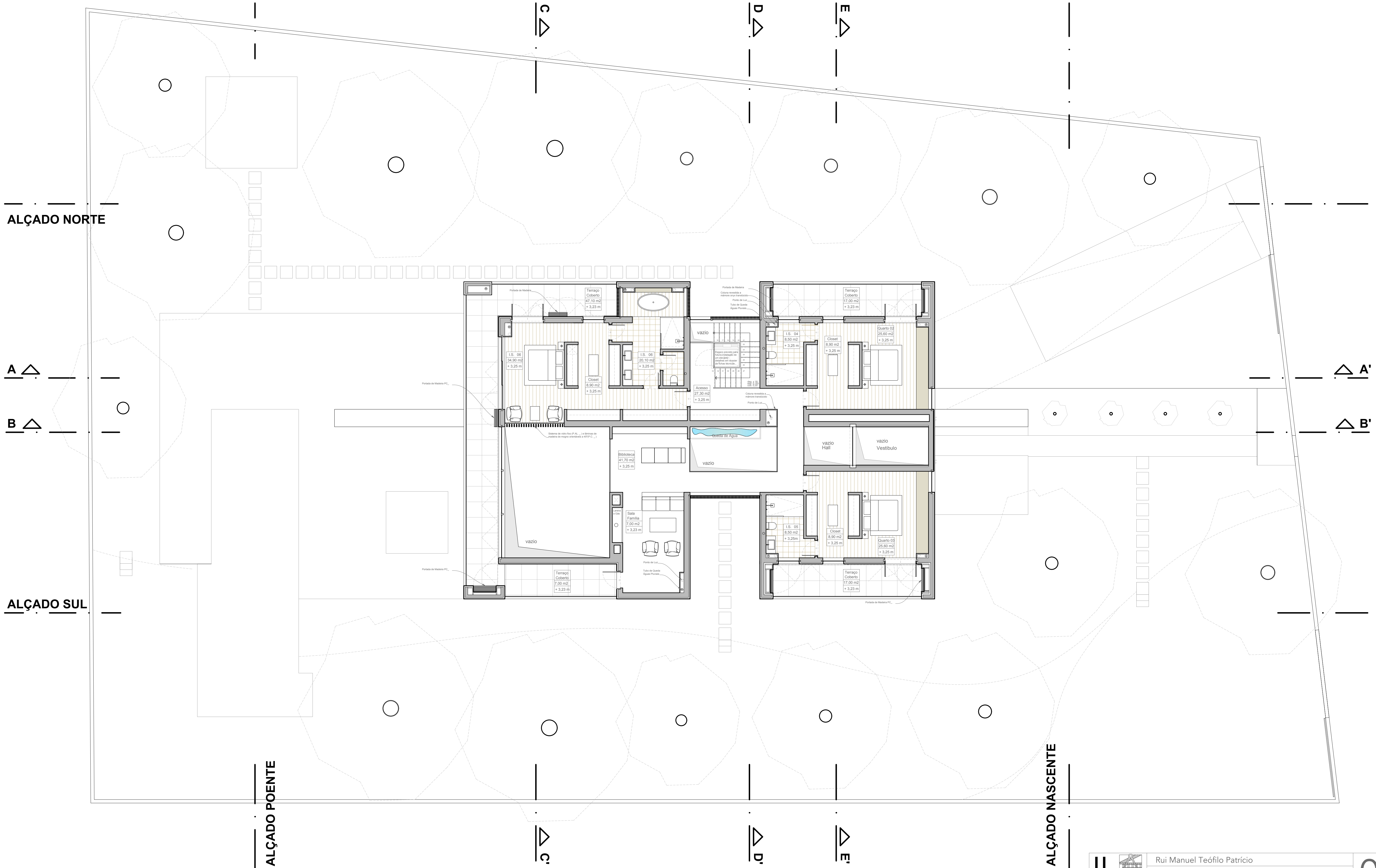
E

A'

B'

ALÇADO NASCENTE





ALÇADO NORTE

A

B

ALÇADO SUL

ALÇADO POENTE

C

D

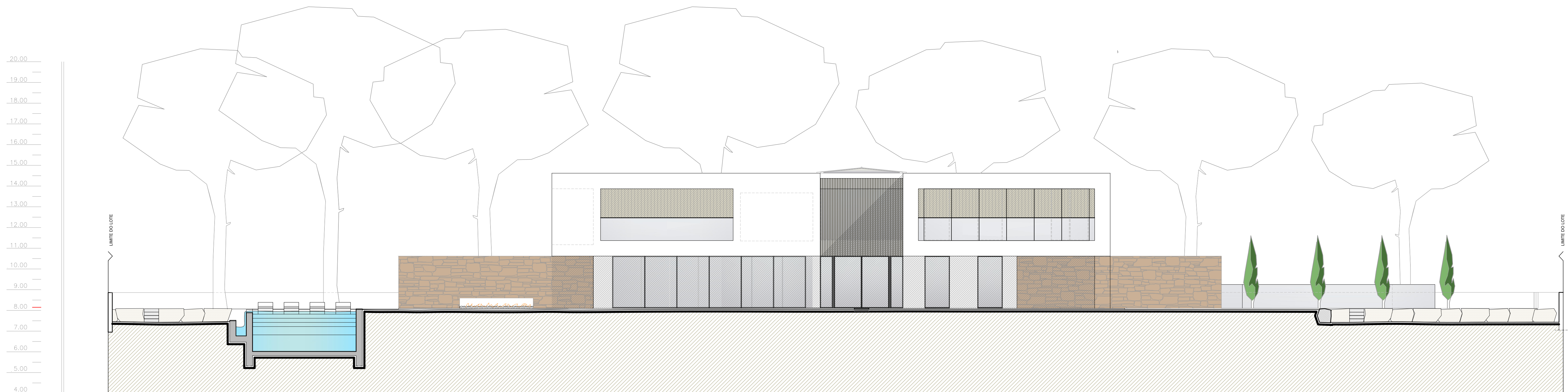
E

ALÇADO NASCENTE

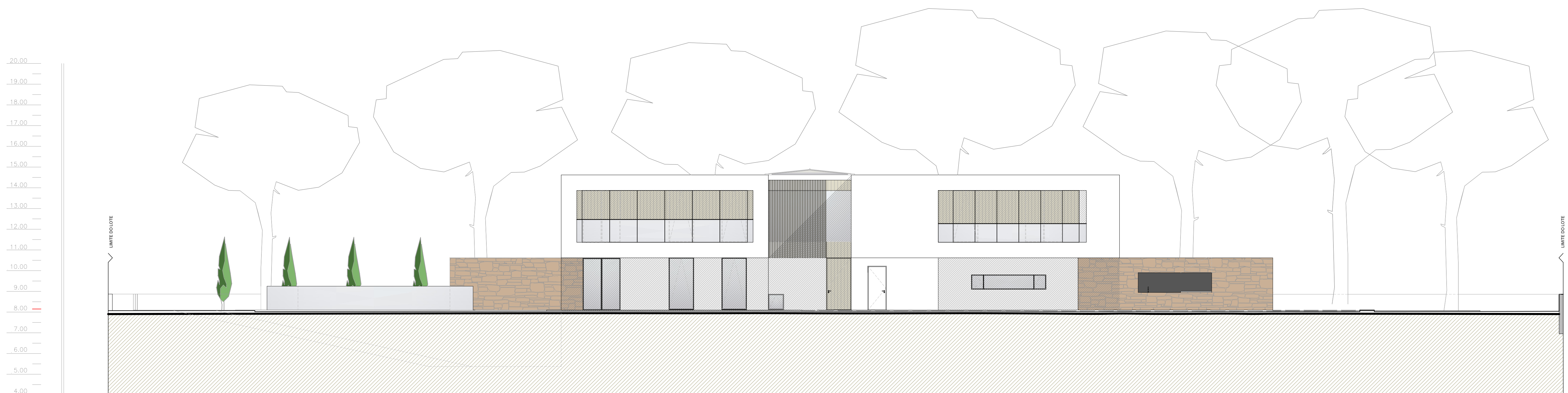
A'

B'

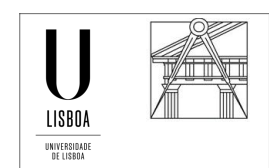
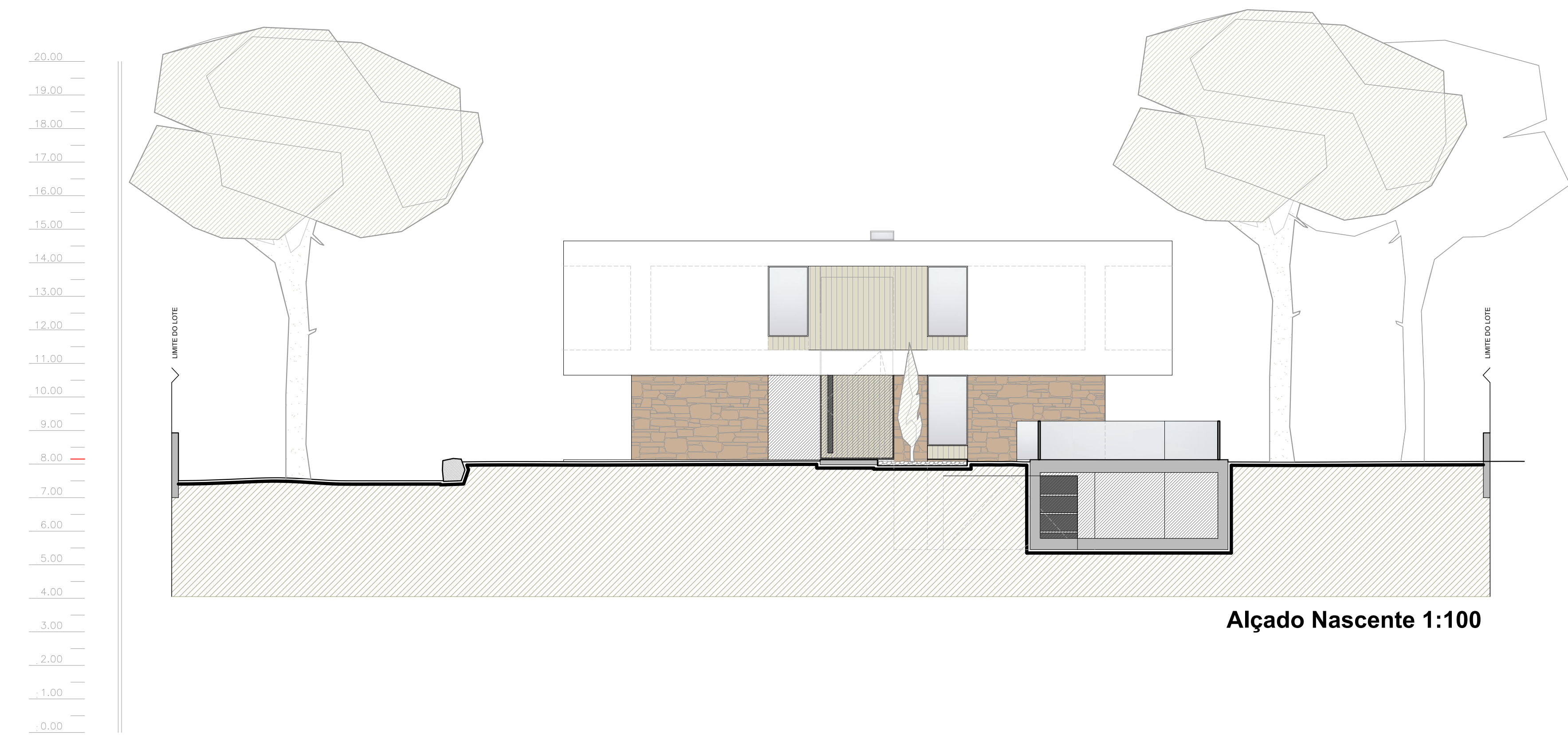
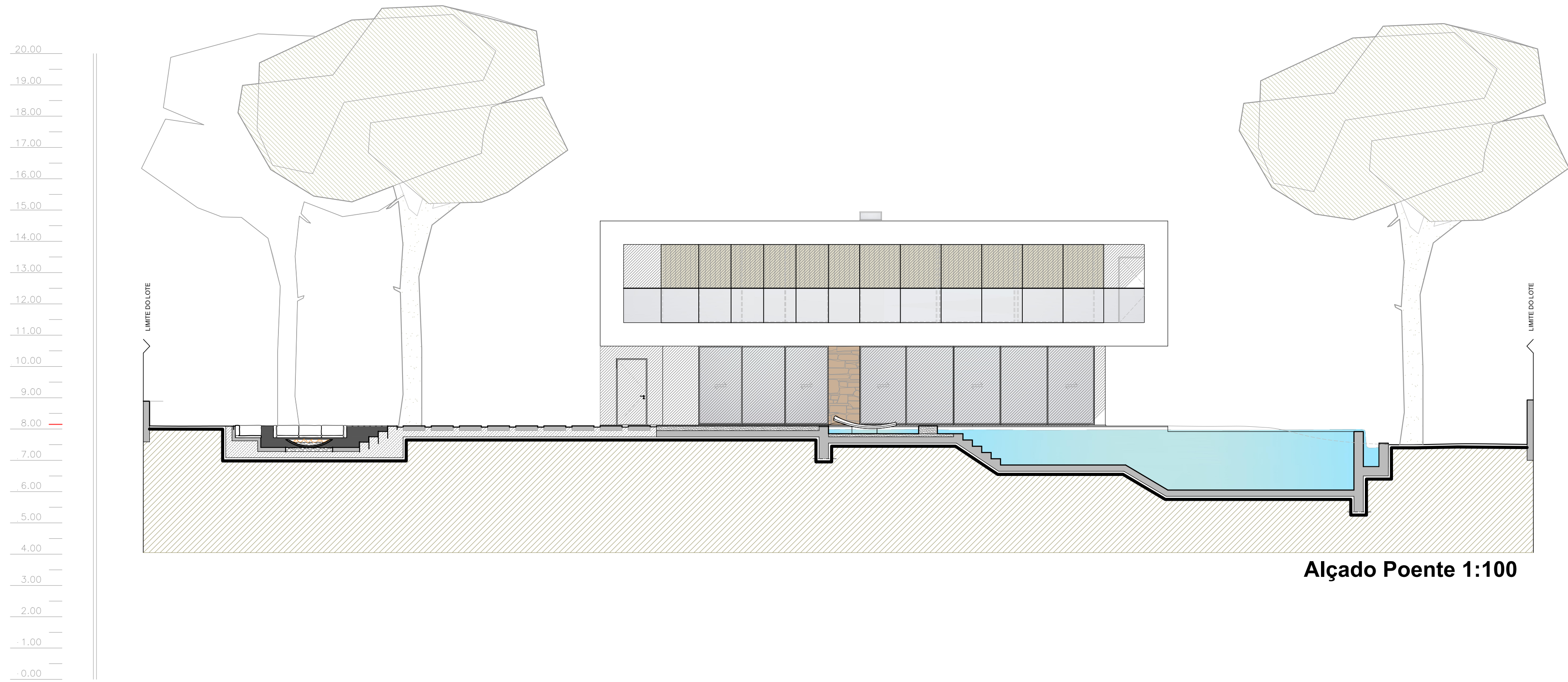


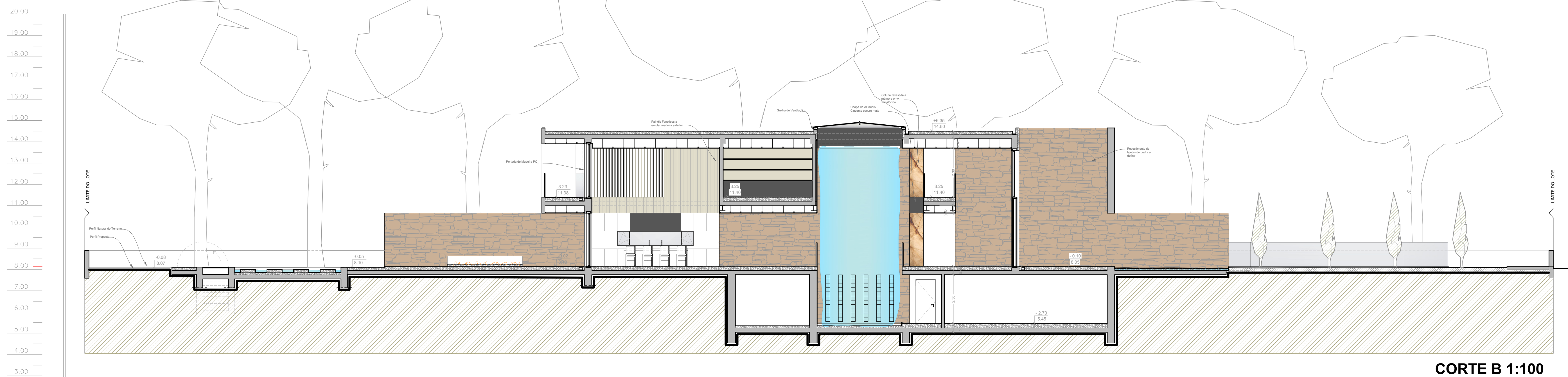
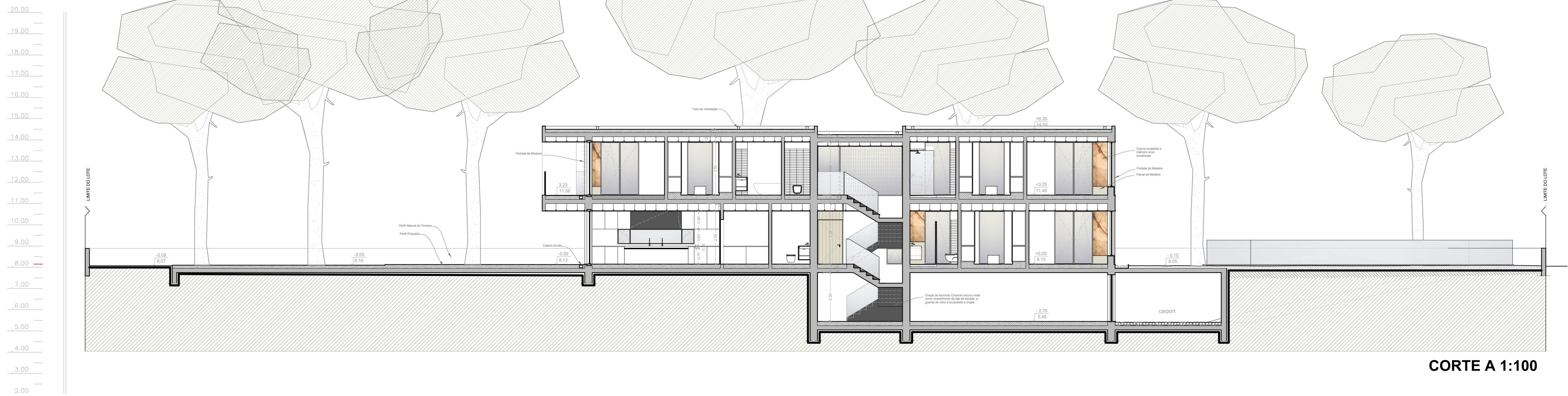


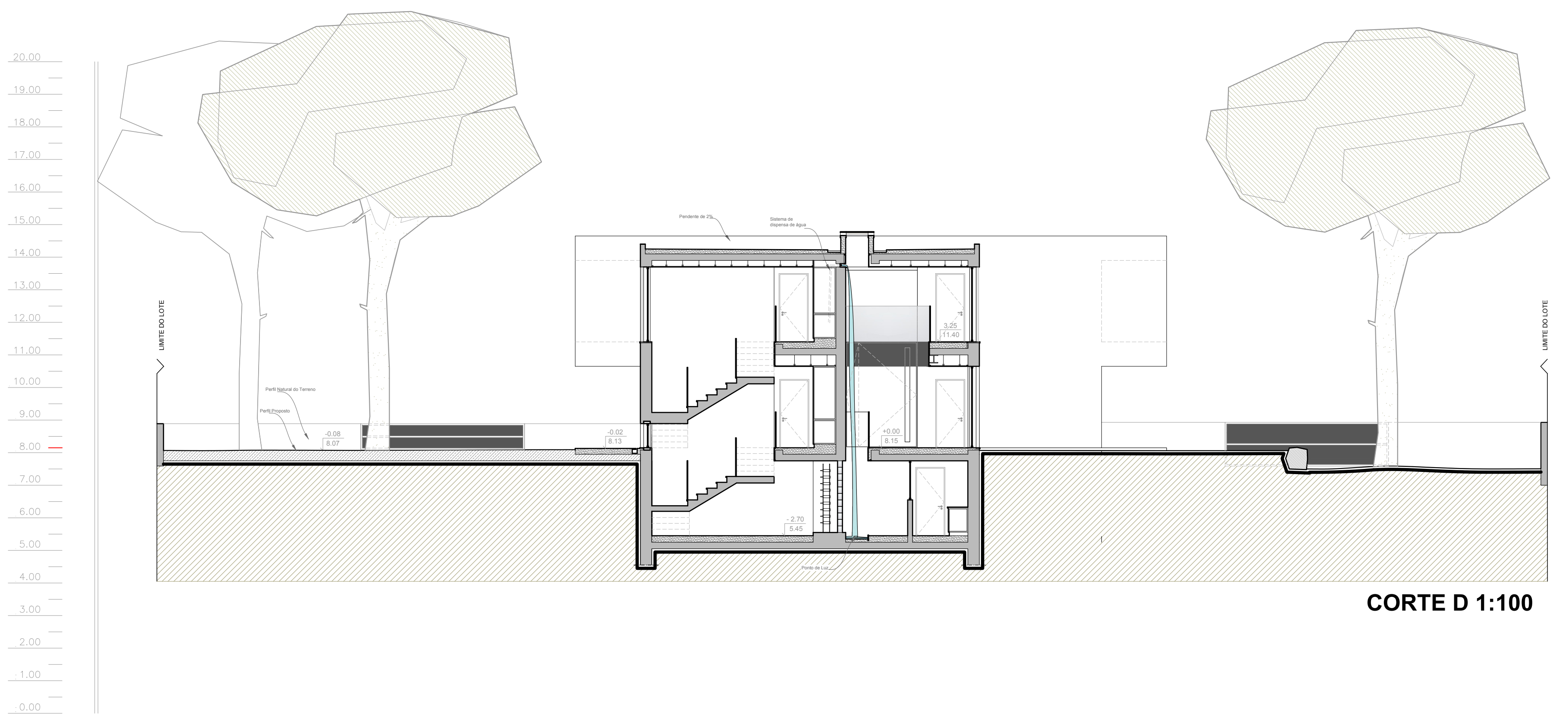
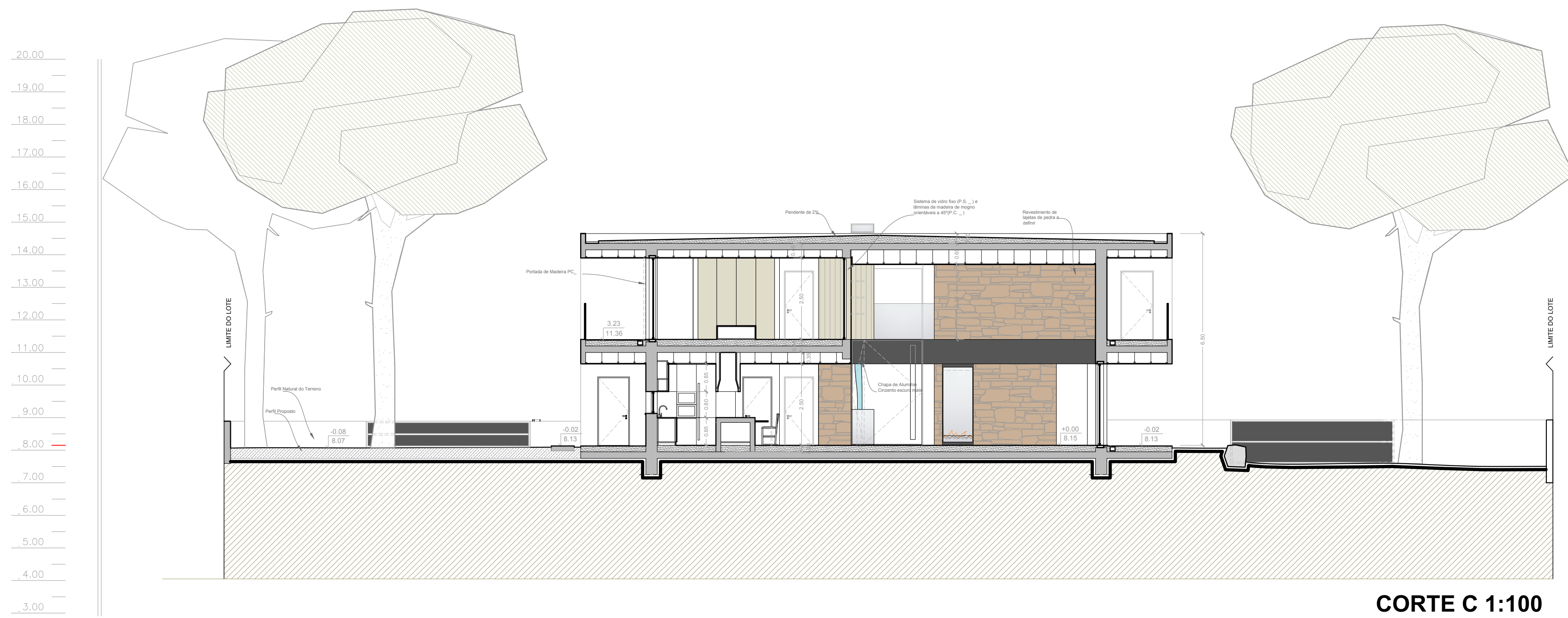
Alçado Sul 1:100

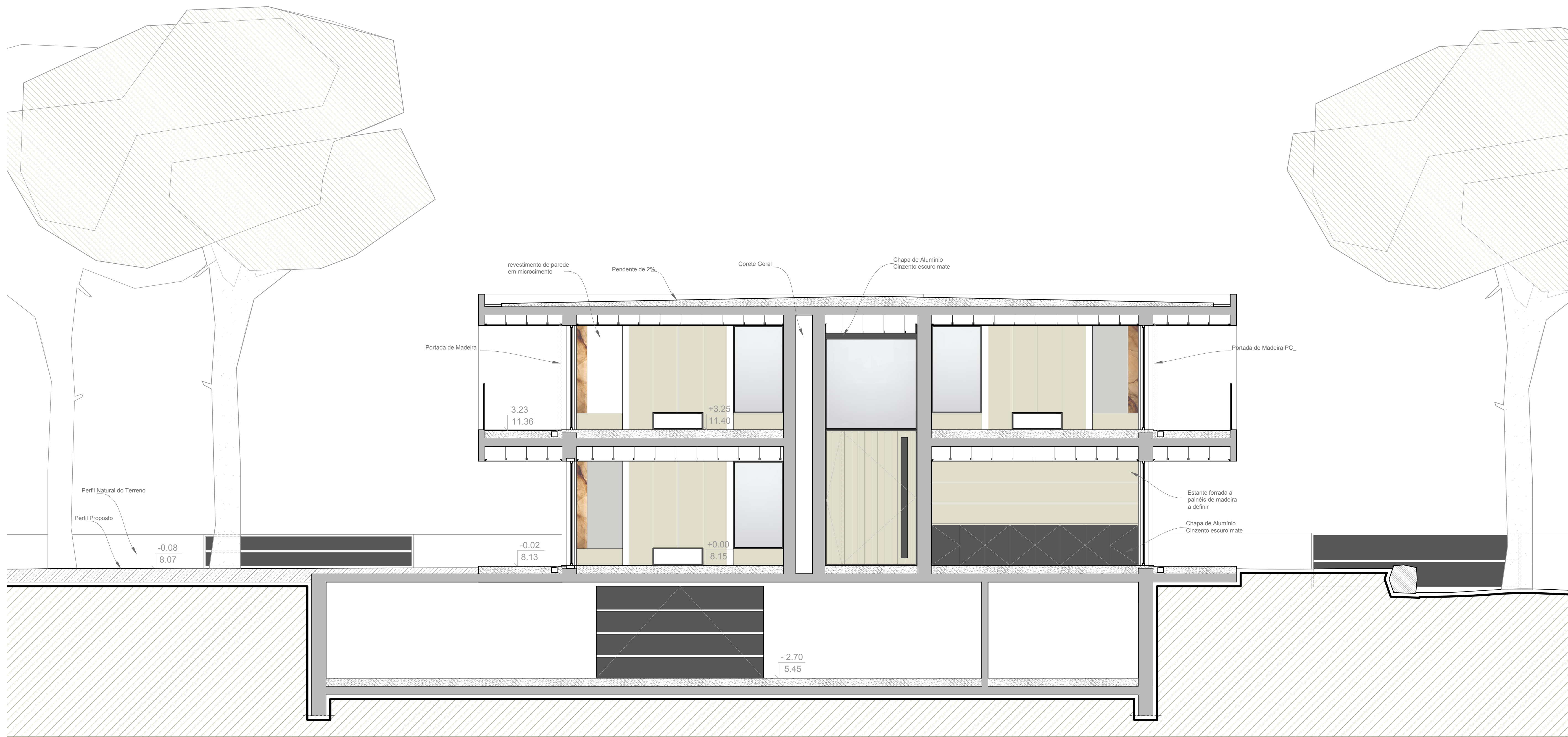


Alçado Norte 1:100









CORTE E 1:50



Rui Manuel Teófilo Patrício
Prova Final de Mestrado em Arquitectura
PFM - A Villa no "Triângulo Dourado" Algarvio
CORTES

A Villa no “Triângulo Dourado” Algarvio

O turismo como agente de transformação

Rui Manuel Teófilo Patrício

(Licenciado)

Orientador Científico:

Doutor Pedro Miguel Gomes Januário

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2019

Número total de palavras: 11480